



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEATRO

“MÃE GUERRA”:
Um processo Épico e Dialético de escrita e criação dramática.

LETÍCIA FRANCO SANTOS
Trabalho de Conclusão de Curso II

São Cristóvão/SE
2025

LETÍCIA FRANCO SANTOS

“MÃE GUERRA”:

Um processo Épico e Dialético de escrita e criação dramaturgica.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Teatro Licenciatura-Plena, da Universidade Federal de Sergipe como requisito à obtenção do grau de Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Dra^a Christine Arndt de Santana

**São Cristóvão/SE
2025**

LETICIA FRANCO SANTOS

"MÃE GUERRA":

Um processo Épico e Dialético de escrita e criação dramaturgica.

Relatório de TCC II apresentado ao curso de Teatro da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Teatro

São Cristóvão, 10 de setembro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Christine Arndt de Santana

Profa. Dra^a Christine Arndt de Santana
(Orientadora)

Márcia Baltazar

Profa. Dra^a Márcia Cristina Baltazar

Joana Angélica Lavalle

Prof. Dra^a Joana Angélica Lavalle de M. Silva

AGRADECIMENTOS

Existem muitos elementos que fazem uma pessoa se tornar uma artista. Recebi muitas inspirações e motivos, mas hoje sou a artista que sou por razão de muitas pessoas que me fizeram ver que a vida é importante, delicada e boa demais para passar por ela sem a arte e principalmente, sem fazer arte. O Teatro é a arte que escolhi como meu ofício e realizo meu desejo com muito amor, apoio, consciência e determinação para seguir criando.

Das pessoas que preciso agradecer, a minha mãe Maria Madalena, ou Lia como gosta de ser chamada, é a primeira da lista. Por todo amor que ela me presenteou na vida e todo apoio que eu nem precisei pedir. Agradeço minhas irmãs Bruna e Livia e meu irmão André, como também meus sobrinhos lindos Orion e Lara. Eles são os nomes da minha saudade, que me deram apoio e força para continuar minha formação de professora e artista longe da minha terra, Minas Gerais.

Dedico e agradeço ao meu avô Ângelo Franco (*in memoriam*) que me mostrou que a grandeza do amor está no dia a dia. Em sua memória, hoje faço o que alimenta a minha alma e tento viver rodeada de pessoas que amo e que me amam.

Agradeço imensamente ao meu pai João Marcos e a minha irmã Aimê, que foram minhas âncoras durante esses anos, me dando o privilégio de ter um colo familiar de muito amor, cuidado e carinho aqui em Sergipe.

Não tem como não agradecer aos meus queridos amigos Josimario Cesar, Hélien Augusta, Andrielle Alcântara, Laura Brandino, Arthur Gil, Valéria Bonfim, Edji Elisa, Carol Passos e Sofia Moura que me abraçaram desde o dia que me conheceram, atravessando meu caminho e também me formando artista com suas sensibilidades, afetos, poéticas e apoio, seja criando comigo ou apreciando essas criações. Hoje minha casa também são vocês, que não está presa a lugar algum e sim livre dentro de mim. Sou artista, professora e uma pessoa melhor graças a cada um de vocês.

Agradeço à minha orientadora Christine Arndt de Santana por acreditar no meu texto e no meu potencial enquanto artista e eterna estudante de teatro.

Também agradeço ao coletivo Afronte! e a Resistência do PSOL, por todo o processo de formação política para um entendimento do verdadeiro significado do trabalho coletivo. Por me mostrarem a importância de se colocar enquanto pessoa atuante no mundo, expandindo meu olhar crítico, muito necessário para minha expressão artística, mas também enquanto pessoa que quer transformar o que é possível e também o impossível. Agradeço a

cada oportunidade de vivenciar a universidade por completo, me oferecendo experiências que nunca vou esquecer. Seguimos na luta!

Ao Teatro, que pretendo dedicar toda a minha vida, me expressando, educando e aprendendo essa arte tão potente, agradeço pelo modo como existe e acontece em mim.

Quero agradecer ao Departamento de Teatro (DTE) por todo o processo formativo, também aos professores que me alimentaram de arte e acúmulo acrescentando na minha experiência profissional e, por fim, a banca avaliadora, por ler com cuidado este trabalho memorial e por participarem dessa etapa de finalização da minha graduação.

Nada é impossível de mudar

*Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.*

*E examinai, sobretudo, o que parece
habitual.*

Suplicamos expressamente:

*não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural,*

pois em tempo de desordem sangrenta,

de confusão organizada,

de arbitrariedade consciente,

de humanidade desumanizada,

nada deve parecer natural

nada deve parecer impossível de mudar.

(Bertolt Brecht)

RESUMO

Este presente trabalho é um memorial que relata o processo de criação da dramaturgia *Mãe Guerra* com inspiração livre das peças *Black Brecht: E Se Brecht Fosse Negro?* de Dione Carlos e *Mãe Coragem e Seus Filhos* de Bertolt Brecht. Os primeiros passos da criação foram desenvolvidos através do programa PIBIC 23/24 com a pesquisa “*Black Brecht*”: *Teatro Épico, Dramaturgia e Contemporaneidade*, com apoio financeiro da COPES no curso de Teatro- Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe. Este memorial propõe desenvolver sobre o processo de escrita, sendo fundamentada a partir do teatro de Brecht, bem como analisar os personagens e as relações sociais que geram os conflitos sociais, questionando a existência das personagens Mãe Peixeira e Mãe Coragem na contemporaneidade. Neste sentido, é importante realçar a dramaturgia nos tempos atuais e, como objetivo final, destacar a criação teatral como um ponto essencial na formação do(a) professor(a)-artista de teatro. A metodologia traçada neste memorial é, primeiramente, bibliográfica, com uma leitura de perspectiva interpretativa-hermenêutica e no seu segundo momento, a prática da construção da dramaturgia, à qual inicia com recortes e colagem dos textos lidos para se chegar na ideia central e a finalização do processo, com escrita literária e teatral. O resultado da prática de escrita responde como as abordagens e procedimentos do Teatro Épico e Dialético se colocam importantes no cenário teatral contemporâneo. Portanto, quando as personagens Mães trazem suas realidades dos seus tempos históricos e espaços geográficos, sofrendo com a perda de seus filhos pela violência das forças armadas, é permitido suas existências juntas, sendo possível exercitar o olhar para realidade dos problemas e opressões do mundo atual. Dessa forma, foi possível compreender, refletir e questionar as estruturas sociais visando à transformação da realidade. Neste sentido, a criação dramaturgical e teatral proporciona um maior desenvolvimento profissional, de artista e professor(a), explorando as sensibilidades, expressão e comunicação, entendendo que todo esse desenvolvimento pode possibilitar a aplicação de uma educação mais crítica, engajada e estética.

Palavras-chave: Dramaturgia; Processo de criação; Teatro Épico; Teatro Dialético.

ABSTRACT

This present work is a memorial that report the *Mother War* dramaturgy creation process with free inspiration from the plays *Black Brecht: What If Brecht Were Black?* by Dione Carlos and *Mother Courage and her Children* by Bertolt Brecht. The first creation steps were developed through the PIBIC 23/24 program with the research “*Black Brecht*”: Epic theater, *Dramaturgy and Contemporaneity*”, with financial support from COPES in the Theatre Teaching Degree at the Federal University of Sergipe. This memorial proposes to develop the writing process, grounded in Brecht’s theatre, as well as to analyze the characters and the social relations that give rise to society’s problems, questioning the existence of the characters Mother Fishmonger and Mother Courage in contemporary times, and also emphasizes the importance of dramaturgy in the present day, and as ultimate aim is to highlight theatrical creation as an essential point in the training of the theatre teacher-artist. The methodology outlined in this memorial is, firstly, bibliographic, as an interpretative-hermeneutic reading, and in its second stage, it involves the practice of constructing dramaturgy, beginning with excerpts and collage of the texts studied to reach the central idea and the conclusion of the process with literary and theatrical writing. The result of the practice of writing demonstrates how the approaches and procedures of Epic and Dialectical Theatre remain significant in the contemporary theatrical scene. Therefore, when the Mother characters bring forth the realities of their historical times and geographical spaces, suffering the loss of their children to the violence of armed forces, their coexistence is made possible, allowing the exercise of a critical gaze upon the problems and oppressions of today’s world. In this way, it was possible to understand, reflect upon, and question social structures with a view to transforming reality. In this sense, dramaturgical and theatrical creation enhances a professional development both in the artistic and pedagogical spheres, exploring sensibilities, expression, and communication, while acknowledging that such development may contribute to the implementation of a more critical, engaged, and aesthetically oriented education.

Keywords: Dramaturgy; Creation process; Epic theater; Dialectical theater.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto polaroid tirada por Inês Peixoto.....	24
--	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, ESTÉTICA E CRÍTICA.....	14
2. OS PRIMEIROS PASSOS.....	22
2.1. Uma noite para se estranhar.....	22
2.2. A formação do esqueleto.....	24
3. DO ESQUELETO SE NASCE UM CORPO.....	32
3.1. Personagens: Os Protagonistas, Antagonistas e Provocadores.....	33
3.1.1. Protagonistas	33
3.1.2. Antagonistas.....	47
3.1.3. Provocadores.....	52
3.2. Distanciar para Estranhar: “Os Distanciadores”.....	56
3.2.1. “Jogral”: Repetir para não esquecer.....	58
3.2.2. Para se deitar, um caixão. Para se libertar, uma canção.....	61
4. PARA CONCLUIR DEVEMOS REFLETIR	63
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66
6. APÊNDICE A.....	68
7. APÊNDICE B.....	73

INTRODUÇÃO

Este trabalho memorial fala sobre uma criação dramaturgica e adaptada como principal impulso na finalização da minha formação enquanto professora-artista de teatro¹. A manifestação artística que entrego é um texto dramaturgico, portanto uma obra literária e teatral. Este material artístico se fundamenta e se apóia nas idéias e abordagens do Teatro Épico e Dialético desenvolvido por Bertolt Brecht (1898-1956), que propõe a possibilidade da tomada de consciência para que o ser se torne atuante e transformador da realidade.

Escrevi a dramaturgia *Mãe Guerra*² durante meu estudo na pesquisa “*Black Brecht: Dramaturgia, Teatro Épico e contemporaneidade.*” do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica- PIBIC com bolsa COPES, a partir da orientação da professora Christine Arndt de Santana, que realizei no período entre os anos de 2023/2024. A pesquisa teve como proposta a criação dramaturgica através da prática de escrita adaptada, nos levando a pensar em possibilidades de metodologias pedagógicas do ensino de teatro na educação formal e informal. Dessa forma, junto com minha orientadora, refletimos na possibilidade de se trabalhar com o método de escrita e Intertextualidade dramaturgica dentro da Educação em Teatro, baseando-nos na própria experiência de escrita do “esqueleto³” da cena adaptada realizada durante a pesquisa.

De acordo com minhas conclusões sobre o Teatro Épico e Dialético, é possível dizer que Bertolt Brecht (1967) buscava a transformação social através do teatro, quando tem um compromisso com a realidade e com a crítica social, por essa razão entendemos durante o PIBIC que na escrita dramaturgica há uma possibilidade de método teatral, me apoiando também na ideia da *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1968) de se ter estudantes atuantes na própria formação escolar, como também, na formação de cidadãos, incentivando-os a terem um olhar crítico para a sociedade, a partir do contato com o teatro, sobretudo quando estão jogando/atuando. A partir dessas possibilidades metodológicas, eles podem questionar as estruturas sociais com a prática de escrita e/ou de peças de teatro, onde assumem a autonomia e protagonismo enquanto criadores de situações que visam à transformação da realidade.

¹ Termo utilizado pelos professores do curso de Teatro da UFS para reivindicar a impossibilidade de se tornar professor de teatro sem se tornar, também, artista.

² *Mãe Guerra*, dramaturgica escrita pela discente Letícia Franco Santos, finalizada no ano de 2025. Está localizada no APÊNDICE B deste documento. A primeira versão do PIBIC está no APÊNDICE A.

³ Chamo de “esqueleto” neste memorial a primeira versão da dramaturgia *Mãe Guerra*, pois ela continuou em processo de criação após a pesquisa do PIBIC.

Brecht diz sobre o compromisso do teatro com a realidade e as possibilidades que se é possível alcançar com ele:

Isso torna mais simples para o teatro se aproximar, tanto quanto possível, de problemáticas da educação e da comunicação de massas. Pois, embora o teatro não deva ser incomodado com uma série de matérias de conhecimento que não lhe confiram um caráter recreativo, ele ainda é livre para se recriar com ensino e investigação. Constrói suas representações sociais de forma válida e capaz de influenciar a sociedade, como uma grande diversão. Expõe aos construtores da sociedade as vivências desta mesma sociedade, tanto a de ontem como as de hoje. [...] Eles devem ser recriados com o conhecimento que advém das soluções dos problemas, com a ira que é expressão prática da simpatia pelos oprimidos, com respeito devido a todos que consideram a humanidade; em suma, como qualquer coisa que divirta o homem que está produzindo alguma coisa. (Brecht, 1967, p.192)

Ou seja, no Teatro Épico e Dialético, o teatro precisa se aproximar da educação e da comunicação, entendendo a liberdade de se trabalhar com ele, recriando-o e o investigando de diferentes formas para alcançar, com a prática teatral, o senso crítico na busca pela consciência de classe perante as diferentes realidades que a sociedade possui.

Apresento a contribuição de Paulo Freire, baseando-me no livro *Pedagogia Social*, por Maria Stela Santos Graciani, do qual conecto a Pedagogia Teatral de Bertolt Brecht para o ensino de Artes e Teatro, pensando que Freire e Brecht possuem objetivos semelhantes. Ambos acreditavam na importância de se colocar os(as) estudantes e o público para refletirem de forma ativa sobre os temas apresentados e a considerar possíveis ações para abordar as injustiças sociais, atingindo a tomada de consciência, assim os(as) levando a se colocarem em uma posição de protagonistas e atuantes na sociedade, provocando possibilidades de transformação do mundo para a superação do sistema opressor.

Analisando esses aspectos para uma educação transformadora, estabelecemos a importância da arte e do teatro nesse processo de formação. Maria Stela destaca em seu livro a importância do brincar para o desenvolvimento pessoal.

O ato lúdico se revela extremamente importante na educação, já que permite um espaço em que as crianças podem resistir à tentativa de serem moldadas, mutiladas socialmente - o que é uma das violências mais cruéis que se tem percebido na escola e, por conseguinte, na sociedade.” (Graciani, 2014, p.59)

Dessa forma, é possível pensar que o teatro e a metodologia de escrita dramatúrgica conserva o lúdico e o brincar ganha uma grande importância no processo criativo. Juntando Freire e Brecht a crítica social se revela libertadora, quando transforma a ideia de que o homem é possível de mudar. Finalizo a pesquisa mais instigada a escrever e finalizar a minha dramaturgia, pensando também na minha formação de artista, mas principalmente como professora, quando acredito em métodos de criação, promovendo uma educação afetiva, divertida, participativa, criativa, crítica, engajada e principalmente libertadora.

A dramaturgia *Mãe Guerra* é uma peça brechtiana que recebe inspiração livre das peças, *Mãe Coragem e Seus Filhos* (Brecht, 2004) e *Black Brecht: E Se Brecht Fosse Negro?* (Carlos, 2019) — uma adaptação da peça *O Julgamento de Luculus* (Brecht, 1992) escrita por Dione Carlos, uma dramaturga, atriz, roteirista e curadora brasileira, nascida na cidade do Rio de Janeiro, mas criada em São Paulo. Dione se formou em jornalismo e dramaturgia. Desenvolve roteiros para novelas e séries brasileiras e no teatro atuou em grupos como Cia do Pássaro, Cia Capulanas de Arte Negra e Coletivo Legítima Defesa, onde montou *Black Brecht*. O Coletivo Legítima Defesa é um grupo da cidade de São Paulo formado em 2015 com mais de 10 membros. É um coletivo que reflete sobre a imagem da “negritude” nos contextos históricos através da poética e política no teatro. Segundo o próprio site do grupo⁴, surgem a partir da necessidade em defenderem a existência do povo preto, junto com a suas próprias poéticas e expressões, é um ato de ter voz numa “guerrilha estética”.

Através dessas duas peças, criei uma história para trazer a vivência de Mãe Peixeira e Mãe Coragem. As duas vivem suas vidas em tempos diferentes, mas em situações muito semelhantes. As Guerras que trago perpassa pela guerra de 30 anos, vivida por Mãe Coragem, e a “guerra do cotidiano”, pensando na realidade vivida por Mãe Peixeira, bem como várias outras mulheres que vivem a mesma situação. As duas perderam seus filhos, mas por mais que sentem revolta e entendam a realidade que vivem, as Mães seguem suas vidas normalmente, pois ainda sobrevivem ao sistema opressivo do capitalismo e suas barrigas têm fome todos os dias. Busco o efeito de estranhamento/distanciamento pensado por Brecht, utilizando recursos cênicos que chamo de “distanciadores” para me auxiliar na construção de uma peça Épica e Dialética e que passe a mensagem necessária. Com um caixão no meio do palco, busco causar uma certa estranheza no início, até que, com o passar da peça o público passe a perceber que o estranho é a sociedade ignorar a morte desses jovens e obrigar essas mães a voltarem às suas rotinas cansativas.

⁴ Site do grupo: <<https://coletivolegitimade.wixsite.com/meusite/copia-bem-vindxs>>

A dramaturgia possui 8 cenas ao todo e possíveis 20 personagens, podendo ter menos ou mais, a depender da montagem e da proposta que ela pode apresentar. Cada cena aborda um tema diferente, são curtas, mas com início, meio e fim. Elas não têm ligação de sequência, ou seja, uma não precisa da outra para existir. A ordem por título são: 1- O Mundo é um Jardim; 2- “A barriga tem fome todo dia”; 3- “Tome aqui seu capacete”; 4- Morre um grande construtor; 5- Um espelho para o Sargento; 6- Foco, Força e Fé; 4- As ovelhas desgarradas; 8- Quem se senta, não se revolta!. Os assuntos abordados em cada cena atravessam as relações sociais e a relação de poder, vinculadas aos pensamentos sobre a luta de classes, quando Brecht assume a crítica social a partir da perspectiva marxista.

A leitura foi muito importante nesse processo de criação, já que acredito não ser possível escrever sem antes ler. O conteúdo da peça foi estruturado a partir de autores que abordam temas relacionados ao patriarcado e racismo, principais problemas que rondam as personagens, construindo melhor a temática central, a construção de personagens e a crítica. Utilizei-me de leituras bibliográficas teóricas, como livros e artigos, mas também de obras literárias, como as peças de teatro e contos. Fui também provocada por notícias de jornais e matérias em revistas, baseando-me na realidade e materialidade do tema que escolhi abordar.

Ao superar a ideia de mera representação, Brecht traz que para a realidade ser colocada em cena, é preciso ser vivenciada, mas principalmente, correta: “[...] o mundo atual pode ser representado também no teatro, mas somente na medida em que compreendido como um mundo em transformação.” (Brecht, 1967, p.283). Portanto, busquei a maior compreensão possível do tema central da dramaturgia, e trago como problema, ou questão central do trabalho, a reflexão de como Mãe Peixeira e Mãe Coragem podem existir juntas e dividir o mesmo espaço, investigando o mundo atual a partir de suas temporalidades e momentos históricos e assim questionando como mudar a realidade dessas duas Mães. Para responder essa questão, tenho como objetivos, desenvolver sobre o processo de escrita fundamentado na visão brechtiana para o teatro, analisar o tema central, as relações sociais e os personagens da dramaturgia, como também realçar a importância da escrita teatral para se trabalhar com o Épico e o Dialético nos tempos atuais. Neste sentido, minha hipótese pode ser explicada através do estudo da questão social vivida pelas personagens Mães na contemporaneidade a partir do estranhamento/distanciamento.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, ESTÉTICA E CRÍTICA.

O meu principal alicerce durante toda a minha graduação foi a criação cênica e, na sua finalização, não poderia ser diferente. Discorro neste trabalho sobre a escrita de uma dramaturgia desenvolvida por mim, fundamentando-me, principalmente, em Bertolt Brecht, o agente determinante na prática do Teatro Épico, colocando os procedimentos e abordagens em seu livro *Teatro Dialético* (Brecht, 1967), uma das minhas principais leituras. Um teórico e dramaturgo alemão que viveu grandes guerras do mundo, fugindo e se isolando do nazismo, Brecht adotou a escrita e o teatro para expor, não apenas seus pensamentos sobre sociedade e política, mas a ideia de um novo teatro. Ele propõe em todas as suas manifestações algo contrário ao teatro existente na época — um teatro burguês que vendia emoções e ideologias como hipnose habitual — e buscou um teatro de comunicação fácil, direta, imediata e popular, ainda que sob o risco do vulgar e do grosseiro. Assim, Brecht imagina um teatro fácil como um show de cabaré, onde os espectadores pudessem fumar e se descontraírem. Ou seja, que fossem contrários ao que os burgueses esperavam: pensar e criticar o que estava sendo apresentado no palco. Era necessário que o público julgasse a vida, o mundo e a sociedade através da consciência de classes, para um mundo livre de trevas, exploração, opressão, injustiça e hipocrisia. Uma das suas expressões, depois publicada com seu livro, *Teatro Dialético*, recebe o título de *Cinco Dificuldades do Escrever a Verdade* e resume a categorização:

Deve ter a coragem de escrever a verdade, embora ela se encontre escamoteada em toda a parte; deve ter a inteligência de reconhecê-la, embora ela se mostre permanentemente disfarçada; deve ter a capacidade de escolher em que mãos será eficiente; deve ter a astúcia de divulgá-la entre os escolhidos. (Brecht, 1967, p. 19)

Quem tem acesso à verdade, nunca é quem pode mudar a realidade. Assim podemos dizer que existem os “donos da verdade”, porque suas mentiras podem ser manipuladas e serem lidas como verdade. Pensando dessa forma, Brecht rompe com o teatro tradicional, por não ser mais adequado a uma época que ele entendia pertencer ao homem científico. Logo, o teatro precisava avançar junto com as questões sociais. Então, apoiando-me em Anatol Rosenfeld, outro teórico do qual este trabalho se fundamenta, partindo do livro *O Teatro Épico* (1985), busquei entender a manifestação do épico na contemporaneidade, via Rosenfeld:

[...] o uso de recursos épicos, por parte de dramaturgos e diretores teatrais, não é arbitrário, correspondendo, ao contrário, a transformações históricas que suscitam o surgir de novas temáticas, novos problemas, novas valorações e novas concepções do mundo. (Rosenfeld, 1985, p. 12).

Por essa razão a criação de uma nova dramaturgia a partir de duas peças épicas reverbera na prática a colocação de Anatol sobre o épico acompanhar o tempo presente. Dessa forma, apresento minha primeira inspiração: Peixeira/Mãe, personagem das peças.

Imaginem um Civilizador-General que foi em vida homenageado com uma estátua ou nome de praça, precisando justificar suas ações para entrar no “Reino dos Bem-Aventurados” tendo que encarar o “Supremo Tribunal do Reino das Sombras”. Os jurados deste tribunal são: um professor, uma peixeira que também é mãe — por isso Peixeira/ Mãe—, um coveiro, uma ama de leite e um não-nascido. Na peça brasileira *Black Brecht: E Se Brecht Fosse Negro?*, livremente adaptada da peça *O Julgamento de Lucullus*, Dione Carlos nos leva a não apenas pensar, mas encarar nossa história com uma mensagem bem explícita sobre como o país, Brasil, deveria olhar para o período de colonização e a relação que tem com os generais, como Lucullus Brasilis — como foi renomeado por Dione Carlos —, que são vistos como homens de honra e ainda permanecem sendo homenageados. Os jurados, na adaptação brasileira, são “os condenados da terra” (Fanon, 1961), as oprimidas e os oprimidos, censurados e de mão de obra barata, que fizeram parte da história do nosso país, o qual se desenvolveu por meio de genocídios, escravidão e estupro de indígenas e negros. O general, então, é julgado pelo próprio povo que ele assassinou e oprimiu em toda a trajetória das suas conquistas em vida. Exatamente igual ao Lucullus da peça de Brecht, um general romano que recebeu durante sua vida todas as honrarias pelas terras e ouro conquistados; porém, é denunciado, durante seu julgamento, pelos assassinatos e roubos que esse homem cometeu. Dessa maneira, tanto na adaptação de Dione Carlos, quanto na peça de Brecht, os espectadores/leitores, do outro lado da página, refletem sobre os homens que são homenageados e os que são condenados em terra, diferente do julgamento do “Reino dos Bem-Aventurados”, que, no universo brechtiano, tem uma sentença justa sobre as classes oprimidas.

Na matéria *E se Brecht Fosse Negro? [O julgamento de Lucullus]* (Cazarini, 2019) o teatro negro Coletivo Legítima Defesa, realizadores da montagem de *Black Brecht*, em uma entrevista à Renata Cazarini definem seu teatro sendo de intervenção, e o traduzem chamando-o de “politicopoética”.

Entenda-se que o teatro de intervenção é [...] um ato de guerrilha estética. Não se pode esperar durante essa ação politicopoética manter uma posição passiva, cômoda, confortável, na poltrona do teatro. Não. Você é instado a se engajar. Pode aderir. Talvez repudiar. Mas nada em demasia. É um espetáculo, como se propõe o grupo de artistas (atores e músicos), para formar uma mentalidade da “re-existência negra”. (Cazarini, 2019)

O Coletivo não foge do que Brecht propõe com o Teatro Épico, quando apresenta no texto *Pequeno Organon para Teatro* (Brecht, 1967), a importância de se colocar o teatro num lugar de transformação social, ou seja, abandonar a ideia aristotélica da arte pela purificação das emoções através da catarse de sentimentos de terror e piedade, mas sim, podemos pensar numa catarse pedagógica, quando Brecht propõe que o sentimento seja potencializado em uma reflexão, assim podendo agir na própria transformação da realidade.

Necessitamos de um teatro que não nos proporcione somente as sensações, as ideias e os impulsos que são permitidos dentro do respectivo contexto histórico das relações humanas (em que as ações se realizam), mas também que empregue e suscite pensamentos e sentimentos que ajudam a transformação desse mesmo contexto. (Brecht, 1967, p. 197)

Dessa forma, durante a minha pesquisa de PIBIC (2023), foi possível perceber que peça de Dione Carlos reflete o pensamento brechtiano quando ela relaciona o conteúdo de *O Julgamento de Luculus* com a época atual, ativando a ação transformadora com um olhar crítico sobre a sociedade que estamos inseridos. Ela trás a dramaturgia da peça original para a contemporaneidade aproximando as questões sociais para a realidade brasileira, seguindo a intenção do teatro brechtiano, como colocado por Anatol, que define bem essa ideia quando diz que o teatro deve ser: “capaz de esclarecer o público sobre a sociedade e a necessidade de transformá-la; capaz ao mesmo tempo de ativar o público, de nele suscitar a ação transformadora.”(Rosenfield, ed. 1985, p. 148). Ideia e prática bem executadas por Brecht e pelo Coletivo Legítima Defesa, que destacam as relações humanas para que o espectador assista de modo ativo, crítico e até mesmo, repudie as contradições dessa sociedade retratada, causando a ação transformadora, como expressa Rosenfield.

É importante entender que a poética de Brecht foi a luta de classes, expressando os fundamentos marxistas, ele leva para a dramaturgia e para os palcos discussões sociais, com o intuito de buscar a superação do capitalismo, ou seja, alcançar a emancipação. Viviane Prass Galvão (2015), faz uma análise do Teatro Épico de Brecht em sua dissertação de mestrado de forma simples e de fácil entendimento, da qual também tenho como fundamentação. Ela destaca a intenção de Brecht de focar na razão do espectador para além

da emoção, quando para o autor, “o público geralmente pendura o cérebro na sala de entrada, junto com o casaco.” (Brecht, 1967, p.44), portanto ele exercita o pensar dentro do teatro, para alcançar a transformação social.

Pressupõe-se, dessa forma, que o teatro épico, por meio de uma tentativa ampla e de um teatro moderno, traz aos palcos questões e discussões vitais, com o propósito de conduzir a uma reflexão, trabalhando o social de modo que o espectador perceba que faz parte do contexto histórico, analise e entenda que pode colaborar para mudar a situação vigente. Bertolt Brecht afirmava que no teatro épico o essencial talvez não fosse o apelo e os sentimentos; era a razão que deveria predominar. (Galvão, 2015, p. 30)

Na pesquisa de PIBIC, da qual tinha como proposta a criação de uma dramaturgia, iniciei a escrita a partir da personagem jurada “Peixeira/Mãe”, presente em *Black Brecht* aparecendo também em *O Julgamento de Luculus*, apenas como “Peixeira”. Realizei um recorte e foquei em trabalhar com essa personagem que, nas duas peças, perdem seus filhos pelo sistema brutal. Dione trás em sua dramaturgia uma Peixeira/Mãe atual, que vivencia a guerra do dia a dia, sendo uma mulher preta, feirante e mãe de um jovem preto — mais uma vítima da brutal violência policial em nosso país.

Minha Peixeira/Mãe é livremente inspirada na mãe escrita por Dione, se tornando uma das minhas personagens principais, definindo o tema central da minha dramaturgia. Ao tomar esse caminho, me recordei da peça *Mãe Coragem e seus filhos*, escrita um ano antes da segunda guerra mundial, da qual tem como narrativa central a vida de Anna Fierling, conhecida como Mãe Coragem, personagem que sobrevive à guerra junto com seus filhos. A principal discussão que ronda a peça é a hipocrisia e contradições que a mãe apresenta. Bertolt Brecht escreve com o intuito de expor a verdade da lógica perversa do sistema em que as guerras apresentam. Assim, pensei no encontro dessas duas mães em minha peça, renomeando Peixeira/Mãe como Mãe Peixeira para relacionar a Mãe Coragem.

Além das peças citadas, meu processo de criação foi envolvido por muitos elementos. Cada artista entra em um processo próprio e eu pessoalmente fui atravessada por muitas obras e referências que se tornaram disparadores na criação dessa dramaturgia, e essas referências caminharam entre literatura e notícias de jornais. Esses disparadores ampliaram meu conhecimento teórico e artístico, somando ainda mais na minha dramaturgia e formação, evidenciando a importância em buscar referências extra-curriculares.

Quando finalizei a primeira versão de *Mãe Guerra*, minha orientadora, Christine Arndt, me indicou o conto *O Espelho: Esboço de uma nova teoria da alma humana*. (Assis, 1882), que colaborou na caracterologia do meu personagem Sargento, que possui uma

semelhança com o Jacobina, protagonista do conto de Machado de Assis, do qual passa a ser chamado apenas por Senhor Alferes — posição que recebeu na Guarda Nacional. Jacobina traz sua teoria da alma humana, dizendo que o homem possui duas delas: “uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...” (Assis, 1882). Para ele, as duas tornam o homem completo; mas diz ser possível perder alguma, ou melhor dizendo, perder-se em apenas uma delas, a alma exterior, deixando a outra escondida, deixando de transmitir vida. Ele continua sua teoria dizendo: “Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa;” (Assis, 1882). O Jacobina se perde da sua alma interior, enxergando apenas o seu uniforme de alferes, deixando seu cargo assumir toda sua personalidade. Por essa razão, utilizo-o como referência artística em meu texto, mas também como principal campo de estudo para definir a personalidade do Sargento, que também se perde de quem é, enxergando apenas seu cargo.

Em *Mãe Coragem e seus filhos* acontece a morte de Tilly, um general do império que foi morto em combate. Mãe Coragem assiste o seu funeral, muito lamentado e homenageado pelos soldados e sargentos. Decidi então acrescentar a morte de alguém “importante”, retratando João Alves, um construtor e ex-político sergipano, que com seu falecimento, foi decretado luto oficial durante três dias em Sergipe. Por essa razão, caracterizo-o em minha peça, nomeando-o Alves. A intenção em representar essa morte foi destacar a hipocrisia social, quando algumas mortes são respeitadas e outras ignoradas.

Outro conto que me inspirou na construção de um personagem foi *Mineirinho* (Lispector, 1969). Clarice, na sua última entrevista na TV Cultura em 1977, ano da sua morte, revela para Júlio Lerner, quem a entrevista, que um dos seus contos preferidos é *Mineirinho*, um homem fuzilado pela polícia com treze tiros. É quando ela diz: “Eu me transformei no Mineirinho massacrado pela polícia. Qualquer que tivesse sido o crime dele, uma bala bastava. O resto era vontade de matar. Era prepotência” (TV Cultura, 1977). Segundo o texto de Ana Abrahão (Kotter, 2022), publicado no site da Kotter Editorial, o conto retrata a história real da morte de José Miranda Rosa, conhecido como Mineirinho, acontecimento muito divulgado nos jornais da época, causando muita revolta na população. Quando li o conto e em seguida assisti a entrevista citada, decidi transformar Mineirinho em o filho de Mãe Parteira, umas das mães das quais Mãe Peixeira conversa e se compadece. Mãe essa que viu seu filho partir. Trago-o para meu texto para representar um dos jovens mortos pela violência policial destacando essa realidade através da referência literária que, com o olhar sensível de Clarice, acabamos por pensar em Mineirinho, vítima desse cenário desumano, quando não deveria ser punido com treze tiros nas costas pelos seus crimes.

Com o tema voltado à perda de jovens pela violência, caminho na dramaturgia entre a guerra dos trinta anos, vivenciada por Mãe Coragem e a “guerra cotidiana”, que destaco sendo vivida por Mãe Peixeira, Mãe Parteira e Mãe Piedade. Essas guerras que muitas mulheres vivenciam diariamente, envolvendo a violência policial, segura em minha mente e mão e me encaminha ao pensamento da noção do conceito de Necropolítica, conceito pensado pelo filósofo e professor camaronês Achille Mbembe, do qual ele pressupõe sobre o estado e sua política de morte, ou seja, “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer.” (Mbembe, 2016, p.123). Ao entender o que Mbembe reflete sobre a ordem do poder e sua análise política, a “expressão máxima” que ele quer dizer é a morte, ou seja, essa “sabedoria” do poder soberano legitima o ato de matar, o poder se permite, com suas próprias regras, ultrapassar limites e justificar o extermínio de povos marginalizados. Assumem o direito de matar para a manutenção e continuação da soberania através do racismo: “Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, ‘essa é a condição para a aceitabilidade do fazer morrer’”. (Mbembe, 2016, p.128)

Partindo desse raciocínio, para o autor, a soberania impõe regras e normas, não com o intuito da população conquistar a autonomia para futuros acordos coletivos e democráticos, mas sim, para a instrumentalização e controle dos corpos, resultando na exploração de mão de obra barata, ou no caso, o extermínio de povos, atravessados pela violência contra pessoas pretas e pardas. Françoise Vergès (2020, p.12) enfatiza em seu livro *Um feminismo decolonial* a realidade da estrutura social que é “profundamente racializada, estratificada e marcada pelo gênero que permite à sociedade burguesa funcionar há séculos”. A autora escreve com um maior foco nas mulheres racializadas, que são mais vulneráveis, sendo, para o sistema opressivo e racista, mais suscetíveis a passar por situações desumanas, incluindo a morte precoce de seus filhos, assim, ela pontua:

Os/as habitantes dos bairros populares, em sua maioria racializados/as, são os/as mais assediados/as pela polícia, os/as mais vigiados/as, os/as mais acusados/as de não obedecer às medidas do governo. O governo age como se as pessoas que moram na rua, os/as refugiados/as, os/as pobres tivessem as mesmas condições de vida, o mesmo acesso à informação que os/as burgueses. O desprezo imenso traça novamente uma fronteira entre vidas que importam e vidas que repousam sobre o trabalho mal pago, explorado, invisível, porém necessário de centenas de milhares de outros. (Vergès, 2020, p.15)

Os dados no site do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada- IPEA em 2023 traz em porcentagem os registros das mortes no Brasil, comparando os anos de 2021 e 2023, assim, sendo possível observarmos que a violência chega de modo diferente e muito maior para a população negra.

Em 2021, o cenário em que o registro de homicídios de pessoas negras (soma de pretos e pardos, segundo a classificação do IBGE) lidera o ranking de mortes violentas se repetiu, totalizando 36.922 vítimas. Neste ano, a população negra respondeu por 79% dos mortos, com uma taxa de 31,0 homicídios para cada 100 mil habitantes desse grupo populacional, contra a taxa de 10,8 para pessoas não negras (soma de amarelos, brancos e indígenas). (IPEA, 2023)

Ao trazer o conceito de Necropolítica, de Mbembe, Feminismo Decolonial de Vergès e os dados do IPEA/2023, o efeito criado em meu texto impôs a chegada de mais uma personagem necessária nesta dramaturgia: a personagem do monólogo teatral *Piedade, a seu dispô* (Lopes, 2019) para ser uma referência simbólica retratada na peça enquanto uma mãe sergipana que, assim como Mãe Peixeira, perdeu seus filhos para a violência e brutalidade policial. Piedade é uma mulher que vive a vida para o trabalho, é empregada doméstica e assim como muitas mulheres do nosso país, em sua maioria negras, não vêem nem sequer a luz do dia por saírem antes do sol nascer e voltarem de noite para suas casas. Baseio-me novamente em Vergès quando ela diz sobre as mulheres que “abrem” a cidade, preparam tudo antes das demais pessoas começarem a acordar e no fim do dia estão exaustas. “Chega então a hora em que as mulheres negras e racializadas tentam encontrar um lugar no transporte público para seus corpos exauridos. Elas cochilam assim que se sentam, seu cansaço é visível para aquelas que querem vê-lo.” (Vergès, 2020, p. 19)

Trago ela para minha dramaturgia como a mãe de um jovem, no caso sendo representado por Genivaldo de Jesus Santos, homem negro e sergipano que foi torturado e morto por agentes da Polícia Rodoviária Federal (PRF) em 2022, caso que gerou revolta, mas ainda sim, pouco conhecido. Não nomeio diretamente Genivaldo, mas seu caso está registrado em minha dramaturgia, mantendo o tom de denúncia. Mãe Piedade é consolada por Mãe Peixeira, que mais tarde perde seu filho, o qual referencio o caso da PM que confunde guarda-chuva com fuzil e mata um homem na cidade do Rio de Janeiro em 2018, seu nome era Rodrigo Alexandre da Silva Serrano, homem preto, garçom e pai.

As notícias, junto à consciência crítica e estética sobre essas obras artísticas manteve e expandiu meu olhar atento e cuidadoso para o mundo, bem como as relações do indivíduo na sociedade. No livro *Feminismo, diversidade sexual e serviço social* (Cisne; Santos, 2018),

as autoras destacam o fato de que o indivíduo não se desvincula da sociedade, já que um não existe sem o outro. O livro pretende trazer a ideia de que não é possível o avanço social sem o indivíduo e vice-versa. Nesse sentido, Dialética (Tese, Antítese, Síntese) colabora para que na transformação do mundo, transformam-se, também, a forma de se viver neste mundo. Retorno assim ao que Anatol trouxe sobre “desmistificar” as desgraças do mundo, revelando a lógica social e opressiva com fácil compreensão. Por se tratar de uma visão posta pelas demandas do serviço social, as autoras entendem a tomada da conscientização política como fortalecimento da organização dos sujeitos, das lutas identitárias das mulheres, movimentos étnicos-raciais e LGBTQIAP+ contra o sistema opressor.

O acontecimento das reivindicações e o fortalecimento desses sujeitos políticos são fundamentais em uma conjuntura de crise estrutural do capital, com ascensão das forças conservadoras, adversas à classe trabalhadora e à diversidade humana e que põem em constante ameaça direitos do trabalho anteriormente conquistados, adensando, assim, a superexploração da força de trabalho, a naturalização da desigualdade social e a reprodução de dogmas, preconceitos e fundamentalismos religiosos que violam a laicidade do Estado. Os discursos e práticas de ódio são materializados em diferentes expressões de violência e de violação de direitos, a exemplo dos crimes motivados por racismo, LGBTfobia e sexismo. Esses crimes acontecem diariamente na sociedade brasileira que, além de capitalista, permanece racista, patriarcal e heterossexista.” (Cisne; Santos, 2018, p. 18)

Em *Mãe Guerra* proponho uma peça que busca, através das abordagens do Teatro Épico, denunciar esses crimes diários, que para Brecht “[...] é precisamente o teatro, a arte e a literatura que têm de formar a “superestrutura ideológica” para uma reformulação prática, sólida, da maneira de viver de nossa época.” (Brecht, 1967, p.42). Entendendo que para o Teatro Épico era necessário ter a pedagogia como novo objetivo; Brecht procurava provocar e incomodar o público, assim poderiam estranhar e pensar na sociedade de forma crítica.

O ponto essencial do teatro épico é, talvez, que ele apela menos para os sentimentos do que para a razão do espectador. Em vez de participar de uma experiência, o espectador deve dominar as coisas. Ao mesmo tempo, seria completamente errado tentar negar emoção a esta espécie de teatro. Seria o mesmo tentar negar emoção à ciência moderna. (Brecht, 1967, p.41)

Portanto, quando utilizo essas referências e notícias de jornais, que se tornaram grandes disparadoras para a criação da dramaturgia, estou exercitando esse olhar atento para o mundo. Dessa forma, percebo suas contradições, suas violências, seus crimes e injustiças. Levo-os para a arte, me atentando em ser pedagógica, didática, crítica e estética, para apelar mais para a razão, sem negar a emoção, mas apenas sentir quando se percebe o problema.

2. OS PRIMEIROS PASSOS PARA A CRIAÇÃO

2.1. Uma noite para se estranhar.

Estava muito escuro nesse lugar, com luzes coloridas e leds fortes. As luzes tinham ritmo e piscavam sem preocupação de causar algum incômodo. Veio em minha direção, aquela pessoa estranha com uma maquiagem exagerada e roupas inusitadas me oferecendo uma dose de cachaça. Virei. Forte vai ficando como o som alto e os artistas se animam para o primeiro número musical. As apresentações não estavam nos embelezando, parecia mais uma interrupção do que estava realmente acontecendo naquele estabelecimento. Nunca fui a um cabaré, não sabia o que esperar, mas eles brigavam, reclamavam, sem nenhum pudor. Estavam nos tornando seus cúmplices. Eles cortavam a fluidez dos acontecimentos, era tudo estranho, sem ordem certa, mas ao mesmo tempo geravam reflexões, parecia até que tentavam nos dizer algo para além das palavras. A natureza e a coragem de se dizer a verdade era a característica principal dos números. Cada apresentação nos banhavam com choques elétricos, despertando todo cabaré. Era impossível esquecer do mundo. Eu olhava em volta e dava pra ver um incômodo comum. Ninguém desviava o olhar. A comediante, sozinha, tinha uma gargalhada forte como um pé na porta da graça, mas não ríamos, porque a verdade entrava primeiro. A dona do cabaré era chamada de Mãe Coragem, uma mulher rude, que nos constrangia com suas cobranças violentas aos funcionários que estavam claramente famintos e exaustos. Já não tinha mais o que inventar, os números estavam se repetindo e tanto eles quanto nós estávamos cada vez mais revoltados. Mãe Coragem, então, alimentou os funcionários com uma sopa rala, se permitiu contar um pouco sua história para nós e depois se apresentou com uma doce canção:

“Mamãe, mamãe, não chore
A vida é assim mesmo
Eu quero mesmo é isto aqui
Mamãe, mamãe, não chore
Pegue uns panos pra lavar
Leia um romance
Veja as contas do mercado
Pague as prestações
Ser mãe é desdobrar
Fibra por fibra os corações dos filhos
Seja feliz, seja feliz.”
(Costa, 1994)

Naquele momento entendi que estava bem distante de um cabaré. Na verdade, assistia a uma peça de teatro! Agora sim é possível me ver ali, reagindo de modo sério a uma piada sem graça. A realidade caía por terra na ribalta.

No dia 31 de outubro de 2023, o Grupo Galpão esteve em Aracaju-SE no Teatro Atheneu, com o espetáculo teatral "*Cabaré Coragem*" (Galpão, 2023), no qual o grupo explora o universo de Bertolt Brecht trazendo uma trupe de artistas envelhecidos que se apresentam em um cabaré, onde parecem trabalhar há tempos. O espetáculo é inteiramente épico e contemporâneo, com narrações, músicas, danças, números artísticos entre as cenas e com um discurso pontualmente crítico e político. A dramaturgia do espetáculo é original do grupo, mas possui, em algumas cenas, textos de Brecht, como a cena em que um homem (Eduardo Moreira) manipula uma boneca de ventríloquo (Inês Peixoto), enquanto interpretam a fábula *Se os Tubarões Fossem Homens* (Brecht, 1927). A trupe de artistas questionam durante o espetáculo seus valores enquanto artistas: mas, principalmente, enquanto funcionários vivendo e trabalhando em um sistema capitalista e neoliberal.

A personagem Mãe Coragem (Teuda Bara), a patroa da trupe e dona do cabaré, representa em sua persona esse sistema capitalista, do qual ela defende, porque dele sobrevive e garante seu ganha pão. Durante as pausas épicas da peça, cada personagem apresenta um número, sendo eles de humor, de dança, de circo e de música, e Mãe Coragem não escapa disso apresentando a canção *Mamãe, Coragem* de Gal Costa de 1994. Depois que saí do teatro, me interessei ainda mais por Bertolt Brecht e resolvi ler *Mãe Coragem e Seus Filhos*. A experiência estética que tive ao assistir *Cabaré Coragem* e ver Teuda Bara cantando, me causou o distanciamento necessário para compreender o teor da peça. O egoísmo e a hipocrisia de Mãe Coragem está muito além da sua personalidade, ela tem contradições e pude entender que também foi muito censurada e obrigada a dizer sim. Seus filhos a desobedeceram e foram para guerra “Eu quero mesmo é isto aqui. Mamãe, mamãe, não chore”, e ela seguiu com vida, triste, mas tentando ser feliz e pagando as contas do mercado, obrigada a entender que não pode vencer sozinha e por isso teve que fazer parte do sistema: “O sonho do oprimido é ser o opressor” (Freire, 1968). Assim, para ela não ser explorada, teve que explorar os outros, mas também sofreu as consequências por ser só mais uma vítima, nos mostrando que ainda carrega muita dor: a de perder seus filhos para a guerra.

Retornar a essa peça e a esse dia é importante porque foi uma obra e um momento que definiram um dos primeiros passos da minha dramaturgia, mesmo que eu não soubesse disso ainda. Ficou como matéria de memória um registro da foto polaroid que a atriz Inês Peixoto tirou. Na imagem estamos eu e meu amigo Josimario no dia da peça *Cabaré Coragem*. Ele

registrou a foto com a câmera de seu celular, o que possibilitou ver as marcas dos dedos que a atriz deixou enquanto revelava a foto e em seguida nos entregou. Atrás da imagem é possível ver que existe um cenário, em um letrado rosa de luzes neon estava escrito “Cabaré”.

Figura 1: Foto polaroid tirada por Inês Peixoto.



Fonte: Acervo de Josimario Cesar. 31 de out, 2023.

2.2. A formação do esqueleto.

Ao começar o PIBIC (2023), tive o primeiro contato com a adaptação teatral *Black Brecht* de Dione Carlos, para iniciar a pesquisa identificando o épico na contemporaneidade. Sabendo do objetivo da pesquisa — construir uma escrita dramatúrgica — comecei a pensar

em algumas ideias, mas o impulso para a criação só veio quando eu me deparei com o monólogo da personagem jurada Peixeira/Mãe por ser intenso, focando na realidade de muitas mulheres, mães, pretas, brasileiras e trabalhadoras que sofrem com a perda de seus filhos:

PEIXEIRA/ MÃE – Era sobre ouro que vocês falavam. Não restou uma mina ativa na minha cidade. Esgotamos todas as reservas para abastecer outros países e alguns privilegiados daqui. Mas ouro não me importa. A guerra sim. Disso eu entendo. A guerra que acontece na esquina de casa. A guerra que assola o coração das mães e dos pais. Mais das mães, pois este país ainda é uma Mãtria, terra de mãe solo com filhos para cuidar. Mães como eu. Mães que repetem sempre a mesma fala, todos os dias, na porta de casa, antes dos filhos saírem. A gente nunca sabe se o filho ganha a rua ou se é a rua que ganha o nosso filho. Por isso, a gente repete: Leva o RG, não sai de chinelo, não corre, não faz movimento brusco, obedece, me liga, não anda em má companhia, já sabe como é: se estiver junto com quem errou, você paga o pato. Eu trabalho na feira, vendendo peixe, multiplicando dinheiro para alimentar a minha família. Eu trabalho na rua, como tantas outras antes de mim, fazendo revolução com tabuleiro de doce, fruta, charuto. Ali, no meio da feira, uma espada transpassa o meu peito, feito uma lança atirada por um desconhecido. Mãe sabe, mãe sente. Eu vi no olho do peixe morto, o olho do meu filho. O fio de conta se partiu no meu pescoço. Voltei para casa com o olho do peixe morto dentro do meu olho. Você está viva, eu repetia para mim. Você está viva. Bateram na minha porta, abri, aquela luz vermelha e azul invadiu a minha casa, aquela sirene desligada invadiu a minha casa, aquelas botas enlameadas invadiram a minha casa. O vento, que nunca acha espaço para passar no meio das vielas, entrou na minha casa. O vento me segurou. O vento me tomou. Eu sou tantas mulheres. Eu sou tantas mulheres, há tanto tempo. Gira tempo, tempo gira. Mãe de filho crucificado com fuzil. Fone de ouvido com música alta, meu menino surdo para o mundo, mergulhado em música, escape de sempre. Gira, tempo, gira. Eu queria gritar, mas a voz não vinha. E eu fiquei ali, de boca aberta, sem emitir um som, esticando o pescoço, como se me faltasse o ar e acharam que eu estava morrendo, mas eu estava viva. Você está viva. E o RG e o tênis, sujo, sujo de vermelho escuro. E eu devia ter dito para ele não levar o fone de ouvido. Eu devia ter dito para ele não escapar para a música. Então, escreveram no jornal que novas medidas estavam sendo implementadas em benefício da segurança pública e que o meu filho era uma margem de erro. Meu filho, uma margem de erro. “A boca que tudo come tem fome”, dizia a mulher mais velha da casa. Gira tempo, tempo gira. Eu não queria ir para a guerra, mas ela entrou na minha casa. (Carlos, 2019, p. 18 e 19).

Quando li esse monólogo soube na hora que minha criação falaria sobre essa mãe e seu filho. Pensei então em “recortar” essa personagem, junto com a sua história, e criar algo novo em cima disso. A peça adaptada de Dione Carlos trás um olhar para a colonização do Brasil, tratando de toda violência social e racial, sendo um problema estrutural no nosso país, em que ela e o grupo consideraram a peça como um “Raio x do Brasil”. Assim, inverteu os papéis — como acontece também em *O Julgamento de Luculus* de Brecht — quando o personagem Lucullus Brasillis é apresentado: “General missionário, civilizador, latifundiário, homem de negócios, investidor, pensador, mercador de escravos que conquistou Pindorama” (Carlos, 2019) é julgado pelos subalternizados da sociedade, que o condena ao inferno. Os jurados têm um papel muito importante dentro da realidade da peça, que é expor todos os

crimes realizados por Luculus Brasilis. Falam em nome dos prejudicados, não apenas para nos sensibilizar, mas principalmente para que possamos refletir sobre o processo pelo qual o Brasil foi desenvolvido. Dione mantém o efeito de estranhamento/distanciamento de Brecht, também nos trazendo personagens que são “atores-narradores”, ou seja, divididos entre pessoas e personagens que narram em forma de opinião suas histórias e acontecimentos de forma distante e crítica, característica bem resumida por Viviane Galvão (2015) em sua dissertação de mestrado:

Bertolt Brecht, porém, colocando seu teatro a serviço da desmistificação, exigia em primeiro lugar que o ator mostrasse o personagem, e não apenas o representasse. Era preciso confessar publicamente que o teatro também não passa de teatro – disfarce, fingimento, jogo e sonho. (Galvão, 2015, p.20)

É o caso de Peixeira/Mãe, que nos narra mostrando a história da personagem com uma perspectiva pontualmente crítica, nos trazendo uma compreensão das relações sociais e seus absurdos. O que não é diferente em *O Julgamento de Luculus* quando a personagem Peixeira se manifesta:

Peixeira— Disso eu entendo: meu filho
 Morreu na guerra.
 Estava eu vendendo peixe no mercado
 Perto do Fórum
 E um dia veio a notícia
 Deu que chegavam ao porto os navios
 Com os soldados da guerra da Ásia.
 Então saí do mercado correndo
 E fiquei horas a fio
 Às margens do rio Tibre,
 Onde eles iriam desembarcar.
 À tarde os barcos estavam todos vazios,
 E pelas pranchas não desceu meu filho.
 No porto havia um ventozinho frio
 E à noite e tive febre, mas com febre,
 Cada vez com mais frio,
 Até que caí morta
 E vim parar neste Reino das Sombras,
 Onde continuei a procurar:
 “Fábio”, eu gritava, que era o nome dele,
 “Fábio, Fábio, filho meu,
 Que eu dei à luz e criei,
 Fábio, meu filho!”
 Por entre as sombras corri, chamando
 Aqui e dali, até que um guardião
 Do campo de repouso dos que morrem na guerra
 Me puxou pela manga e me falou:
 “Um momento! Aqui temos muitos Fábio,
 Filhos de muitas mães que por eles procuram,
 Muito perdidos, que não se lembram mais
 Dos nomes que tinham e que serviram

Para o recrutamento e que não têm
 Utilidade aqui; eles nem querem
 Olhar mais para as mães
 Que os deixaram partir
 Para a guerra sangrenta”.
 Segura pela manga, ali fiquei parada
 Com um grito engasgado na garganta.
 Depois sai calada e nunca mais
 Senti vontade de olhar novamente
 A cara do meu filho. (Brecht, 1992, p.40 e 41)

Durante a pesquisa de PIBIC (2023), fiz a leitura das duas peças para entender como o Teatro Dialético de manifesta, bem como, iniciar meu processo de criação, que inspirada em Peixeira/Mãe, logo relacionei à história de Mãe Coragem e, então, veio o pensamento em criar uma cena adaptada protagonizando as duas personagens em diálogo uma com a outra; abordando a realidade de mães que perderam seus filhos em situação de guerra. Passei a me questionar se o mundo atual possibilitaria, a essas duas mães, que vivem em realidades e épocas diferentes, existirem e dividirem um mesmo palco.

No primeiro momento, optei por fazer recortes, já que utilizei muito esse recurso para criação durante minha graduação. Esse processo de pegar vários textos, desmontar partes e depois remontar, como um quebra-cabeça, sempre resultou na criação de algo novo. Essa ideia me atraiu muito, por isso recorri a ela, me auxiliou muito para iniciar o processo e entender o que eu queria. Foi assim que começou a nascer a dramaturgia.

Passei a fazer a leitura das peças *Black Brecht*, *O Julgamento de Luculus* e *Mãe Coragem e Seus Filhos* e fui “recortando” as partes que me interessavam, como falas e expressões, para ir “colando” em outra ordem, assim criando uma ideia de texto. Como dito anteriormente, a ideia inicial seria apenas um diálogo entre as duas mães, mas fui inserindo alguns personagens das peças para dialogarem com as mães, porque vi a necessidade de tê-los, abolindo, assim, a ideia inicial. Os personagens que inseri foram importantes por possuírem características brechtianas que desenvolvem a cena épica, representando as relações sociais, não provocando uma identificação emocional, mas sim uma maneira crítica e analítica de ver como cada um age perante a sociedade, com suas contradições, justamente porque destaca como esse tipo social age em certas situações, destacando a hipocrisia. De início recortei o Pastor de *Black Brecht* e o Sargento de *Mãe Coragem e seus filhos*, inclui também — para manter o ponto narrativo do Épico — um personagem narrador, que nomeei de Bertolt Brecht, do qual tem falas que recortei do próprio Brecht (1964), mas também de personagens soltos, como o jurado professor e o Juiz dos Mortos de *Black Brecht*. Introduzi

na peça um coro que nomeei de “Coro dos Manifestantes”, para combinar com o tom de denúncia, substituindo o “Os Escravizados” de *Black Brecht* que se expressam com cantos.

No fim, decidi que as Mães não iriam mais interagir diretamente uma com a outra, por estarem em diferentes épocas e espaços, para, desde já, criar e causar o efeito de estranhamento/distanciamento entre as duas. E o tempo? Só poderia ser paradoxal. Uma mãe na guerra dos trinta anos, a outra mãe vivendo na contemporaneidade, compartilhando juntas uma mesma experiência, porém não no mesmo espaço. Assim, seguindo a abordagem de Brecht do estranhamento/distanciamento/estranhamento, existe a possibilidade de destacar suas semelhanças no palco.

A primeira ideia era assumir uma cenografia das mães no velório de seus filhos, ambos mortos pela guerra, na qual trago esse olhar que discute sobre a realidade que vivem as mulheres e mães perante uma sociedade opressora, patriarcal e racista. Mãe Coragem e Mãe Peixeira, assim como qualquer outra mãe, não conseguem proteger seus filhos do mundo, não conseguem protegê-los da guerra nem da violência. Portanto, pensei em incluir seus filhos, já mortos, adquirindo um certo protagonismo da história e, a forma como encontrei de adicioná-los foi através de um caixão. Apenas um, representando os filhos, como uma forma de causar o estranhamento/distanciamento.

As principais partes de recorte que usei dos textos para desenvolver minha dramaturgia me auxiliaram no processo de escrita e criação. Mãe Coragem, por exemplo, não possui um monólogo único, como acontece com Peixeira/Mãe, mas ela tem falas essenciais de reflexão, nos fazendo entender melhor seu papel social:

MÃE CORAGEM — Quem é pobre, precisa ter coragem, senão está perdido. Até para sair da cama cedo, e aguentar o rojão! Para lavrar um alqueire de terra, era plena guerra! E ainda pôr mais crianças no mundo, é prova de coragem: porque não há nenhuma perspectiva. Os pobres têm de ser carrascos uns dos outros, e se matarem reciprocamente, para depois se olharem cara a cara: então precisam ter muita coragem. Suportar um imperador e um papa é sinal de uma coragem tremenda, e isso custa a própria vida deles! Senta-se. *(tira do bolso um pequeno cachimbo, e começa a fumar.)* O senhor bem que podia rachar um pouquinho de lenha... (Brecht, 2004, p.230)

Esse corte foi um dos que escolhi para adaptar, por entender que com essa fala Mãe Coragem revela sua personalidade, expressa bem seu modo de pensar e suas críticas sobre o momento em que ela vive. Sargento, personagem que criei, também recebe recortes de *Mãe Coragem* de alguns personagens da peça, como o General, Sargento e Capelão. São falas que julguei combinar com as características que gostaria de criar para o personagem da dramaturgia:

GENERAL (batendo no ombro de Eilif) — Agora, meu filho, entre na tenda do seu General, e sente-se à minha direita. Você praticou uma ação heroica, como cavaleiro devoto, e fez isso em nome de Deus, numa guerra santa: por isso, quero premiá-lo com uma braçadeira de ouro, assim que a cidade cair em meu poder. Nós estamos aqui para salvar a alma dessa gente: e o que é que eles fazem, esses perdidos camponeses sem vergonha? Fogem, levando o gado! Aos padres, eles enchem de comida por tudo quanto é lado... Mas você deu neles uma lição! Eu lhe ofereço uma caneca de vinho, para bebermos juntos e de um gole só. Bebem. O Capelão pode ficar na merda: é um santo homem. E você quer o que, para almoçar, meu coração? (Brecht, 2004, 188).

SARGENTO — Agora, Mãe Coragem, você também pode tomar um golezinho. Assim é a vida. E ser soldado ainda não é o pior. Você queria viver às custas da guerra, sem se meter nela, nem você nem os seus: mas de que jeito? (Brecht, 2004, 186)

CAPELÃO — Nada de sentimentalismos, Cozinheiro! Morrer na guerra é uma glória, e não é nenhum azar. Por quê? Esta é uma guerra santa. Não é uma guerra qualquer: é uma guerra muito especial, em que se luta pela defesa da fé. É uma guerra que Deus vê com agrado! (Brecht, 2004, 199)

Esses recortes foram essenciais na concretude desse esqueleto, colaborando na criação de um dos antagonistas. O personagem Sargento, em minha dramaturgia, recebe essa função de desestabilizar diretamente a Mãe Coragem, sendo impossível não trazer também esse recorte “SARGENTO (seguindo-os com o olhar) — Quem da guerra se quer aproveitar, alguma coisa em troca tem que dar.” (Brecht, 2004, p.186).

Outro personagem que foi criado a partir de recortes foi o Narrador Bertolt Brecht, sendo ele uma junção de personagens das três peças, mas também do próprio Brecht (1967, p.190), recebendo uma fala que cito de seu texto *O Pequeno Organon para o Teatro*, quando ele fala sobre as relações sociais e a divisão de poder que consequentemente aumenta a produção que causa a miséria e poderosas guerras, assim em seguida colocando: “Durante estas guerras, as mães de todas as nações, com seus filhos apertados contra si, horrorizadas, vociferam contra os céus, devido aos inventos mortais das ciências.” Os demais recortes surgem dos personagens Cozinheiro, de *Mãe Coragem e Seus Filhos* e, os personagens Juiz dos Mortos e Professor de *Black Brecht*. Em resposta ao Capelão que diz que morrer numa guerra santa é um feito glorioso, o Cozinheiro responde com ironia, uma característica que gostaria de incluir no Narrador:

COZINHEIRO — Certo. Por um lado é uma guerra em que se incendeia, se chacina, se saqueia, sem esquecer as mulheres violentadas; mas, por outro lado, é diferente de todas as outras, pois é uma guerra santa, é claro. E ela também deixa a gente com sede, com isso o senhor há de concordar... (Brecht, 2004, p. 199)

Outra fala que me marcou muito, veio de *Black Brecht* após o monólogo de Peixeira/Mãe, quando o Juiz dos Mortos dirige a palavra ao Luculus Brasilis:

JUIZ DOS MORTOS- Sombra, de agora em diante, tu és pedra e não tem voz no reino dos mortos, apenas uma profunda e inédita consciência. Que se registre o depoimento da peixeira, da mãe. Que se registre que as mulheres deste país estão no campo de batalha há muito tempo. (Carlos, 2019, p. 19)

Agora, Luculus Brasilis se torna pedra, sem direito a voz, porque, após o monólogo, só basta ouvir eles, os condenados, os subalternos, as mulheres, a peixeira e a mãe. Então, direciono essa fala ao personagem Narrador, que com o lamento das mães, realiza esse importante registro à plateia.

Outro recorte que fiz foi de uma importante parte de *Black Brecht* em que há uma conversa de Peixeira/Mãe com a testemunha Pastor, que defende o Civilizador-General Luculus o chamando de “Ilibado”, que foi pontualmente explicada pelo jurado Professor, que depois questiona o motivo do Pastor está segurando, em seu friso de triunfo, uma cabeça de ovelha; daí então que ele diz ser o que simboliza um sacrifício, depois questionado por Peixeira/Mãe:

ARAUUTO- A testemunha que é Pastor decide falar.

PASTOR- O Civilizador-General Luculus é o grande benfeitor deste país, com quem estabeleci vínculos espirituais e de junto a quem travei batalhas contra o mal, na defesa do bem. Um homem de caráter ilibado.

ARAUUTO- Que se registre a palavra ILIBADO junto aos jurados e juradas aqui presentes. O professor irá falar.

PROFESSOR- Ilibado: Não tocado, sem mancha, puro, livre de culpa ou de suspeita, reabilitado, justificado.

ARAUUTO- Que se registre a explicação do jurado, que foi professor antes de ser escravizado, sobre a palavra trazida à cena pelo pastor.

PROFESSOR- Pastor, o senhor está retratado no friso do triunfo segurando a cabeça decapitada de uma ovelha. O que ela sugere?

PASTOR- O sacrifício de um membro do rebanho.

PROFESSOR- Compreendo. Eu mesmo fui sacrificado. Fui de tutor, educador de um príncipe africano à prisioneiro e na sequência me tornaram um escravizado. E o cajado?

PASTOR- É o instrumento que guia e disciplina o rebanho.

PROFESSOR- É um cajado longo, maior que o senhor.

PASTOR- Sim, para alcançar ovelhas desgarradas.

PEIXEIRA/MÃE- Eu quero o meu filho de volta. Alguém aqui tem como trazer o meu filho de volta?

JUIZ DOS MORTOS- Que ninguém silencie essa mulher. Deixem-na falar o quanto quiser.

PEIXEIRA/MÃE- O meu filho é uma ovelha, Pastor?

ARAUUTO- Que se registre a pergunta feita pela jurada que é peixeira...e mãe.

PEIXEIRA/MÃE- O meu filho é uma ovelha desgarrada? (Carlos, 2019, p. 21 e 22)

Deste recorte, criei o personagem Pastor — depois renomeado como Padre Pastor— , que também assume um papel de provocar Mãe Peixeira. E a fala do professor, explicando o que é Ilibado é direcionada ao personagem Narrador Bertolt Brecht.

E o fim, inspirada pelo final de *Mãe Coragem*, trago o coro dos manifestantes para fechar a peça, adaptando este recorte:

Mãe Coragem puxando a carroça – Esperem por mim!
Ouvem-se vozes cantando ao fundo: Com seus trancos e barrancos,
 A guerra vai se arrastando:
 Já está fazendo cem anos,
 E ninguém saiu ganhando.
 Come lama, veste trapo!
 O soldo é de quem apanha!
 Mas talvez haja um milagre:
 Não terminou a campanha.
 É a primavera. Acorde, homem de Deus!
 A neve se derrete. Estão dormindo
 Os mortos. Que se aguentem nos sapatos
 Aquele que não está morto ainda! (Brecht, 2004, p. 266)

Ficando desta forma:

(Ouvem-se o coro dos manifestantes ao fundo)
CORO DOS MANIFESTANTES-
 Com seus trancos e barrancos,
 A guerra vai se arrastando:
 Já está fazendo 500 anos,
 E só eles saem ganhando. (Santos, 2024, Apêndice A)

Interrompi a escrita no PIBIC com os recortes sem muitas alterações, mas já com a ideia definida, registrando que sua finalização se daria após a pesquisa, ou seja, em meu trabalho de conclusão de curso.

Portanto, meu PIBIC finaliza com o esqueleto do que hoje é minha dramatúrgica, compreendendo que a escrita, ou a “colagem” — a partir do processo de recortes de partes textuais para se criar algo novo — podem proporcionar o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, expressão e comunicação; por fim podendo somar, enquanto metodologia, no processo de ensino-aprendizagem de teatro como experiência transformadora na educação formal ou informal. Por essa razão, a primeira versão, publicada com meu relatório de PIBIC em 2024⁵.

⁵ A versão elaborada na finalização do meu PIBIC está no APÊNDICE A deste trabalho.

3. DO ESQUELETO SE NASCE UM CORPO

Após a finalização do PIBIC do qual participei e criei a primeira versão de *Mãe Guerra*, — entendendo que essa versão estou considerando como “a formação do esqueleto” — dediquei-me à escrita da dramaturgia para chegar a uma versão final, aprofundando a minha ideia. O intuito de finalizar a escrita foi para apresentá-la em meu memorial, mas a criação não é algo que temos previsão de como vai acontecer, nem quais caminhos vai seguir, é impossível sabermos seu fim, porque sempre vai além do planejado, dessa forma, ela deixou de ser apenas um experimento dramatúrgico de intertextualidade que finalizaria para meu trabalho de conclusão de curso, mas se tornou também uma peça dramática, nascendo com minha identidade própria.

Ao ler o “esqueleto” da peça, comecei a sentir a necessidade de construir algo a mais, precisava que essas mães não colocassem apenas suas dores em cena, mas sim, suas revoltas, suas histórias, seus cotidianos e pensamentos. Elas precisavam ser provocadas e, para ir além da crítica, a peça precisava de mais elementos Épicos e Dialéticos, justamente para causar o efeito que, para Brecht, é um dos mais importantes: a conscientização para uma transformação social, tendo em vista que, enquanto um leitor das teorias de Karl Marx e Engels, fundamentou seu trabalho no teatro buscando alcançar a consciência de classe a partir dos fundamentos marxistas. O seu teatro é um precursor das ideias comunistas, como uma forma de entendimento da sociedade, destacando os papéis sociais e a divisão das classes.

A orientação marxista (projeto socialista) caracteriza claramente a obra de Brecht. A dialética marxista é a base das provocações brechtianas: as teorias do capital e valor de troca, de Karl Marx, são introduzidas em seus textos, por meio da sátira e da paródia. Dessa forma, Brecht faz uma recontextualização lúdica das principais ideias de Marx.[...] Para atingir seu objetivo, Brecht aplica sua marca na representação cênica, por meio do “efeito do estranhamento/distanciamento”, que propunha instigar o espectador para uma atitude crítica; para ele, o teatro poderia ser um meio de educar, provocando no espectador uma ação reflexiva e crítica diante de questões cotidianas. (Galvão, 2015, p.21)

Desse modo, precisei crescer a dramaturgia, ir além dos ossos daquele esqueleto inicial e começar a desenvolver os músculos, os órgãos, a pele... Comecei a elaborar situações, pensar nas relações sociais que interagem no sistema capitalista, dessa forma, escrevi novas cenas, adicionando novos personagens e discussões importantes, ainda mantendo o tempo paradoxal, ou seja, histórico e contemporâneo ao mesmo tempo, para provocar um estranhamento/distanciamento e elaborar questões atuais.

3.1. Personagens: Os Protagonistas, Antagonistas e Provocadores.

Os personagens tiveram uma grande importância no processo de criação da dramaturgia, eles definiram os principais caminhos que segui em cada cena, levando em consideração as características de cada um, como também suas necessidades e as pautas que interessam cada um, como por exemplo, Sargento que defende a todo custo a guerra e os homens com grandes cargos. Além de ter trabalhado com o desenvolvimento da caracterização dos personagens que já existiam, eu criei novos personagens, porque me veio a necessidade de ter mais interações com as mães e, conseqüentemente, tratar das relações sociais diante de uma sociedade patriarcal, racista e desigual, indo ao encontro com as teorias de Marx, a partir dos procedimentos de Brecht, como os gestos, a troca de papéis, personagens/narradores e o estranhamento/distanciamento.

Para comentar sobre cada um vou categorizá-los como: Protagonistas, Antagonistas e Provocadores, para trazer uma análise de como se expressam, o que representam, suas principais características e suas funções dentro da dramaturgia. Mas antes, destaco aqui que todos os personagens são um pouco provocadores, no sentido de elaborar um pensamento crítico sobre suas vidas e relações ao narrarem suas histórias e quebrarem a 4ª parede. Mas, categorizo personagens específicos como provocadores, porque eles foram criados para provocar, ou seja, a função deles é elaborar uma reflexão, problematizar alguns acontecimentos e levantar debates. Todos eles são criados a partir da abordagem do Teatro Épico quando o ator tem o trabalho de narrar, separando a sua pessoa do personagem. Esse movimento cria o distanciamento necessário para que a plateia tenha acesso a uma opinião de fora da realidade do personagem.

O teatro épico é diferenciado da forma dramática convencional, porque privilegia uma linguagem direta ao espectador, na qual o ator é o narrador. Os elementos narrativos são incorporados nas representações dramáticas [...] O ator utiliza o gesto social, analisando as contradições da personagem e as suas prováveis mudanças, que possibilitam acentuar a diferença entre o seu comportamento e o que ele representa. Isso traz ao espectador um distanciamento em relação à história narrada e, conseqüentemente, facilita uma possível tomada de consciência crítica. (Galvão, 2015, p.31)

3.1.1. Protagonistas:

Acho justo iniciarmos pelos protagonistas, colocando Mãe Peixeira e Mãe Coragem em primeiro lugar por serem as personagens que deram início a essa dramaturgia. Os outros

protagonistas são os próprios filhos e jovens mortos velados durante a dramaturgia, incluindo também, de certa forma, o caixão, que entra como recurso cênico de distanciamento. Temos também outras mães citadas, que fazem um papel muito importante para se chegar na mensagem principal de *Mãe Guerra* que é: jovens sendo mortos diante de nossos olhos e ninguém faz nada sobre isso.

- *O caixão*

No “esqueleto” tínhamos um caixão ao meio, que até então representava os filhos das duas mães, dessa forma quis que o caixão ganhasse uma função maior. O seu estranhamento/distanciamento é a principal movimentação da peça, que por causar uma distância, revela a mensagem da dramaturgia: os filhos que entram e saem desse caixão, um substituindo o outro com seus “objetos subjugados”.

Ao reler a peça *Mãe Coragem e seus Filhos*, me deparei com a cena 6 que recebe a seguinte introdução narrando os principais acontecimentos da cena: “Diante da cidade de Ingolstadt, na Baviera, Mãe Coragem assiste aos funerais de Tilly, General do Império, morto em combate. Fala-se de heróis e da duração da guerra.” (Brecht, 2004, p. 225). Essa cena trata sobre um grande homem que morreu, sendo considerado um herói pelos demais personagens, fazendo de um funeral, um grande evento. A partir disso, pensei no caixão estar em cena, representando várias mortes, uma delas substituindo o General do Império, trazendo alguém “importante” e que fosse mais próximo da nossa realidade, foi então que pensei no engenheiro civil, ex prefeito de Aracaju-SE e ex governador de Sergipe, João Alves Filho, que faleceu em 2020 aos 79 anos. Todo o estado de Sergipe decretou 3 dias de luto pela morte de João Alves, por essa razão criei o personagem Alves, que recebe esse papel de representar uma morte que não seria ignorada, enquanto as mortes dos outros jovens assassinados, passariam despercebidas. Todos os personagens reagem à morte do grande construtor, quando Alves é um personagem que só é visto por conta do caixão, portanto assim, consegui trazer um protagonismo para essas mortes.

- *Os filhos*

Os filhos são protagonistas, porque a dramaturgia tem como tema principal pautar o modo em que morreram, ou melhor dizendo, foram mortos. O filho de Mãe Coragem, morre num campo de batalha, sendo ele um soldado da guerra dos trinta anos. Ele, assim como

outros jovens, atraem-se pela ideia de serem salvadores da pátria, principalmente se tratando de uma guerra religiosa, acreditando no discurso de serem verdadeiros heróis servindo ao Senhor. No texto *Uma leitura feminista da peça “Mãe Coragem e Seus Filhos”, de Bertolt Brecht (1898-1956)* publicado no site A Casa de Vidro⁶, escrito por Eduardo Carli, analisa essa ideologia positiva da guerra que atraiu os filhos de Mãe Coragem.

Os próprios filhos acabam “fiscados” pela ideologia do militarismo e começam a convencer-se de que a guerra não irá matá-los. Passam a crer que vão dar um jeito de escapar dos ataques dos adversários e que vão acabar sendo aureolados com renome glorioso.” (Carli, 2015).

Mesmo sabendo que iriam morrer, preferiram seguir a vida atrás de um heroísmo e Mãe Coragem “[...] percebe a insanidade do Patriarcado Briguento, que a rodeia com a força de um monstro, faminto por filhos.”(Carli, 2015), mas toda a força que ela usou para tentar afastar seus filhos da guerra, não foi suficiente, já que seus dois filhos homens morreram nas mãos da guerra.

Vivemos numa realidade patriarcal, neoliberal e capitalista. Uma realidade pensada e executada por homens em sua maioria. Realidade que nos afoga como um mar em maré alta que pode afundar uma cidade inteira. Na peça *Mãe Coragem*, os rapazes que lutam na guerra como soldados são chamados como grandes heróis, mas no fim se conclui que são apenas jovens morrendo nas mãos de decisões egoístas feitas por homens em situações de privilégio.

[...] rituais militares onde se leva até o delírio a ideia de que a *masculinidade* é um valor inestimável, e que é possível prová-la nos campos de batalha, através de atos de bravura e temeridade, aos quais se prometem a recompensa de troféus, reputações gloriosas, quiçá até gordos cheque-de-pagamento ou permissões para a pilhagem. (Carli, 2015)

Ou seja, os filhos de Mãe Coragem caíram nesses discursos de “atos de bravura e temeridade” através da masculinidade, para se provarem enquanto homens e voltar para suas casas/carroças glorificados. Mas esses discursos são apenas para atrair esses jovens para os campos de batalha e servir aos interesses e objetivos da guerra, como massa de manobra e por fim, morrendo nas mãos da própria nação.

No tempo presente da peça, aliás, a Mãe Coragem cria sozinha seus filhos, pois o Pai Coragem morreu na guerra há um tempão atrás. Agora os Filhos Coragem também seguem pelo mesmo caminho, sugados pelo mesmo fatal magnetismo, como se fosse um buraco negro. As gerações sucedem-se mas a sabedoria parece

⁶ Texto publicado no link:

<https://acasadevidro.wordpress.com/2015/03/19/bertolt-brecht-1898-1916-mae-coragem-e-seus-filhos-notas-de-leitura-parte-1/>

que não aumenta; a carnificina prossegue realizando suas ceifas fatais. A mãe tentou educá-los para o pacifismo e para a prudência, é claro, inclusive utilizando a pedagogia das canções, mas infelizmente as canções às vezes não são tão fortes quanto o barulho das bombas [...] Eilif, o filho mais velho da Mãe Coragem, sabe de cor a cantiga ensinada pela mãe, mas ainda assim age muito mais como este soldado que, na canção, não presta atenção à sábia voz feminina e prefere caminhar correndo para o próprio túmulo. (Carli, 2015)

Quando levamos para a realidade atual do nosso país, podemos pensar na violência policial, mas também na violência que é trabalhar em um sistema cruel que mata diariamente os jovens menos favorecidos. O filho de Mãe Peixeira foi um jovem negro, periférico e trabalhador. Saiu de casa com um guarda-chuva quando foi morto pelos policiais, que confundiram o objeto com um fuzil. Aqui eu saio da ficção e me baseio em um caso real que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro com Rodrigo Alexandre da Silva Serrano, que segundo uma matéria na Ponte (Moura, 2018) era morador da favela Chapéu Mangueira e chovia muito no dia. O homem trabalhava como vigia em um bar e quando foi morto estava em uma ladeira esperando sua esposa e seus filhos segurando um guarda-chuva preto fechado. Assim a polícia atirou para matar Rodrigo, deixando sua mulher, filhos e mãe com uma perda sem justificativa: “Eu pedi uma explicação para a polícia e eles me trataram super mal. Vieram falar que quem baleou meu marido foi bandido, mas não foi não. Quem atirou foi a polícia, disse Thayssa de Freitas, esposa de Alexandre.” (Moura, 2018). Justamente por destacar essa realidade que escrevo a partir dessas peças que me baseei em notícias de casos reais que ocorreram no Brasil, mas também no ensaio de Achille Mbembe (2016, p. 123-151), sobre Necropolítica, do qual ele acredita que as guerras exercem o direito de matar para a manutenção da soberania.

Neste ensaio, argumentei que as formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. Demonstrei que a noção de biopoder é insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte. Além disso, propus a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos”. (Mbembe, 2016, p. 146).

As armas de fogo no Brasil são controladas pela soberania do neoliberalismo e operadas pelas mãos das forças armadas que exercem a função de eliminar as populações escolhidas para não viver. Mbembe defende que a morte das populações subalternizadas é

uma decisão política, assim também, como mantê-los em locais precarizados para um maior controle. O maior exemplo de biopolítica⁷ que ele traz em seu ensaio é a escravidão:

Qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras instâncias da experimentação biopolítica. Em muitos aspectos, a própria estrutura do sistema de colonização e suas consequências manifesta a figura emblemática e paradoxal do estado de exceção.[...] Em primeiro lugar, no contexto da colonização, figura-se a natureza humana do escravo como uma sombra personificada. De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político. Essa perda tripla equivale à dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral). [...] Como instrumento de trabalho, o escravo tem um preço. Como propriedade, tem um valor. Seu trabalho é necessário e usado. O escravo, por conseguinte, é mantido vivo, mas em “estado de injúria”, em um mundo espectral de horrores, crueldade e profanidade intensos. O sentido violento da vida de um escravo se manifesta pela disposição de seu supervisor em se comportar de forma cruel e descontrolada, e no espetáculo de dor imposto ao corpo do escravo. (Mbembe, 2016, p. 130 e 131)

Em *Black Brecht*, Dione coloca como ponto central a colonização do Brasil, que com as abordagens do Teatro Épico nós olhamos para esse passado e pensamos nos tempos atuais, enquanto observadores críticos. Olhar para o processo desumano da escravidão de forma distanciada, ativando mais a razão do que a emoção, faz-nos perceber que o Brasil foi moldado a partir do sistema escravocata, que ainda nos dias de hoje nos mostra uma sociedade racista e violenta. O que dita quem deve morrer ou não é justamente a lógica racista da soberania, que pertence à classe branca e burguesa e encontram ferramentas para justificar sua política de morte: “Por outro lado, o Estado se comprometeria a ‘civilizar’ os modos de matar e atribuir objetivos racionais ao ato de matar em si.” (Mbembe, 2016, 133). No artigo *Necropolítica: Racismo E Políticas De Morte No Brasil Contemporâneo* (Wermuth, Marcht, Mello, 2020), eles abordam sobre a violência policial no Brasil a partir de uma interpretação racial, tendo como principal autor Mbembe. Assim como na ficção de Dione Carlos, os autores também colocam o processo de colonização como principal modelo que estruturou a sociedade brasileira nos dias atuais, resultando num estado do em que “Os homens negros, jovens e pobres são os alvos majoritariamente atingidos pelas armas de policiais em nosso solo.” (p.147). Neste sentido,

Na concepção do autor que deu sustentação à presente pesquisa, o estado de exceção e a relação de inimizade tornam-se a base normativa do direito de matar. Transpondo essa constatação para a realidade brasileira, não é difícil perceber a lógica factual da eleição da população negra pauperizada, que reside nas periferias das grandes cidades, para personificar a figura dos “inimigos”, a partir de um racismo estrutural

⁷ Mbembe se baseia na ideia de biopoder pensada por Michel Foucault que “Na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer.” (MBEMBE, 2016, p. 128) O biopoder é uma divisão biológica em que ocorre uma divisão da espécie humana em grupos, que para Foucault é o que caracteriza o racismo.

tributário do longo e violento período em que a escravidão grassou como sistema legítimo de ordenação social entre nós. (Wermuth, Marcht, Mello, 2020, p. 147)

Por essa razão, os filhos mortos são ao mesmo tempo protagonistas e figurantes, quando o jogo de cena dá a eles uma invisibilidade quando suas mortes passam despercebidas pelos demais personagens, mas não para os leitores. A partir do estranhamento-distanciamento de Brecht, proponho exercitar esse olhar para esses jovens que são mortos todos os dias pela brutalidade do sistema racista, que segundo Mbembe, sofre com a política de morte, em que a juventude negra e periférica são os principais alvos. Desse modo adiciono mais jovens com o mesmo fim dos filhos de Mãe Coragem e Mãe Peixeira, trazendo para cada o que chamo de “objetos subjugados”, que indica uma simbologia, mas também como morreram e o motivo das suas mortes. A exemplo temos o próprio filho de Mãe Peixeira que aparece com um guarda-chuva preto, ou seja, seu “objeto subjugado” indicando o motivo da sua morte. O primeiro menino que entra no caixão está segurando uma bola, como um símbolo da infância perdida e da impossibilidade de viver seus sonhos. O segundo rapaz que troca de lugar com o primeiro, deitando-se no caixão, segura um pedaço de pão, nos mostrando que morreu de fome, seja por consequência da guerra, ou pelo problema da fome que nosso país tem enfrentado. Dessa forma esse rapaz é paradoxal, podendo ter sido morto na guerra dos 30 anos ou na contemporaneidade brasileira. Outro rapaz que também se deita nesse caixão está vestindo um uniforme escolar, porque pode ter sido morto no caminho da escola, mas também significa o afastamento que a juventude negra tem da educação, devido a falta de oportunidade, precisando deixar as escolas para trabalhar.

Segundo uma matéria da revista Manguê Jornalismo (Carmo, 2024) os policiais de Sergipe matam o triplo da média nacional, ficando atrás apenas dos estados de Amapá e Bahia.

Enquanto ao menos quatro estados do Nordeste reduziram seus índices de mortes decorrentes de intervenções policiais, Sergipe se consolidou no ranking das unidades da federação com a maior letalidade policial, com 10,4 óbitos por 100 mil habitantes, mais do que o triplo da taxa nacional. O menor estado brasileiro é o 3º no país onde a polícia mais mata. (Carmo, 2024)

Por essa razão escolhi Genivaldo de Jesus dos Santos, para representar um dos jovens que se deita no caixão, caso que ocorreu em Estância-SE no ano de 2022 que foi morto por três agentes da Polícia Rodoviária Federal- PRF sergipana. Eu trago Genivaldo como referência, por ser parte da população que é mais perseguida e morta no estado, segundo Wendal Carmo da Manguê Jornalismo:

Não à toa, as chances de uma pessoa negra morrer em uma intervenção policial é 3,8 vezes superior ao de um branco, de acordo com o estudo. [...] Entre os ‘alvos’ da polícia, há ainda um predomínio de gênero (99,3% são homens) e de faixa etária, já que 71% das pessoas executadas pelos agentes do Estado possuíam entre 12 e 29 anos. (Carmo, 2024)

Genivaldo foi torturado, quando trancado no porta-malas da viatura da PRF e sendo obrigado a inalar gás lacrimogêneo. Segundo a matéria do site Metrôpolis (Salomão, 2024) o motivo da sua abordagem foi porque não estava usando o capacete enquanto dirigia sua moto, o que não justifica sua morte violenta. Os agentes foram julgados 2 anos depois do ocorrido, recebendo 23 e 28 anos de prisão. Genivaldo é retratado em minha peça sem nome, nem uma referência direta para preservar sua imagem, bem como família, mas é sim uma clara referência. Ele é um personagem que recebe uma mãe, citada por Mãe Peixeira. Outro homem que recebe uma mãe, — também comentados no monólogo de Mãe Peixeira — é Mineirinho, uma referência e inspiração livre ao conto *Mineirinho* (Lispector, 1969).

MÃE PEIXEIRA- (*Diz para a plateia*) - Mataram o Mineirinho! Ele era assim, preto como eu, como minha mãe, meu vizinho, como Seu Firmino e como meu filho. Mataram ele porque era bandido, enquanto apenas prender bastava. Mas, mataram, como se estivessem chutando um cachorro por mexer no lixo. Coisa corriqueira. Mataram o Mineirinho com treze balas enquanto uma só bastava. Ele era devoto de São Jorge, como eu! Me atingiu logo que soube, parece que os tiros foram em mim.

SEU FIRMINO- (*Diz para a plateia*)- Massacrado pela polícia!

BRECHT- Uma só bala bastava, o resto foi vontade de matar! (Santos, 2025, Apêndice B)

Essa é a passagem da minha dramaturgia que ele é citado, junto a sua mãe, que será comentada nos próximos capítulos. Clarice Lispector escreve o conto pensando em um caso que aconteceu em 1962 na cidade do Rio de Janeiro, que, segundo a matéria de Ana Abrahão na Kotter Editorial, Mineirinho tinha fugido da prisão antes de ser assassinado:

A narrativa, publicada em 1969, representa a história de José Miranda Rosa, cujo apelido dá nome ao conto e que havia fugido da prisão. O fugitivo foi fuzilado com treze tiros pela polícia, fato que despertou a atenção das pessoas e se tornou foco de divulgação dos jornais da época. (Abrahão, 2022)

Decidi colocar Mineirinho em minha dramaturgia por causa da sua morte trágica, que retrata o mesmo que os demais, mas principalmente porque conheci sua história através do conto, dessa forma, o conheci primeiro enquanto um personagem literário, do qual me marcou muito quando fiz a leitura. Reconheci nele muitos homens, jovens e crianças mortas dessa maneira, muito antes de saber que seu caso foi real. Sim, José Miranda Rosa cometeu muitos

crimes, mas nenhum deles justifica os treze tiros que o matou, provando a vontade de matar e de sangue, quando apenas um tiro bastava para levá-lo a óbito “[...] por que está doendo a morte de um facínora. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho do que os seus crimes.” (Lispector, 2016, p. 265). A narradora se coloca a pensar nesse homem, chega a se sentir mal por não considerar seus crimes, mas sua morte a invade e no fim passa a se culpar por não ter feito nada sobre quando diz que enquanto morria, estávamos dormindo e acordamos com seu último tiro: “Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais[...]” (Lispector, 2016, p. 266).

Por último, trago a parte final do conto, que traduz tudo o que sinto ao descrever essas mortes, quando essas deveriam ser consideradas verdadeiros crimes, deixando de inocentar a força armada do nosso país que mata, sem justificativa nenhuma, diariamente. Mineirinho, morre inocente. Assim, com Clarice Lispector, finalizo essa parte que me dediquei a falar sobre os filhos, deixando para falar no próximo parágrafo sobre as que ficam: suas mães.

Uma justiça que não se esqueça de que nós todos somos perigosos, e que na hora em que o justiceiro mata, ele não está mais nos protegendo nem querendo eliminar um criminoso, ele está cometendo o seu crime particular, um longamente guardado. Na hora de matar um criminoso nesse instante está sendo morto um inocente. (Lispector, 2016, p. 267)

- *As Mães*

Diante de tantas mortes, são as mães que aguentam o rojão e pedem justiça! Mãe Coragem e Mãe Peixeira vivem em tempos distintos, são mulheres muito diferentes e consequentemente, mães muito diferentes. Mas há grandes semelhanças entre elas: As duas sobrevivem diariamente a um sistema opressivo, trabalham para sobreviver e encher a barriga e ambas perderam seus filhos para a violência brutal de um sistema que seleciona quem deve morrer e quem deve viver.

Anna Fierling, conhecida como Mãe Coragem é uma vendedora ambulante que atravessa a Europa central, o principal palco da guerra dos 30 anos, seguindo os campos de batalha como tentativa de lucrar com a guerra, vendendo mercadorias aos soldados. Tudo isso com a sua carroça, empurrada por seus três filhos, o mais velho Eilif, o do meio Queijinho e a mais nova Kattrin. A peça *Mãe Coragem e seus filhos* foi escrita no ano de 1939 durante o exílio de Brecht após fugir da Alemanha nazista na véspera do início da II Guerra Mundial. A peça se passa na guerra dos trinta anos, que ocorreu entre 1618 e 1648 e, Brecht, escreve

como uma resposta direta à ascensão do fascismo na Europa e uma clara crítica à guerra como instrumento de lucro capitalista. Ele atravessa as questões desse período histórico e distante para comentar os horrores e contradições de sua própria época, um recurso do Teatro Épico.

Naquele momento histórico, a população estava cega diante do conflito entre o capitalismo e o socialismo, e Brecht atinge o público, fazendo uso de uma linguagem direta, familiar e ajustada aos personagens, dentro de uma perspectiva crítico-social, aliada às técnicas teatrais de estranhamento/distanciamento, de modo que se torna fácil para o espectador captar todo o sentido do que foi dito, no mesmo momento em que foi pronunciado. (Galvão, 2015 p. 57)

Mãe Coragem é uma mulher que precisa sobreviver diante de uma realidade tão brutal, onde os pobres ficam cada vez mais pobres. Ela é uma comerciante assim como vários outros, um lugar dominado majoritariamente por homens, que tentam passar a perna um no outro e conseguir uma renda no fim do mês. Por que Mãe Coragem seria diferente? Entendendo como trabalha seus colegas de comércio, entendendo como são espertos, como enganam os clientes e passam por cima de outros comerciantes. Por que ela, uma mulher, mãe de três filhos e pobre, não teria o mesmo comportamento? Ela vende o seu peixe na tentativa de ter algo para comer e dar de comer aos filhos.

Mãe coragem “rebola”, dribla, insubordina-se, tenta *escapar* do jogo que lhe é imposto pelo poder [...] ainda que Brecht saiba também pintá-la em sua humanidade cheia de defeitos e em suas motivações bastante “mundanas”. Mãe Coragem não é heróica: faz o que pode para sobreviver, dá um jeito de prosseguir e atravessar os lutos, mas está longe de ser revolucionária; é vítima de poderes maiores, crushing powers. (Carli, 2015)

O “crushing power” que Eduardo Carli fala em sua análise de Mãe Coragem traduz o poder como algo que esmaga tudo à sua frente, ou seja, tudo aquilo que atrapalha a sua soberania. Mãe Coragem não iria mudar nada sozinha, por isso teme o fim da guerra, não por concordar, mas sim porque não consegue encontrar outra forma de sobreviver. Ela, assim como grande parte da população dominada, estão condicionados e dependentes do sistema operante. Sem os soldados, Mãe Coragem não vende mercadoria. Brecht destaca nela a hipocrisia de querer se salvar da guerra colaborando com ela. Seus dois filhos, alistados no exército, começaram a criar uma consciência de que são melhores, mais protegidos, e que de fato são, pertencentes a uma classe mais privilegiada, mas não fogem do sistema, da guerra e dos males da sociedade. Não é atoa que Brecht dá um fim trágico aos dois filhos que foram para a guerra e a filha Katrin, consequentemente à Mãe Coragem, mostrando que na guerra ninguém se salva.

Mãe Coragem talvez preferisse uma vida tranquila, sem preocupações, mas calhou de nascer em tempos perigosos, sombrios, fratricidas. Não pediu nem escolheu, mas a guerra a rodeia com sua fúria e sua insanidade, obrigando-a a lidar com as potências mortíferas com um rebolado improvisado, na urgência da prática cotidiana. A Guerra, como Cronos na mitologia grega, devora um a um os rebentos de Mãe Coragem. (Carli, 2015)

Eu não mudo essa mãe, adapto suas falas, mas ela continua sendo a mesma Mãe Coragem que Brecht criou, uma mulher que retrata o capitalismo, uma mãe, que deveria fazer de tudo para salvar seus filhos, sendo vendida pelo sistema. A guerra para ela é um negócio, portanto tudo é negociável. Não quer dizer que não sofra com a perda de seus filhos, só quer dizer que diferente deles, ela continua sobrevivendo e sua barriga ainda tem fome.

Mãe Coragem é a própria figura do capitalismo. Ela traz à cena uma denúncia com tamanha grandeza, porque Brecht coloca na personagem questões que envolvem preço, oferta, distribuição, demandas, lucros, etc. A personagem, que encarava a guerra como um negócio, tinha como fonte de renda uma carroça e se valia dela para fazer suas vendas e sustentar sua família. (Galvão, 2015, p. 79 e 80)

Mantenho essas características de Mãe Coragem, assim como sua filha Kattrin, que recebe o nome de Katarina em minha dramaturgia. As duas sozinhas com uma carroça sobrevivendo em uma guerra, portanto mais vulneráveis, tentam proteger uma à outra e a única maneira que Mãe Coragem conhece, é vendendo suas mercadorias, ou até mesmo aquilo que não está à venda, como a coroa de flores do enterro de seu filho, que ela tenta vender ao Sargento:

MÃE CORAGEM- *(Volta-se para Sargento)* - Grandes homenagens precisam de grandes arranjos de flores. Para a sua sorte, eu tenho uma bela coroa de flores aqui. Sabe como é né? Em tempos como este é importante estar preparado.

SARGENTO- Você não perde tempo, Mãe Coragem...

MÃE CORAGEM- Espera um segundo. *(Entra na carroça)* - Katarina, me ajude aqui.
(Mãe Coragem, com ajuda de Katarina, pega a coroa de flores de dentro da carroça e pulam para fora.)

MÃE CORAGEM- A verdade, Sargento, é que a guerra nos obriga a agir com urgência. Não vê o tanto de gente passando fome?

[...] **MÃE CORAGEM-** Vai querer levar para prestar sua homenagem à altura do grande homem?

SARGENTO- Eu vou levar!

(Katarina reluta contra a mãe para dar a coroa, como se não quisesse a entregar. Mãe Coragem conversa com a filha)

MÃE CORAGEM- *(Sussurrando)* -E eu vou fazer o que com isso, agora? Já usamos, seu irmão já foi e ainda está inteira. Não entende que vai apodrecer igual nossos estômagos?
(Katarina desiste e entrega a coroa ao Sargento.) (Santos, 2025, Apêndice B)

Essa mãe aprendeu a sobreviver à guerra, a lidar com os homens e com a clientela, ao mesmo tempo que lida com o luto do filho. É um processo traumático, mas sem tempo de pensar sobre. Ela possui consciência do sistema que vive e até tentou dizer não através das únicas pessoas que ainda conseguia controlar: seus filhos, mas o resultado não poderia ser outro quando se sobrevive num ambiente desumano.

[...]Está bem claro que ela está acostumada a muita pilantragem rolando no comércio, mas o que pode fazer? Seu meio de vida é este e ela prossegue nele, mesmo em meio à guerra, mesmo durante o terrível processo de sentir os filhos escorregando por entre seus dedos, como grãos de areia, sugados pelo monstro feroz da belicosidade máscula. (Carli, 2015)

Mãe Peixeira está longe da guerra dos trinta anos, mas vive um cotidiano com um cenário de guerra. Ela é uma mulher preta, periférica que trabalha desde menina vendendo peixe. Também aprendeu a lidar com seus fregueses que muitas vezes nem sequer olham para sua cara. O filho assassinado dela é colocado com mais um na estatística e ela, também.

Seu filho se foi e ela ficou, ainda levando a vida que sempre levou, lutando todos os dias em estado precário para ter o pão de cada dia. Apesar das semelhanças entre Mãe Peixeira e Mãe Coragem, o que me fez também querer essas duas no protagonismo foi suas diferenças, porque ao contrário de Mãe Coragem, a Mãe Peixeira não simboliza o capitalismo. É verdade que ambas sofrem as consequências do sistema, como vimos anteriormente com a mãe da guerra dos trinta anos, mas enquanto uma se adequa a ele, tentando passar por cima das pessoas, a outra apenas tenta sobreviver com humildade, sabendo da vida injusta que leva. Mas entendemos que as duas já lidam com o mundo sabendo que não podem mudar nada sozinhas.

Mãe Peixeira sabe da violência, ela denuncia a morte de outros jovens, nos fala sobre outras mães que também ficaram e no fim nos diz que apesar de se reconhecer como elas, de entender essa estatística, ela nunca achou que aconteceria com ela, mas assim como muitas, seu filho também foi morto pela polícia, não deixando ninguém passar ileso pela guerra do cotidiano. O local onde Mãe Peixeira, Mãe Piedade e Mãe Parteira vivem é uma favela brasileira, principal campo de batalha contemporânea, onde se encontra o maior número de alvos para a polícia e um alto índice de criminalidade.

Aqueles com menores índices de concentração de renda acabaram por habitar nos guetos e favelas de suas cidades, uma vez que o espaço central é destinado aqueles com maiores rendas. Essa divisão denota o racismo estrutural e a desigualdade

econômica ainda presentes – mesmo que veladas – nesta geração. (Wermuth, Marcht, Mello, 2020, p. 141)

As pessoas que vivem na escassez e com um trabalho precário, são vítimas do poder, que planeja deixar pessoas racializadas morando em um lugar desfavorável, longe da cidade, sendo afastadas de mais oportunidades de emprego, deixando-as assim, cada vez mais vulnerável à violência, consequentemente, aumentando o número de crimes no lugar, dessa forma o estado encontra uma brecha para a eliminação desse povo marginalizado, preto e pobre, como expressado por Mbembe (2016, p.133) ao dizer sobre a atribuição de objetivos racionais ao ato de matar sem necessidade de se justificar, assim, o estado sai ileso. Neste sentido, a polícia expressada por Mbembe não é diferente da realidade brasileira atual, quando a força armada tem permissão para matar pobres, negros e favelados, em virtude da política de morte idealizada pelos governos.

Mãe Peixeira, assim como muitas mulheres, vive em estado de alerta, mas não pode parar, nem fugir. Ela não têm para onde ir e sua barriga, todos os dias, a lembra de que ela precisa arrumar um jeito de comer:

BRECHT- *(Se direciona a plateia)* -Esse aí assinou contrato com a cachaça! *(Volta-se para Mãe Peixeira)* -A senhora também tá sempre por aqui, não?

MÃE PEIXEIRA- E eu vou pra onde? Se tá com saúde, não pode parar. Assim foi como meu pai me ensinou! As pessoas ficam com medo dos homi tirarem as barracas e levarem as mercadorias. Mas não tenho o luxo de ter esse tipo de medo não. *(Pausa longa)* -Mesmo que levem outras coisas, o dia seguinte só vem para provar que a barriga tem fome todo dia. (Santos, 2025, Apêndice B)

Mãe Peixeira não esquece quem é nem um por segundo. Ela, diferentemente de Mãe Coragem, nunca teve que provar para ninguém que não é fraca. Enquanto uma mulher preta e pobre, a sociedade nunca a viu como uma mulher frágil e delicada, mas ela é sim muito vulnerável. No livro *Feminismo, diversidade sexual e serviço social*. (2018) é possível termos noção que na divisão do trabalho também é inserida uma dimensão étnico-racial, ou seja, há uma clara divisão racial entre as mulheres, quando as mulheres negras começam a trabalhar desde cedo — a partir da sociedade brasileira que ainda segue a estrutura racista e escravocrata da colonização, como vimos anteriormente — e quando elas são destinadas a trabalhos mais precários, entendendo que mulheres brancas possuem mais oportunidades: “A mulher negra, portanto, inserida em relações patriarcais e racistas, encontra-se na pior escala social, ocupando, por exemplo, os postos de trabalho mais precarizados e mal remunerados, e expostas a maiores situações de violência.” (Cisne; Santos, 2018, p. 68).

A guerra de Mãe Peixeira é cotidiana, acontece todos os dias diante de seus olhos. Precisei incluir mais jovens vítimas da violência vivida nas comunidades e desse modo, incluir junto às mães desses rapazes. O primeiro caso que ela nos fala é sobre Mineirinho e logo fala sobre sua mãe, como se Mãe Peixeira já nos adiantássemos desde aí o que ela mesma estava sentindo:

MÃE PEIXEIRA- (*Diz para a plateia*) -Olhei nos olhos da Mãe Parteira e soube ali a verdadeira guerra que estávamos enfrentando. “Meu filho foi morto! Mineirinho partiu” ela gritava. Então sim, não tem como uma mulher como eu, que vive como eu vivo, não conhecer a guerra. (Santos, 2025, Apêndice B)

Mãe Parteira, porque viu seu filho partir, mas também, porque bem antes disso, era conhecida por parir os filhos de outras mães. Quis trazer essa característica, onde todas essas mulheres levassem o nome “Mãe” na frente e logo em seguida um adjetivo como “Coragem” de corajosa e “Piedade” e piedosa, ou uma função que elas podem exercer, como “Peixeira” e “Parteira”. Seguindo a mesma lógica da criação de Mãe Parteira, resolvo criar Mãe Piedade, uma clara referência à personagem do monólogo teatral sergipano *Piedade, a seu dispô* (Lopes, 2021) que é uma mulher negra, mãe e empregada doméstica. Ela é retratada na minha dramaturgia enquanto uma mãe sergipana, que perdeu um dos seus filhos, sendo ele o jovem que foi torturado e morto pela polícia por não usar o capacete da moto: inspirado no caso do Genivaldo de Jesus. Na peça de Euler Lopes e Isabel Santos, Piedade perde todos os seus filhos para a brutalidade policial e a criminalidade, enquanto passa a maior parte dos seus dias trabalhando em casa de pessoas ricas. Ela inicia o monólogo de costas para a plateia com as mãos na cabeça, porque além de estar voltando tarde e cansada para casa, ela ainda foi abordada pela polícia, o famoso “baculejo” que com ignorância já chegam com tom de ameaça sem nenhuma intenção de ouvi-la. A mulher se compara a uma cachorra, quase como estivesse matando sua humanidade: “Exposta no meio fio. Muié, com vários anos vividos, crente das coisas e das injustiça dos homi. Muié, mas cachorra. Corra, peste. Só lhe falta latir. Uma cachorra suada, capturada no meio da noite.” (Lopes, 2021, p. 49). Volto à ideia da morte social, que é a “expulsão da humanidade de modo geral” (p. 130) conceituada por Mbembe.

Retorno aqui a Françoise Vergès (2020) que destaca a estrutura patriarcal e racista que sustenta a sociedade com o trabalho cansativo e mal pago de mulheres racializadas e pobres, como o caso de Piedade, ou Mãe Piedade, Mãe Peixeira, Mãe Parteira e várias outras...

O que eu quis destacar neste livro foram fatos simples, concretos e tangíveis que

iluminam a estrutura profundamente racializada, estratificada e marcada pelo gênero que permite à sociedade burguesa funcionar há séculos. Longe de ser um discurso feminista abstrato, esses fatos são visíveis a quem deseja vê-los. Todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras, racializadas, “abrem” a cidade. Elas limpam os espaços que o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam para funcionar. Elas desempenham um trabalho perigoso, mal pago e considerado não qualificado, inalam e utilizam produtos químicos tóxicos e empurram ou transportam cargas pesadas, tudo muito prejudicial à saúde delas. Geralmente, viajam por longas horas de manhã cedo ou tarde da noite. Um segundo grupo de mulheres racializadas, que compartilha com o primeiro uma interseção entre classe, raça e gênero, vai às casas da classe média para cozinhar, limpar, cuidar das crianças e das pessoas idosas para que aquelas que as empregam possam trabalhar, praticar esporte e fazer compras nos lugares que foram limpos pelo primeiro grupo de mulheres racializadas. No momento em que a cidade “abre”, nas grandes metrópoles do mundo, mulheres e homens correm pelas ruas, entram nas academias, salas de yoga ou meditação. Aderindo ao mandato do capitalismo tardio, que exige manter os corpos saudáveis e limpos, essas mulheres e homens, na sequência de seus treinos, tomam um banho, comem uma torrada com abacate e bebem um suco detox antes de prosseguirem com suas atividades. Chega então a hora em que as mulheres negras e racializadas tentam encontrar um lugar no transporte público para seus corpos exauridos. Elas cochilam assim que se sentam, seu cansaço é visível para aquelas que querem vê-lo. A relação dialética construída entre os corpos eficientes da burguesia neoliberal e os corpos exaustos das mulheres negras ilustra os vínculos entre neoliberalismo, raça, gênero e heteropatriarcado. (Vergès, 2020, p. 12)

Crio Mãe Parteira e Mãe Piedade para trazer ainda mais forte a ideia de que as duas mães principais estão longe de serem as únicas a enfrentar essa realidade, quando entendo que existe essa relação de controle da sociedade sobre os corpos exauridos dessas Mães, bem como sobre os corpos de seus filhos. Esse sistema que as mantém, na realidade da peça, ou seja, em situação de subalternização, as mantém presas, sujeitadas a continuar fazendo exatamente o que a burguesia espera: Que “abrem” a cidade, limpam os espaços para que o patriarcado e o capitalismo neoliberal possam trabalhar em paz sem esforço algum.

Quando Bertolt Brecht coloca que o ator precisa se distanciar do personagem no Teatro Épico é para que a gente não se perca na emoção. É muito forte ver mulheres perdendo seus filhos, ainda mais com tamanha violência e injustiça, mas através dessas mães, é possível analisar a situação de forma racional, entendendo melhor quem culpar. Mãe Coragem e Mãe Peixeira dizem sempre e sem medo nenhum quem foram os verdadeiros culpados pelo fim da vida de seus filhos.

A perspectiva adotada é “crítico-social”, realçando todo o enquadramento social possível e fazendo o ator levar o espectador, dentro de sua classe social, a julgar as condições vigentes. Aí o ator adota uma caracterização histórica para acontecimentos da atualidade, permitindo uma distância idêntica à que é adotada por um historiador. (Galvão, 2015, p.41)

Elas narram suas histórias como um ato de denúncia, ao mesmo tempo que seguem fazendo seus trabalhos. Ai delas pararem de trabalhar, mas as duas sabem que podem falar e que a plateia vai escutar. Em uma cena, coloco Mãe Peixeira respondendo ao Narrador Brecht

sobre os três dias de luto da morte de Alves, que ela fala enquanto embala um peixe, passando a ideia de um movimento robótico:

MÃE PEIXEIRA- O valor? Não viu que eles mesmos colocaram? Três dias de luto! Quem é que pode parar a vida pra ficar 3 dias luto? Não posso ficar nem metade de um dia. Pra mim é todo dia a mesma coisa. (*Embala um peixe numa sacola e entrega ao Freguês 1*) -Ai de mim parar de embalar. Eu durmo e acordo de barriga vazia, e de vazio já basta meu ventre e meu coração. (*Embala um peixe numa sacola*) -Esses homi não quer que nenhum trabalhador tire 3 dias de luto de verdade. Se nós parar de trabalhar, a cidade não acorda, não funciona e nem sequer dorme. Agora, ninguém me perguntou quanto vale o luto de uma mãe. (Santos, 2025, Apêndice B)

Por essa razão, coloco que estão sendo empurradas ao precipício, retratando esse controle feito pelo poder que tira delas os seus filhos e qualquer oportunidade de ter uma vida digna. Dessa forma, assumem o papel de protagonistas da dramaturgia, para escancarar uma realidade e conscientizar sobre os nossos verdadeiros inimigos.

3.1.2. Antagonistas:

Os antagonistas de uma peça são sempre aqueles responsáveis pelos conflitos principais, eles são por natureza contraditórios, impacientes e com algum desvio de caráter. Indo de acordo com o Teatro Épico de Brecht, o teor é político e, para além disso, marxista. Portanto, o principal antagonista da dramaturgia é o sistema capitalista, do qual os demais personagens são propagadores. Assim, se mostram conservadores, preconceituosos e de certo modo, violentos.

- *Sargento*

Ele aparece do lado direito do palco, na cenografia de Mãe Coragem, na guerra dos trinta anos. É um personagem que veio da peça *Mãe Coragem e seus filhos* trazendo todas as fortes opiniões sobre a guerra, sobre a morte e sobre a paz. O Sargento é do exército de cristãos que louva as decisões de continuar com a “Guerra Santa”, concordando sobre invadir vilas, matar inocentes e seguir com a vasta fome. O seu papel social é ser o clássico homem que admira os patrões, os políticos, os empresários, e por ter um cargo dentro destes ambientes, acredita ser parte da mesma classe social. Mas a verdade é que um sargento está muito abaixo de um general, ou coronel, major ou capitão, cargo ocupado por Jair Bolsonaro. Um dos primeiros que aparecem na peça é Sargento trazendo logo uma visão alterada da realidade, como se já adiantando sua própria percepção da guerra e dos dias difíceis que

vivem as Mães: “Já está iniciando mais um formoso dia na grande capital!” (Santos, 2025, Apêndice B). Essa capital, que inclui a guerra dos trinta anos e a contemporaneidade, revela mais tarde que esse formoso dia nunca irá chegar, nem mesmo para Sargento.

Analisando-o através do conto *O Espelho: Esboço de uma nova teoria da alma humana* (Assis, 1992), podemos dizer que o Sargento, bem como Jacobina, personagem de Machado de Assis, perde a sua essência, seu interior, assim vivendo apenas com exterior, ou seja, de aparências. No conto de Assis, Jacobina expõe a sua teoria de que o ser humano possui duas almas, a alma interna, que se trata da essência do ser, daquilo que ele realmente é, e, a alma externa, que se trata da aparência, aquilo que é mostrado para os outros: “Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...” (Assis, 1992)

Jacobina se perde da sua primeira alma, pois o orgulho pela nomeação de alferes da Guarda Nacional faz com que sua identidade mude devido à sua nova posição social. O uniforme se torna tão importante, que ao se olhar no espelho, enxerga apenas isso, o uniforme é o principal símbolo dessa nova alma externa. Ele passa a atender apenas por Alferes, deixando de lado também seu nome Jacobina: “A minha alma exterior, a única verdadeira, a única real, a única divina, era o meu posto de alferes.” (Assis, 1992).

Sargento não possui essa consciência de que só liga para a sua aparência, entendo aqui se tratar da sua segunda alma, porque ele se perdeu de quem realmente é, se perdeu da realidade, assim, não se coloca como alguém que faz parte do grupo social que sofre com a guerra, mas daquele grupo que elabora a guerra, mas não a vive do mesmo modo. Na hierarquia militar, Sargento está num posto muito baixo, mas ele não se enxerga assim. Quando é posto na peça que ele nem sequer notou a perda do filho de Mãe Coragem, é um pouco porque ele perdeu sua primeira alma, a essência, a parte humana do ser, a empatia pelo outro; assim, só se importando com seu cargo, que busca sempre agradar os militares e homens que ele admira, acreditando ser parte da mesma classe social e do mesmo nível de importância que esses homens, mas na realidade é que ninguém vai notar sua visita ao velório do grande Alves, muito menos a sua homenagem, porque ele não tem a importância que acredita possuir. Na cena 5 que intitulei de “Um Espelho para o Sargento”, trago essa comparação através de um diálogo indireto entre os personagens, que também revelam suas opiniões para a plateia:

SARGENTO- Grandes homens precisam de grandes homenagens. Vou prestar minhas condolências, já que todos me esperam.

BRECHT- “O alferes eliminou o homem”, nesse caso, o sargento.

MÃE CORAGEM- (*Diz para a plateia*) -Por acaso, não tenho aqui um espelho. Se tivesse, o pobre Sargento não se reconheceria. (Santos, 2025, Apêndice B)

Assim como Jacobina, Sargento também não se reconheceria se olhasse em um espelho. Acredito eu que ele falaria a mesma coisa que o Alferes: “Olhei para o espelho... A princípio, não vi nada... A custo distingi uma coisa vaga, esbatida, sem contornos definidos...”(ASSIS, 1992). Entendo também que, a partir desta análise, o fato dele não se reconhecer e se vê pertencente a um lugar que não é seu, o fez se tornar um homem conservador, que preza pelos bons costumes da família tradicional cristã, concordando com situações absurdas e duvidando das Mães, como na cena em que Mãe Peixeira descreve como seu filho morreu e ele a responde sem nenhuma empatia:

MÃE PEIXEIRA- (*Diz para a plateia*) -Por causa do guarda-chuva, meu menino foi visto como marginal pro mundo, mergulhado em chuva de tiros. E o último conselho que eu dei foi pra ele levar aquele guarda-chuva porque ia chover. Como uma mãe, sabendo que vai chover, não diz pro filho levar seu guarda-chuva? Eu não pedi essa guerra, mas ela enfiou o pé na porta e não pediu licença.

SARGENTO- (*Ele pega seu fuzil e manipula como se fosse um guarda-chuva*) - Por causa de um guarda-chuva, assim como o meu, seu menino foi visto como marginal e levou tiros? Que piada, minha senhora!! (Santos, 2025, Apêndice B)

Um homem hostil, que não enxerga os males da guerra, nem da violência. Como muitas pessoas nos dias atuais que agem como se estivessem no passado, representando o conservadorismo que através do patriarcado, racismo e qualquer violação dos direitos humanos, pretende atrapalhar o avanço social, como bem planejado pelo capitalismo.

- *Padre Pastor*

Outro antagonista da história é o Padre Pastor, que representa em seu nome um pouco da contradição da guerra dos 30 anos, que colocou os cristãos contra os protestantes: “A Guerra dos Trinta Anos constituiu-se de uma série de batalhas travadas por nações europeias, envolvendo luteranos e católicos, principalmente em território alemão, na região da Boêmia.” (Galvão, 2015, p.63). Após um tempo, a guerra religiosa se torna apenas uma justificativa para que a invasão e mortes por território apenas passe por detrás dos panos, como expressado por Viviane Galvão:

Tanto católicos, quanto protestantes, começam a perceber um equilíbrio entre as forças de guerra, sendo que nenhuma das duas formas religiosas seria aniquilada totalmente, levando, em 1648, ao fim da guerra, tendo por consequência a institucionalização de um sistema de estados independentes, sem hegemonia de religiões. A religião se torna, então, algo secundário. (Galvão, 2015, p. 64)

Para além dessa referência, trago o Padre e o Pastor com um símbolo para representar a forte onda conservadora, da qual muitas pessoas mal intencionadas utilizam da religião para disseminar ódio e preconceito nos dias de hoje na sociedade brasileira, entendendo que há uma razão para envolver as religiões nas “guerras”, para condenar moralmente algumas ações de projeto social que avança a vida das pessoas mais pobres. No artigo *A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo* (Almeida, 2017), o professor Ronaldo trás que quanto mais os valores religiosos dos evangélicos se adentram na política, mais cresce o conservadorismo no Brasil.

O argumento é que parcela desses religiosos está articulada a linhas de força em diferentes dimensões (econômica, moral, securitária e internacional) do processo social em curso no país e que configuram o que tem sido denominado com relativa imprecisão de “onda conservadora”. (Almeida, 2017)

Os evangélicos não são os únicos responsáveis por esse crescimento conservador, mas influenciam uma grande parte da população a ter esses pensamentos em nome da religião, por essa razão houve um notório aumento de parlamentares da “bancada evangélica” nas câmaras.

Acrescente-se, ainda, que os deputados não são apenas evangélicos ou tão somente representam esses interesses. Uma parcela dos deputados saiu dos quadros das Igrejas, mas outros tiveram diferentes trajetórias profissionais (empresários, advogados, policiais) e econômicas, o que os coloca em órbitas de influências políticas variadas. Como membros do Parlamento, sua atuação tem outras facetas e vetores. Da mesma forma, a denominada “onda conservadora” não deve ser compreendida como uniforme, mas trata-se de uma vaga que quebra em várias direções, e qualquer tentativa de leitura demasiadamente totalizante perderá boa parte da diversidade do processo social. As direções estão articuladas em conexões parciais em torno de uma concertação mais ampla. (Almeida, 2017)

O Padre Pastor é uma mistura do Pastor que aparece em *Black Brecht* de Dione Carlos, do qual implica com Mãe Peixeira e defende o Civilizador-General. Em minha dramaturgia, trago o Pastor para exercer essa função, enquanto propaga discursos conservadores, ele se mostra hipócrita ao defender o construtor Alves e fica implícito a amizade deles por interesses financeiros.

(O Padre Pastor retorna se colocando de frente para o caixão.)

PADRE PASTOR- O Senhor hoje há de preparar o reino dos céus para receber um homem que precisa de um olhar especial. Irás receber um homem de bom coração, que defende os bons costumes.

(Surge um rapaz com uma bola que se deita no caixão vazio.)

SEU FIRMINO- Esse Padre Pastor eu não sei não! Caiu na tentação do mundo, mente pra se dar bem. Onde já se viu? (Santos, 2025, Apêndice B)

Mais tarde, Padre Pastor revela seu pensamento sobre a morte do filho de Mãe Peixeira, o chamando de ovelha, ou seja, um jovem naturalmente controlado que já nasceu com a única função de fazer aquilo que o sistema deseja. Ou seja, em vez de ir contra a violência sofrida por esses jovens, o Padre Pastor protege essa política de morte, justificando ser um “plano de Deus” que ninguém pode questionar.

PADRE PASTOR- (Olhando para o garoto no caixão) - Em guerras, sacrifícios são importantes, resta para alguns de pouca fé. Os que crêem de verdade não morrem eternamente. O sacrifício de um membro do rebanho pode significar a busca do bem maior, ou a falta de fé na família. Por isso, em alguns casos é necessário usar o cajado, o instrumento que guia e disciplina o rebanho, e se precisamos de um cajado maior, é para alcançar ovelhas desgarradas. (Santos, 2025, Apêndice B)

- *Freguês 1 e Fregues 2*

Os dois fregueses, apesar de viverem em tempos diferentes, representam uma classe dominada, mas que acredita fazer parte da porcentagem de pessoas que irão um dia ser dominantes. São jovens conservadores, que defendem o sistema capitalista e tudo o que ele representa. Os dois saem do Coro dos manifestantes e vão cada um para um lado quando chegam suas cenas. O Freguês 1 vai para o lado esquerdo, que vive na contemporaneidade e interage com a Mãe Peixeira na feira. É um homem que logo já se coloca em posição de superioridade. Escrevi a cena 6, intitulada de “Foco, Força e Fé”, da qual o freguês expõe seus pensamentos meritocráticos, acreditando que com muito trabalho um dia será recompensado. As Mães alertam que o rapaz irá morrer de trabalhar, mas egocêntrico como Alves, um homem que nasceu e morreu rico, diferente da classe operária, da qual este freguês faz parte, mesmo não tendo a consciência disso:

FREGUÊS 1- *(Diz para a plateia)* -Um homem que é responsável pela sua própria riqueza, merece uma vida digna, assim como uma morte honrosa. Trabalho muito todos os dias porque sei que com muita força, foco e fé, vou conseguir alcançar a minha vida digna. (Santos, 2025, Apêndice B)

O Freguês 2 aparece do lado direito na guerra dos 30 anos. É um rapaz que se coloca como diferente dos outros soldados, diferente também do filho de Mãe Coragem. Diz ser esperto, mais estudado, por essa razão tem mais capacidade de passar ileso pela guerra, mas “Às vezes quem se acha corajoso está, de olhos vendados, correndo para um túmulo precoce, desperdiçando a vida em uma contenda desnecessária, que não precisaria ser resolvida na violência.” (Carli, 2015). Não por acaso, que coloco mais tarde o Freguês 2 entrando no caixão, simbolizando sua morte na guerra, que assim como vários jovens, ele também não escapou do fim trágico, indo contra ao que ele mesmo diz a Mãe Coragem:

FREGUÊS 2- Alto escalão? Sei! Com essa carroça aí? Olha minha senhora, eu poderia até ajudar a carregar porque eu sou um menino muito bom, de família boa, mas também tenho potencial para crescer algum dia. Serei de alto escalão, Mãe Coragem, você vai ver. Não sou qualquer moleque que não sabe se defender. Sou esperto, estudado. Um dia vou ser doutor, mas antes serei sargento, porque a pátria e a fé me chamam. (Santos, 2025, Apêndice B)

A função e o que esses personagens revelam na dramaturgia é justamente ressaltar o delírio vindo da masculinidade misturado com a meritocracia que atrai várias pessoas, homens e jovens, os levando a servir a “pátria amada”, podendo ser provado e garantido seus valores enquanto homens, seja nos campos de batalha ou no mercado de trabalho exploratório. Eles caem na isca pensando que no fim vão se tornar verdadeiros heróis servindo ao Senhor em uma Guerra Sagrada, ou serão grandes provedores, tornando-se ricos. Uma grande armadilha de convencimento do povo e dos jovens que são jogados em um verdadeiro espaço de desumanização e até mesmo morte.

3.1.3. Provocadores:

Como colocado anteriormente, todos os personagens da dramaturgia são provocadores. Todos eles trazem através das suas ações, percepções, histórias e expressões uma mensagem que provoca a plateia/leitores. Já tratei aqui dos Protagonistas e dos Antagonistas, agora irei falar dos personagens que, sim, são secundários, mas que exercem uma função muito importante na peça, portanto, são também e principalmente Provocadores.

- *Narrador Bertolt Brecht.*

Através da provocação do Teatro Épico em relação à narrativa, resolvo crescer essa abordagem na dramaturgia adicionando um personagem que sua principal função é de narrar e falar diretamente com a plateia, mas esse também interage com os personagens. Para provocar mais ainda o nomeio de Narrador Bertolt Brecht. Sua principal função na peça é revelar o que ainda está implícito, explicar o que está confuso, corrigir o que está errado e, também, trazer a crítica necessária, sem interferir nas relações sociais entre os demais personagens da dramaturgia. Ele provoca, mas não tem o poder de mudar a realidade imposta por cada um, mas como um narrador brechtiano, pode transformar a consciência da plateia/leitores.

BRECHT- *(Fala para a plateia)* -O povo não vê a cara da política, porque a política não chega com a cara do povo. *(Se direciona para Mãe Peixeira)* -Quanto vale o luto deste homem? (Santos, 2025, Apêndice B)

O Narrador Brecht consegue interagir com todos os personagens da peça, diferente dos outros que tem uma interação mais limitada. Também pode caminhar para ambos os lados. Em algum momento pode estar com a Mãe Peixeira na feira do lado esquerdo e logo em seguida atravessar a divisão e estar com a Mãe Coragem do lado direito.

O Narrador Bertolt Brecht é o que ele já se propõe ser, estar no palco para acompanhar e comentar as histórias dos personagens, portanto, diferente dos demais, ele não tem a dinâmica de se dividir do ator para o personagem, porque ele já trás um ponto de vista de alguém de fora.

Alguns recursos literários permitem que a estrutura épica sirva ao distanciamento, como, por exemplo, “a presença de um personagem que comenta a cena, que faz o papel de narrador, a presença de outros comentários, como cartazes, citações, projeções cinematográficas, etc.” (Rodrigues, 1983, p. 131). Tais recursos são suficientes para constituir um estilo narrativo e amplamente ficcional. (Galvão, 2015, p. 38)

Dessa forma, ele está como um recurso literário dentro da dramaturgia como esse narrador que faz comentários sobre as cenas. Ele já sabe o futuro de cada personagem, sabe o que cada um pensa e o mais importante, sabe como provocá-los, consequentemente, provocar na plateia/leitores, uma reflexão, utilizando-se muitas vezes da ironia, entendendo que para o Teatro Épico de Brecht “A ironia também é um recurso crítico distanciador.” (Galvão, 2015, p. 39).

(Ao centro, aparece o Padre Pastor que fica próximo ao caixão, proferindo seu discurso.)

PADRE PASTOR- Um homem tem que buscar o bem, assim como as pessoas de bem são os grandes benfeitores deste país. Alves foi uma pessoa com quem mantive vínculo espiritual e junto a ele travei batalhas contra o mal. Um homem inabalável,

firme e sempre abundante, sabendo que para o Senhor, o trabalho duro nunca é em vão. Hoje morreu um homem de caráter ilibado.

BRECHT- Ilibado? (*Para a plateia*) - Alves agora foi um não tocado, sem mancha, puro, livre de culpa ou de suspeita, reabilitado, justificado? Tudo isso? O céu o merece! (Santos, 2025, Apêndice B)

Nessa fala é possível entender como ele reagia e comentava. Ao mesmo tempo que explica o que é ilibado para a plateia, ironiza com o fato de que Alves não era esse sujeito que Padre Pastor disse que era, dessa forma, trazendo a crítica em cima de sua fala. Esse personagem, portanto, está presente em quase todas as cenas da dramaturgia, por causa da sua responsabilidade em produzir uma crítica pontual, desarmando os antagonistas e dando destaque aos protagonistas, legitimando a denúncia da morte de seus filhos.

- *Seu Firmino*

Um homem negro, bêbado, que vive na feira incomodando as pessoas e fala o que ninguém quer ouvir, muitas vezes não sendo levado a sério, quando está apenas dizendo alguma verdade. Um invisibilizado socialmente, onde eu o coloco numa posição de não ser, nem um pouco, ignorado. Seu Firmino entra para trazer um tom cômico na dramaturgia, muito importante para exercer sua função enquanto provocador.

O riso é extremamente importante para o Teatro Épico, quando entra enquanto um elemento da ironia. Seu Firmino já é por si uma figura engraçada, se tratando de um bêbado que fala embolado e anda tropeçando. Mas para além disso, ele quase nunca se expressa como esperam, sempre fazendo ser visto e escutado, mesmo que seja para rirem dele.

O riso, de um modo geral, pode ser caracterizado como um fator do distanciamento, pois se ri do que não infere em nossas emoções mais intensas. O riso pode ser causado por situações cômicas ou elementos da fala. Não se acha graça de um trágico acidente, mesmo que as circunstâncias que o causaram sejam cômicas, porém isso pode ocorrer no chamado “humor negro”, quando se ri de alguém que cai ingenuamente, devido a algum obstáculo que tenha em seu caminho. Brecht utiliza abundantemente o chiste (colisão das palavras que causam um efeito cômico) ou o paradoxo (contradição lógica), pois isso torna o espectador distanciado, devido ao exagero. (Galvão, 2015, p. 39 e 40)

Seu Firmino, como um bom provocador, leva a plateia/leitores a rir, mas nunca os personagens. Eles ficam sérios, magoados, calados, justamente porque um bêbado está dizendo uma verdade que eles não querem ouvir, como acontece na cena 4 “Morre um grande construtor” Firmino provoca o Padre Pastor o chamando de mentiroso e hipócrita por pensar só em dinheiro:

SEU FIRMINO- Bem faz eu para o povo que tô aqui divertindo essa gente todo dia. Eu tenho muito Deus no coração, sabe Padre Pastor? Por isso que eu sou lindo assim. *(Dá um sorriso amarelo para a plateia).*

PADRE PASTOR- Com certeza você é lindo aos olhos de Deus.

SEU FIRMINO- Me chamando de feio, Padre Pastor? Deus tá vendo você mentir! Isso é pecado, viu?

PADRE PASTOR- Tá me chamando de pecador?

SEU FIRMINO- Eu disse que é pecado mentir! Pecador você é porque só pensa em dinheiro.

PADRE PASTOR- É pecado não cuidar do corpo que o Senhor te deu também!

SEU FIRMINO- Então você confessa?

PADRE PASTOR- Confesso o que?

SEU FIRMINO- Que só pensa em dinheiro.
(O Padre Pastor fica em silêncio e sai de cena)

BRECHT- *(Se dirige à plateia)* -Dizem que ficar em silêncio é melhor que mentir. (Santos, 2025, Apêndice B)

Ele, nessa figura subalterna, que na nossa sociedade, normalmente incomoda só por estar ocupando certos espaços, recebe um destaque, causando um distanciamento através do riso, mas também quando consegue distanciar a ideia de que ele seria um personagem ignorado e julgado pelos demais, mas reverte a situação, sendo ele quem os julga.

- *Katarina*

Katarina é Kattrin na peça *Mãe Coragem e seus filhos*. Ela nasceu na Alemanha, filha de uma alemão, diferente de seus outros irmãos, um é francês e o outro é suíço. Ela é uma menina “muda”, que perdeu sua voz após um trauma de guerra. Gosto muito da interpretação que Viviane trás em sua dissertação sobre o fato da personagem ser alemã e muda, quando diz que “Kattrin é o protótipo do reprimido socialista alemão, condenado a ficar de boca fechada.” (Galvão, 2025, p.74), pensando que Brecht escreveu essa peça durante a Alemanha nazista, sendo possível a Kattrin ser uma representação da censura e da perseguição sofrida na época.

Trago Katarina para a dramaturgia, mantendo-a “muda”, sem falar durante a maioria das cenas, sustentando o seu trauma sofrido na guerra para preservar a representação da censura, principalmente se tratando de uma mulher, parte importante já que ela é a única filha

mulher de Mãe Coragem. Ela então se torna um grande apoio para a sua mãe, quando está o tempo todo ajudando-a, simbolizando o papel que a mulher é colocada socialmente como responsável pelo cuidado, principalmente quando o assunto é cuidar da família e pessoas mais velhas. Na dramaturgia trago na literalidade o fato das duas carregarem um peso nas costas, quando carregam juntas uma carroça cheia de mercadorias.

O fato dela ser “muda” devido a possível ligação com a censura, me fez querer a fazer falar na última cena da peça, simbolizando a revolta e a coragem de enfrentar de frente a repressão. Katarina se levanta e desobedece o Sargento orgulhosamente, como uma forma de provocar não só esse personagem que diz mentiras, mas também provocar todos que não conseguem ver a verdade. “A verdade é combativa. Não luta somente contra a inverdade, mas também contra certos homens que a divulgam.” (Brecht, 1967, p.26)

A última cena ganha como título uma frase dita por Mãe Coragem na peça brechtiana após um soldado a mandar se sentar: “Quem se senta, não se revolta!”.

SARGENTO- Ei menina! Desça daí agora! Senta!

KATARINA- Não me sento, não!

BRECHT- Quem se senta, não se revolta!

(Katarina com gritos de manifestação revela a verdade.)

(Santos, 2025, Apêndice B)

Dessa forma, Katarina quebra com aquela menina que aceita tudo calada sem expressar nenhuma relutância e finaliza a dramaturgia sem medo de falar a verdade que estava diante dos olhos de todos.

3.2. Distanciar para Estranhar: “Os Distanciadores”.

Acredito que uma criação possui vida, ela se expressa como célula e pode ser modificada quando necessária, eis o objetivo de adaptar. Essa célula viva precisa receber um “diagnóstico épico” para melhor entendimento das suas características e se a dramaturgia construída realmente se enquadra em uma peça Épica e Dialética, pensando nas abordagens de Brecht. Por isso vamos entender os principais sintomas que a peça possui.

O olhar crítico sobre as relações representadas na dramaturgia não causaria a conscientização necessária que o Teatro Épico propõe. É importante pensar que a poética de Brecht era a luta de classes, que envolve um pensamento revolucionário, mas sem as abordagens brechtianas, não é possível causar o efeito que o autor desejava: a transformação social. Brecht diz ser possível chegar nesse lugar se o teatro também for divertido, pois o prazer é um propulsor para atrair as pessoas ao teatro que:

[...] é livre para se recrear com ensino e investigação. Constrói suas representações sociais de forma válida e capaz de influenciar a sociedade, com uma grande diversão. Expõe aos construtores da sociedade as vivências desta mesma sociedade, tanto as de ontem como as de hoje; mas de tal maneira que a audiência pode apreciar os sentimentos, os conhecimentos e impulsos que são extraídos entre nós, por aqueles que são mais emotivos, os mais cultos, os mais ativos, dos acontecimentos do dia a dia e dos séculos. Eles devem ser recriado com o conhecimento que advém das soluções dos problemas, com a ira que é a expressão prática de simpatia pelos oprimidos; com respeito devido a todos que consideram a humanidade; em suma, com qualquer coisa divirta o homem que está produzindo alguma coisa. (Brecht, 1967, p. 192)

Dessa forma, para se produzir Teatro Épico é necessário ter uma compreensão da sociedade e de como agem os “construtores do mundo”, para expor de maneira fiel e divertida para a plateia; portanto é necessário a representação da realidade: “O teatro tem de se comprometer com a realidade, pois só assim lhe será possível o lícito realizar representações eficazes da realidade.” (Brecht, 1967, p. 192)

Na criação da minha dramaturgia, tomei o cuidado de prezar pela realidade que dediquei em escrever, levando em consideração toda a crítica necessária, mas tentando manter ao máximo as características do Teatro Épico, buscando os elementos brechtianos, que aqui vou chamá-los de “distanciadores”, que nada mais é do que recursos disparadores do estranhamento/distanciamento que utilizei em meu texto. Um dos principais recursos é o tempo da peça, que como abordado anteriormente é paradoxal, ou seja, distantes do tempo e espaço. Envolve em um mesmo lugar a guerra dos 30 anos e a contemporaneidade. Que causa uma distância natural entre os personagens da peça, mas também causando o efeito de estranhamento, quando se tem do lado direito um tempo histórico e do lado esquerdo o tempo presente, pensando que a plateia/leitores podem observar os dois lados e conseguir identificar as semelhanças dos acontecimentos com a realidade.

A nossa própria situação, época e sociedade devem ser apresentadas como se estivessem distanciadas de nós pelo tempo histórico ou pelo espaço geográfico. [...] Vendo as coisas sempre tal como elas são, elas se tornam corriqueiras, habituais e, por isso, incompreensíveis. Estando identificados com elas pela rotina, não as vemos com o olhar épico da distância, vivemos mergulhados nesta situação petrificada e ficamos petrificados com ela. (Rosenfeld, 1985 p. 151)

Outros recursos “distanciadores” são as narrações e a ironia usada pelos personagens, que são elementos já comentados e elaborados anteriormente, sendo eles necessários para se criar a distância entre ator e personagem gerando uma reflexão, quando a plateia/leitores estranha essa dinâmica. Mas quero dar um foco agora no disparador do “gestus sociais”, elemento que ajuda a indicar as características dos personagens. Os “gestus sociais” é uma expressão, podendo ser gestos, mímicas, falas, etc, que indica uma situação social: ”Um

homem que vende um peixe, a mulher que seduz um homem, o polícia que bate no pobre — em tudo isso há ‘gestus sociais’” (Rosenfeld, 1987, p. 163). Portanto inclui vários desses “gestus” para compor a cena, como por exemplo, quando o Narrador Bertolt Brecht faz o gesto de dinheiro com as mãos, quando diz que Alves fez muito bem, querendo dizer na verdade que ele fez muitos “bens”, no sentido de ter dinheiro e patrimônio.

[...] o estranhamento, que, dentre as estratégias de Brecht, era apresentar no prólogo os explorados na sua totalidade, utilizando o gestus de maneira dialética, para confrontar as atitudes sociais de cada personagem com suas consequências. O gestus tem uma função importante dentro do texto, pois é a sua composição que coloca as contradições das relações sociais que o autor pretende apresentar. (Galvão, 2015, p. 61)

Em relação o destaque das contradições, um “gestus” que vou destacar aqui é o do Sargento, que ao ouvir sobre a morte do filho da Mãe Peixeira, pega seu fuzil e o manipula como se fosse um guarda-chuva; ao final, o filho dela surge, pegando o “guarda-chuva” do Sargento e se deitando no caixão, simbolizando a confusão responsável pela sua morte.

SARGENTO- *(Ele pega seu fuzil e manipula como se fosse um guarda-chuva) - Por causa de um guarda-chuva, assim como o meu, seu menino foi visto como marginal e levou tiros? Que piada, minha senhora!!*
(Sai o rapaz do caixão e surge o último garoto, filho de Mãe Peixeira, que pega o guarda-chuva do Sargento e se deita no caixão trocando de lugar.) (Santos, 2025, Apêndice B)

Há alguns disparadores importantes em meu texto que acredito serem os principais responsáveis por causar o distanciamento, são eles o Coro dos Manifestantes, a canção da Independência do Brasil e os que considero mais importantes: O “Jogral” e o caixão. Irei elaborar esses em dois nos últimos tópicos deste texto, falando também sobre o coro e a canção.

3.2.1. “Jogral”: Repetir para não esquecer.

Conheci o “jogral” através das manifestações que participei com os movimentos sociais, prioritariamente na cidade de Aracaju, em Sergipe. Consiste em um militante pronunciar pausadamente uma frase depois de gritar “jogral” e o restante repetir, para proferir as palavras e todos presentes conseguirem entender o que está sendo dito. Essa repetição, além de causar uma certa estranheza, também entendo como didática, já que a ideia é que ninguém perca o que está sendo dito, mas ao repetir, também causa uma fixação da ideia, ou seja, um efeito de convencimento. Portanto, associei a ideia do Teatro Épico, que é

primeiramente narrativo, quando se preocupa em passar uma mensagem e se utiliza do estranhamento/distanciamento para causar uma conscientização. Para mim, o “jogral” se encaixa nessas características e por essa razão escolho iniciar e finalizar a dramaturgia assim. Um personagem grita “jogral” e o coro repete, independente de quem seja, e do que está sendo dito.

O coro, que são manifestantes dessa cidade paradoxal, cumpre um papel enquanto recurso distanciador, de reforçar o que é dito, enfatizando uma mensagem, sendo perfeito para realizar o “jogral”

Na peça *Mãe Coragem e seus filhos*, Brecht escreve uma rubrica⁸ muito interessante, da qual me inspirou a levar para ser repetido em “jogral”.

Já está durando dezessete anos a grande guerra religiosa. A Alemanha perdeu mais da metade dos seus habitantes. Violentas epidemias exterminaram os que que sobrevivem à morte nas batalhas. Nas regiões outrora exuberantes campeia a fome. Lobos percorrem as cidades reduzidas a escombros. No outono de 1634, encontra-se Mãe Coragem na montanha alemã de Fichtel, longe da estrada por onde passa o exército sueco. Nesse ano, o inverno veio cedo e com rigor. Os negócios vão mal, o jeito é mendigar. O cozinheiro recebe uma carta de Utrecht e é despedido. (Brecht, 1939).

Essa rubrica narrativa resume a 9ª cena de *Mãe Coragem e Seus Filhos*, como também revela o impacto da guerra nas cidades. Foi justamente por essa razão que recorto essa parte e construo um novo texto. Eu adaptei essa rubrica e penso na primeira cena sendo protagonizada pelo personagem Narrador Bertolt Brecht, mas depois de um tempo percebi que essa cena em “jogral” entregava de primeira toda ideia da peça, então, para imprimir a intenção contrária, resolvi adaptar novamente a fala, desta vez, escrevendo algo que desse o efeito distanciador ao longo prazo, quando inicia falando sobre tudo estar bem e com o passar da peça vai sendo possível observar o reverso do foi dito. O personagem perfeito para tal é o Sargento, o defensor da guerra e de seus efeitos, que prolifera mentiras antes mesmo do despertar da cidade e que com o “jogral” pretende convencer o povo a pensar de tal forma. A primeira cena chamei de “O Mundo é um Jardim”.

SARGENTO- JOGRAL!

CORO DOS MANIFESTANTES- JOGRAL!

SARGENTO- JÁ ESTÁ INICIANDO MAIS UM FORMOSO DIA NA GRANDE CAPITAL!

CORO DOS MANIFESTANTES- JÁ ESTÁ INICIANDO MAIS UM FORMOSO DIA NA GRANDE CAPITAL!

⁸ Brecht utilizava a rubrica como uma narração que resume todos os acontecimentos da cena, revelando tudo antes de ser assistido.

SARGENTO- COM TODO O POVO ACORDANDO E ABRINDO A CIDADE SEM ESFORÇO.

CORO DOS MANIFESTANTES- COM TODO O POVO ACORDANDO E ABRINDO A CIDADE SEM ESFORÇO.

SARGENTO- POVO NOSSO QUE GANHA A BATALHA TODOS OS DIAS.

CORO DOS MANIFESTANTES- POVO NOSSO QUE GANHA A BATALHA TODOS OS DIAS.

SARGENTO- AS FEIRAS INICIAM A TODO VAPOR E AS CARROÇAS PESADAS DE MERCADORIAS PRONTAS PARA VENDER.

CORO DOS MANIFESTANTES- AS FEIRAS INICIAM A TODO VAPOR E AS CARROÇAS PESADAS DE MERCADORIAS PRONTAS PARA VENDER.

SARGENTO- NAS REGIÕES DE TODA A CIDADE CAMPEIA A BELEZA.

CORO DOS MANIFESTANTES- NAS REGIÕES DE TODA CIDADE CAMPEIA A BELEZA.

SARGENTO- E AS MAIS EXUBERANTES MULHERES NOS TRAZENDO ALEGRIA.

CORO DOS MANIFESTANTES- E AS MAIS EXUBERANTES MULHERES NOS TRAZENDO ALEGRIA.

SARGENTO- ANDORINHAS VOAM PELA CIDADE REVELANDO SUA GRANDEZA.

CORO DOS MANIFESTANTES- ANDORINHAS VOAM PELA CIDADE REVELANDO SUA GRANDEZA.

SARGENTO- NO JARDIM DO MUNDO, ENCONTRA-SE MÃE CORAGEM E MÃE PEIXEIRA COMEÇANDO MAIS UM DIA REGANDO OS SEUS BELOS FRUTOS.

CORO DOS MANIFESTANTES- NO JARDIM DO MUNDO, ENCONTRA-SE MÃE CORAGEM E MÃE PEIXEIRA COMEÇANDO MAIS UM DIA REGANDO OS SEUS BELOS FRUTOS. (Santos, 2025, Apêndice B)

Depois, no final da peça, a última cena também acontece em “jogral”, mas, ao contrário da primeira, essa última propõe dizer a verdade. Para quebrar o silêncio e a censura, a personagem Katarina finaliza a peça com um ato de coragem. Ela não apenas fala pela primeira vez, como também grita a verdade ignorada.

KATARINA- JOGRAL!

CORO DOS MANIFESTANTES- JOGRAL!

KATARINA- JÁ ESTÁ DURANDO MAIS DE TREZENTOS ANOS A GRANDE GUERRA.

CORO DOS MANIFESTANTES- JÁ ESTÁ DURANDO MAIS DE TREZENTOS ANOS A GRANDE GUERRA.

KATARINA- O POVO PERDE PESSOAS TODOS OS DIAS.

CORO DOS MANIFESTANTES- O POVO PERDE PESSOAS TODOS OS DIAS.

KATARINA- VIOLENTAS EPIDEMIAS EXTERMINARAM OS QUE SOBREVIVEM À MORTE NAS BATALHAS.

CORO DOS MANIFESTANTES- VIOLENTAS EPIDEMIAS EXTERMINARAM OS QUE SOBREVIVEM À MORTE NAS BATALHAS.

KATARINA- NAS REGIÕES MAIS POBRES CAMPEIA A FOME.

CORO DOS MANIFESTANTES- NAS REGIÕES MAIS POBRES CAMPEIA A FOME.

KATARINA- E NAS MAIS EXUBERANTES O LUXO É PARA OS POUCOS QUE COM A GUERRA GANHA.

KATARINA- E NAS MAIS EXUBERANTES O LUXO É PARA OS POUCOS QUE COM A GUERRA GANHA.

KATARINA- LOBOS PERCORREM AS CIDADES REDUZIDAS A ESCOMBROS.

CORO DOS MANIFESTANTES- LOBOS PERCORREM AS CIDADES REDUZIDAS A ESCOMBROS.

KATARINA- NAS MARGENS DO MUNDO, ENCONTRA-SE MÃE CORAGEM E MÃE PEIXEIRA SENDO EMPURRADAS AOS POUCOS AO PRECÍPIO.

CORO DOS MANIFESTANTES- NAS MARGENS DO MUNDO, ENCONTRA-SE MÃE CORAGEM E MÃE PEIXEIRA SENDO EMPURRADAS AOS POUCOS AO PRECÍPIO.

KATARINA- A ECONOMIA VAI MAL E A CAPITAL IGNORA A PERDA DE MAIS UM JOVEM PARA A GRANDE GUERRA.

CORO DOS MANIFESTANTES- A ECONOMIA VAI MAL E A CAPITAL IGNORA A PERDA DE MAIS UM JOVEM PARA A GRANDE GUERRA. (Santos, 2025, Apêndice B)

Escolhi o “jogral”, para causar duas sensações, a primeira é para observarmos a proliferação da mentira sendo feita e a segunda para sentirmos a verdade ganhar força como uma manifestação do povo. A última cena fala sobre a violência que vivem essas mães e como viveram seus filhos. Introduz sobre o lugar que as mulheres pobres e mães estão localizadas no mapa dessa cidade, o que eu chamo de “a borda do mundo” prestes a cair no precipício da miséria social. Eu me baseio no pensamento de Françoise Vergès (2020) quando ela diz que: “Todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras, racializadas, ‘abrem’ a cidade.” Com esse pensamento, trago a reflexão de que o sistema força essas mulheres a limparem a cidade, bem como forçam a se juntar com seu povo pobre, preto e periférico nas bordas sociais, prestem a caírem no precipício.

3.2.2. Para se deitar, um caixão. Para se libertar, uma canção.

O caixão acabou recebendo um destaque na dramaturgia por carregar os corpos dos protagonistas. É na minha dramaturgia um recurso cênico distanciador. Como o tema central da peça é a morte dos filhos de Mãe Coragem e Mãe Peixeira, não poderia deixar que esse acontecimento não tivesse o principal efeito de estranhamento/distanciamento, sendo o caixão o responsável por causar uma estranheza do começo ao fim.

Ele fica no centro, a mostra, separando os dois espaços e as mães, é uma cenografia que todo mundo vê e acompanha as mudanças cênicas que acontecem. Existe a todo momento um ator trocando de lugar com outro ator, ou seja, está ali lembrando a plateia/leitores o tempo todo que se trata de uma peça teatral, distanciando de qualquer ilusão, portanto, o que poderia ser feito com cortinas fechadas, é feito diante dos espectadores, como foi lembrado por Viviane: “Nesse formato do teatro épico, os recursos cênicos ficam à mostra do público para desfazer a ilusão; esses não apoiam a ação, apenas a comentam, sendo estilizados e reduzidos, permitindo assim entrar em conflito com a ação e parodiá-la.” (Galvão, 2015,

p.32). Por essa razão, o caixão está como principal distanciador nessa dramaturgia, por causa do efeito que ele causa, revela as ações.

Junto com a movimentação exposta no caixão, tem a presença de outro recurso de distanciamento, o musical. O *Hino da Independência do Brasil* é cantado pelo Coro dos Manifestantes durante dois momentos muito importantes. A primeira é quando anunciam a morte do construtor Alves e a segunda é quando inicia as falas das Mães sobre a morte dos seus filhos.

CORO DOS MANIFESTANTES- (*Canta o refrão do “Hino da Independência do Brasil”*)
 Brava Gente Brasileira
 Longe vá, temor servil;
 Ou ficar a Pátria livre,
 Ou morrer pelo Brasil.
 Ou ficar a Pátria livre,
 Ou morrer pelo Brasil. (Santos, 2025, Apêndice B)

A música é um recurso “distanciador” muito importante para o teatro Épico e Dialético. Para Brecht as canções não só quebram a linha sequencial das cenas, como também comentam os acontecimentos de forma crítica e consciente, às vezes com a utilização de ironia, humor ou duplo sentido.

Com a música, é possível trazer a denúncia. O ator/cantor consegue, por meio dela, representar gestos essenciais, que conotam a análise crítica, permitindo que o espectador assuma um posicionamento político e adote uma atitude política relacionada ao tema e à música, levando o espectador à reflexão. Se relacionarmos isso à realidade vivida no Brasil durante a Ditadura Militar percebe-se que a música é um importante recurso de manifesto político, principalmente por meio do uso de metáforas. (Galvão, 2015, p.40)

A canção, ou neste caso, o Hino, entrega um patriotismo, quando há um pedido para lutar pela “Pátria livre”, mesmo que isso signifique morrer pelo Brasil. Existem várias canções sobre censura, contra a repressão e o sistema ditatorial brasileiras que poderiam entrar na dramaturgia, mas queria causar o efeito de sentido contrário, abordando novamente o discurso de heroísmo, quando Alves é visto como um herói para a cidade que morreu sendo glorificado e homenageado, enquanto os filhos e jovens se tornam apenas corpos mortos ali no meio. O Coro se torna o recurso responsável para que não olhem os corpos sobre o caixão de modo passivo e sim, para que assumam uma opinião crítica em relação às mortes. Eu busco causar uma certa estranheza no início, até que, com o passar da peça a plateia passe a perceber que o estranho é a sociedade ignorar a morte desses jovens e obrigar essas mães a voltarem às suas rotinas cansativas, como se nada tivesse acontecido.

4. PARA CONCLUIR DEVEMOS REFLETIR...

O teatro sempre foi um lugar de reflexão, um espaço aberto para colocar as relações, aflições, questionamentos e sentimentos que nos pertence, enquanto seres humanos. É um lugar onde a arte pede licença para entrar um pouco na vida de uma pessoa e a afetar de alguma forma. A visão poética aristotélica diz que a tragédia deve causar uma catarse na plateia, para Aristóteles, as pessoas precisam sair do teatro com um sentimento de purgação, identificando-se, descarregando seus sentimentos e sentindo pena dos personagens, esses considerados grandes heróis. Como visto neste trabalho, Brecht anda pelo caminho contrário de Aristóteles, quando ele propõe que a plateia fique distante dos personagens para assim assumir uma observação ativa, analítica das situações, assim sendo possível a reflexão mais crítica. Os heróis passam a ser pessoas normais, com contradições, defeitos, problemas, etc, mas o mais importante é que eles não são mais personagens imutáveis e sim, pessoas possíveis de transformação e superação.

O que se pretende é elevar a emoção ao raciocínio, transformar emoções críticas ou contrárias em uma intervenção transformadora, trazendo ao público a possibilidade de desmistificar conceitos pré-estabelecidos, fazendo com que a platéia perceba que tais desgraças ou acontecimentos não são eternos, mas sim históricos, e que podem ser superados. (Galvão, 2015, p.26)

Brecht pretendia que o espectador assumisse um posicionamento político, partindo dos seus pensamentos sobre a divisão de classes baseando-se em Marx e Engels. Seguindo suas abordagens, o Teatro Épico e Dialético precisa revelar as questões sociais e conscientizar a plateia sobre o poder e como dominam a cultura e o conhecimento. Brecht nos fala sobre a era científica e como a classe trabalhadora precisa e deve continuar a acompanhar a ciência, como também produzi-la e desenvolvê-la, dessa forma ele revela como é possível perceber os grandes erros e catástrofes feitos pelos dominadores, ou seja, a soberania que domina o poder. Por isso, minha dramaturgia implica nas questões sociais e a relação de poder.

O tema central de *Mãe Guerra* trata das mortes de jovens nas mãos das forças armadas, questionando como a sociedade tem lidado com essa situação. Por isso coloquei na cena vários jovens de diferentes características, entrando no mesmo caixão, trazendo a ideia que Brecht aborda na fábula *Se os Tubarões Fossem Homens* (Brecht, 1958), onde todos os peixinhos, independente do tamanho, tem um mesmo destino, a boca dos tubarões, ou nesse caso, uma sociedade que leva seus jovens para a morte. Suas Mães protagonizam as cenas e

ao assumirem um papel de narradoras, é possível que a plateia/leitores se distanciam da emoção que o luto causa, dando lugar para a razão.

De acordo com Brecht, por meio do estudo e conhecimento, é possível chegar a uma compreensão dialética, em que o público consiga alcançar o progresso intelectual e comece a enxergar algumas questões implicitamente impostas e tidas como verdades absolutas. Assim, historicizando e refletindo, defende-se um teatro produtivo, que atende às necessidades, indo em busca da emancipação das classes. (Galvão, 2015, p.50)

Partindo desses pensamentos, coloco o sistema e a soberania como os verdadeiros antagonistas da história, entendendo que os personagens que provocam as Mães e defendem a guerra e a violência, estão apenas projetando esse sistema, que também os dominam. Buscando responder a questão da pesquisa, sobre como o mundo atual permite a existência de Mãe Peixeira e Mãe Coragem, chego a conclusão de que ainda nos dias de hoje, como nos tempos históricos em que elas vivem, a soberania governa e ainda dita quem pode viver e quem precisa morrer. A principal hipótese é que o Teatro Épico e Dialético possui uma grande importância, quando se trabalha com as suas abordagens através da experimentação de intertextualidade e escrita de *Mãe Guerra* para discutir os problemas sociais da contemporaneidade. Por causa da criação dramática, utilizando o estranhamento/distanciamento de Brecht, cheguei à conclusão de que as Mães são permitidas a viver pela soberania, mas diante de situações precárias, servindo como mão de obra para os dominadores do mundo. Elas sabem que não podem mudar o sistema sozinhas, mas o criticam enquanto ainda seguem trabalhando para sobreviver a ele.

A escrita e a criação dramática proporcionam o desenvolvimento da criatividade, sensibilidade, expressão e comunicação. Desde que iniciei o processo de escrita, tenho me colocado mais atenta e observadora sobre o mundo, o que conta como ponto importante para a criação teatral, mas também como professora, quando assumo uma posição de compreensão e questionamento da realidade, alcançando uma conscientização social. Entendo que todo esse desenvolvimento pode possibilitar a aplicação de uma educação mais crítica e engajada, sem deixar o artístico de lado. A integração das ideias de Bertolt Brecht e Paulo Freire que busquei em meu PIBIC, nos dá um entendimento de que na educação artística em teatro, nas salas de aulas da educação formal e informal, podem transformar o processo de ensino-aprendizagem em uma experiência profundamente enriquecedora e transformadora.

É imprescindível que, ao trabalhar com Brecht, pensando também na educação transformadora a partir da Pedagogia do Oprimido, devemos assumir um compromisso com a verdade, pois “Exige-se muito, quando se exige do escritor que escreve a verdade.” (Brecht, 1967, p. 34). O pensamento da classe trabalhadora e dos oprimidos serão sempre desconsiderados. Mais que isso, serão tratados como baixos e suspeitos. Sem valor e contra a verdade que a soberania tem conservado durante anos. Mas não é por isso que esses pensamentos devem ser parados, pelo contrário, devem ser cada vez mais proclamados. É legítimo ouvir e empossar os pensamentos da classe dominada como verdades, para assim, compreender as diferenças e desigualdades presentes no mundo. “Devemos dizer a verdade sobre a grave situação àqueles que estão em uma péssima situação e deles aprender os pormenores.” (Brecht, 1967, p. 26).

Aos escritores que estão preparados para encarar as dificuldades de se dizer a verdade, pode encontrar o seu próprio modo de contá-la através de meios para despistar quem a esconde e a revelar para quem precisar ler. Pode-se usar ironia; pode trocar palavras, substantivos, etc; pode-se escrever de forma simples “boba”, engraçada e mais acessíveis para ter um grande alcance sensível; pode tentar enganar seus leitores usando ideias absurdas, que quem ler discordará tão profundamente a ponto de ter um maior entendimento da necessidade de ser mais humano e pode também trazer coisas estranhas, distanciar-se da realidade, através de contextos históricos para que os leitores se posicionem observando de longe os fatos, para que assim, ganhem mais estratégias para analisar seu tempo presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Ana. “**Mineirinho**”, de Clarice Lispector -Ana Abrahão (Sobre Literatura). Site: Kotter Editorial, 2022. Disponível em: <<https://kotter.com.br/mineirinho-de-clarice-lispector-ana-abrahao-sobre-literatura/#:~:text=A%20narrativa%2C%20publicada%20em%201969,divulga%C3%A7%C3%A3o%20dos%20jornais%20da%20%C3%A9poca.>> Acessado em: 15 de Julho de 2025.

ALMEIDA, Ronaldo. **A onda quebrada-** Evangélicos e conservadorismo. SciELO: Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP, Campinas, SP, 16 de maio de 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/Cr9ShrVJbCWsDHMrxTDm3wb/?lang=pt#:~:text=no%20Brasil%20contempor%C3%A2neo-,Considera%C3%A7%C3%A3o%20final,converg%C3%Aancia%20sentido%20da%20praia>> Acessado em: 16 de agosto de 2025.

ASSIS, Machado. **O Espelho:** Esboço de uma nova teoria da alma humana. Literafro: o portal da literatura afro-brasileira, 15 de fevereiro de 2022. (In: *Obra completa*, vol. II, p. 345-352, 1992.) Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/teatro/11-textos-dos-autores/798-machado-de-assis-o-espelho>> Acesso em: 15 de agosto de 2025.

BRECHT, Bertolt. **Teatro Completo:** em 12 volumes: Vol. 7. Rio de Janeiro -RJ: Paz e Terra, 1992.

BRECHT, Bertolt. **Teatro Completo:** em 12 volumes: Vol. 3. Tradução: Geir Campos. São Paulo -SP: Paz e Terra, 3 ed. 2004.

BRECHT, Bertolt. **Teatro Dialético:** Ensaios. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

CARLI, Eduardo. **Uma leitura feminista da peça “Mãe Coragem e Seus Filhos”, de Bertolt Brecht (1898-1956).** site: A Casa de Vidro, 19 de março de 2015. Disponível em: <<https://acasadevidro.wordpress.com/2015/03/19/bertolt-brecht-1898-1916-mae-coragem-e-seus-filhos-notas-de-leitura-parte-1/>> Acessado em: 22 de fevereiro de 2024.

CARLOS, Dione. **Black Brecht:** e se Brecht fosse negro?. São Paulo: GLAC edições, 2020.

CARMO, Wendal. **Policiais de Sergipe matam três vezes mais que a média nacional. O estado é o 3º mais letal do país, Itabaiana e Lagarto se destacam e justificativa é sempre “confronto”.** Site: Manguê Jornalismo, 22 de julho de 2024. Disponível em <<https://share.google/2R7t3gQMQ7K3uPIRk>> Acessado em: 11 de agosto de 2025.

CAZARINI, Renata. **“E SE BRECHT FOSSE NEGRO?”** [O Julgamento de Lucullus]. Site: Palco Clássico, 22 de abril de 2019. Disponível em: <<https://palcoclássico.blogspot.com/2019/04/e-se-brecht-fosse-negro-o-julgamento-de.html>>. Acesso em: 06 de março de 2025.

CISNE, Mirla, SANTOS, Silvana Mara Morais do. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018.

CULTURA, TV. **Panorama com Clarice Lispector**. YouTube, 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/ohHP112EVnU?si=1wnigvz1rs0Ci4uj>> Acessado em: 15 de Jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GALVÃO, Viviane Prass. **Mãe Coragem e Seus Filhos, de Bertolt Brecht: Historicização e Dialética em três tempos**. Dissertação de mestrado: UNIANDRADE, Curitiba, 2015

GRACIANE, **GRACIANI**, Maria Stela Santos. **Pedagogia Social**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os Contos**. Organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Rio de Janeiro: Revista Temáticas - Arte & Ensaios, p. 123-151, 2016.

MOURA, Carolina. **PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no RJ, afirma testemunhas**. Site: Ponte, 18 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://ponte.org/pm-confunde-guarda-chuva-com-fuzil-e-mata-garcom-no-rj-afirmam-testemunhas/>> Acessado em: 12 de agosto de 2025.

ROSENFELD, Anatol. **O Teatro Épico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

SALOMÃO, Mateus. **Júri condena três ex-agentes da PRF pela morte de Genivaldo de Jesus**. Site: Metrôpoles, 07 de dezembro de 2024. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/juri-condena-tres-ex-agentes-da-prf-pela-morte-de-genivaldo-de-jesus>> Acessado em: 11 de agosto de 2025.

TELES, Euler Lopes. **Piedade, a seu dispô**. In: +10 Afetos. Aracaju: Gotas de Mar, 2021.

VERGÈS, Françoise [1952–] **Um feminismo decolonial**. Traduzido por Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. Título original: Un féminisme décolonial. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WERMUTH, MARC HT, MELLO. **Necropolítica**: Racismo e políticas de morte no Brasil contemporâneo. Revista de Direito da Cidade, vol. 12, nº 2, pp. 122- 152, 2020.

APÊNDICE A

Primeira versão da dramaturgia finalizada no PIBIC 2023/2024.

MÃE GUERRA

Personagens:

Brecht/ Narrador

Coro dos Manifestantes

Pastor

Mãe Peixeira

Mãe Coragem

Sargento

Filhos

PRIMEIRO ATO

(No palco, um velório com um caixão ao centro com um rapaz jovem deitado. Em cena, um pastor e a Mãe Peixeira localizada no lado esquerdo do palco, próximo ao caixão. A Mãe Peixeira está dentro de uma barraca de feira, vendendo seus peixes. Do lado direito a Mãe Coragem com sua carroça, vendendo seus produtos, um pouco distante do caixão. Elas não interagem uma com a outra no primeiro momento, como se não se escutassem. O narrador, Bertolt Brecht, caminha pelo espaço livremente, mas ninguém o vê e nem o escuta.)

CENA I

(Escutamos o narrador, Bertolt Brecht, dizendo em jogral o que se passa na capital e o coro dos manifestantes repete para que todo o povo escute.)

BRECHT- JOGRAL!

CORO DOS MANIFESTANTES- JOGRAL!

BRECHT- JÁ ESTÁ DURANDO QUINHENTOS ANOS A GRANDE GUERRA.

CORO DOS MANIFESTANTES- JÁ ESTÁ DURANDO QUINHENTOS ANOS A GRANDE GUERRA.

BRECHT- O POVO PERDE PESSOAS TODOS OS DIAS.

CORO DOS MANIFESTANTES- O POVO PERDE PESSOAS TODOS OS DIAS.

BRECHT- VIOLENTAS EPIDEMIAS EXTERMINARAM OS QUE SOBREVIVEM À MORTE NAS BATALHAS.

CORO DOS MANIFESTANTES- VIOLENTAS EPIDEMIAS EXTERMINARAM OS QUE SOBREVIVEM À MORTE NAS BATALHAS.

BRECHT- NAS REGIÕES MAIS POBRES CAMPEIA A FOME.

CORO DOS MANIFESTANTES- NAS REGIÕES MAIS POBRES CAMPEIA A FOME.

BRECHT- E NAS MAIS EXUBERANTES O LUXO É PARA OS POUCOS QUE COM A GUERRA GANHA.

CORO DOS MANIFESTANTES- E NAS MAIS EXUBERANTES O LUXO É PARA OS POUCOS QUE COM A GUERRA GANHA.

BRECHT- LOBOS PERCORREM AS CIDADES REDUZIDAS A ESCOMBROS.

CORO DOS MANIFESTANTES- LOBOS PERCORREM AS CIDADES REDUZIDAS A ESCOMBROS.

BRECHT- NA BORDA DO MUNDO, ENCONTRA-SE MÃE CORAGEM E MÃE PEIXEIRA SENDO EMPURRADAS AOS POUCOS AO PRECÍPIO.

CORO DOS MANIFESTANTES- NA BORDA DO MUNDO, ENCONTRA-SE MÃE CORAGEM E MÃE PEIXEIRA SENDO EMPURRADAS AOS POUCOS AO PRECÍPIO.

BRECHT- A ECONOMIA VAI MAL E A CIDADE IGNORA A PERDA DE MAIS UM JOVEM PARA A GRANDE GUERRA.

CORO DOS MANIFESTANTES- A ECONOMIA VAI MAL E A CIDADE IGNORA A PERDA DE MAIS UM JOVEM PARA A GRANDE GUERRA.

(Brecht segue em cena sem ninguém o perceber. O Pastor começa a proferir um discurso sobre o jovem morto.)

PASTOR- Não existem palavras que descreva um momento como este. Suplico ao Senhor que carregue em seus braços e leve esta ovelha para o céu e conforte o coração desta mãe. Que hoje essa mulher que chora, meu Deus, receba em seu coração toda a glória e o amor que o Senhor consegue oferecer para um filho seu.

(Mãe Peixeira segue em sua barraca embalando alguns peixes em sacolas.)

MÃE PEIXEIRA- Todo dia a mesma coisa, ai de mim parar de embalar, chego em casa de mãos vazias, e de vazio já basta meu ventre e meu coração.

BRECHT - Durante estas guerras, as mães de todas as nações, com seus filhos enterrados ou em caixões, vociferam suas angústias horrorizadas contra os céus, enquanto os homens apenas baixam seus chapéus.

(O coro dos manifestantes canta o hino da independência do Brasil, enquanto envolvem o caixão com a bandeira do Brasil.)

CORO DOS MANIFESTANTES- *(Canta)* - Já podeis da Pátria filhos,

Ver contente a Mãe gentil!

Já raiou a Liberdade

No Horizonte do Brasil,

Já raiou a Liberdade

Já raiou a Liberdade

No Horizonte do Brasil!

Brava Gente Brasileira

Longe vá, temor servil;

Ou ficar a Pátria livre,

Ou morrer pelo Brasil.

Ou ficar a Pátria livre,

Ou morrer pelo Brasil.

(Ao centro, o Pastor continua proferindo seu discurso.)

PASTOR- Um jovem tem que buscar o bem, assim como as pessoas de bem são os grandes benfeitores deste país, pessoas com quem mantenho vínculos espirituais e de junto travei batalhas contra o mal, na defesa do bem. Pessoas de caráter ilibado.

BRECHT- Ilibado: Não tocado, sem mancha, puro, livre de culpa ou de suspeita, reabilitado, justificado.

PASTOR- *(Olhando para o garoto no caixão)* - Em guerras, sacrifícios são importantes para nós. O sacrifício de um membro do rebanho pode significar a busca do bem maior, por isso usamos o cajado, o instrumento que guia e disciplina o rebanho, e se precisamos de um cajado maior, é para alcançar ovelhas desgarradas.

(O coro dos manifestantes repete em jogral o que o padre diz)

O CORO DOS MANIFESTANTES- *(Jogral)* -Em guerras, sacrifícios são importantes para nós. O sacrifício de um membro do rebanho pode significar a busca do bem maior, por isso usamos o cajado, o instrumento que guia e disciplina o rebanho, e se precisamos de um cajado maior, é para alcançar ovelhas desgarradas.

(Do lado direito, o Sargento diz aparecendo em cena.)

SARGENTO- Ó feliz guerreiro, você está participando de algo heróico, está servindo ao Senhor em uma Guerra Sagrada.

MÃE PEIXEIRA- Eu quero o meu filho de volta. Alguém aqui tem como trazer o meu filho de volta?

BRECHT- Que ninguém silencie essa mulher. Deixem-na falar o quanto quiser.

MÃE PEIXEIRA- *(Para a plateia)*- O meu filho é uma ovelha? O meu filho é uma ovelha desgarrada? O meu filho é um membro sacrificado do rebanho, pastor? Que tipo de sacrifício é a morte do meu filho?

(Do lado direito, aparece o Sargento.)

SARGENTO- Como pode haver guerra sem soldados?

(Mãe Coragem está em sua carroça embalando alguns produtos. Ela embala um capacete numa bandeira do Brasil.)

MÃE CORAGEM- Ele era apenas uma criança. Vocês tiraram ele de mim, para o matadouro. Os soldados não precisam ser meus filhos. *(Conta algumas moedas e dá de troco para o narrador, Brecht).*

SARGENTO- Você, que tem nome de Coragem, está com medo da guerra, que é o seu ganha-pão?

(O rapaz morto no caixão se levanta e a partir desse momento surge outro com um capacete de combate que troca de lugar se deitando no caixão.)

MÃE CORAGEM- Sargento, o meu maior medo era que meus filhos não voltassem da guerra. Não tenho mesmo reclamado dela, mas porque não tenho outra alternativa. Não reclamo, mas não concordo com nada disso.

SARGENTO- Não concorda, mas é você que teme o fim dela mais que nós mesmos.

BRECHT- *(Diz para a plateia)* - Já pararam para pensar como seria a vida dessas mulheres se todos aqui se preocupassem com os medos delas e como elas fazem pra sobreviver?

MÃE CORAGEM- Pra quem mais venderia meus produtos se não para os sargentos e senhores que são os únicos que ganham alguma coisa com todo o caos? Eu, assim como outras várias, precisamos comer e dar de comer para nossos filhos. Quem é pobre, precisa ter coragem, senão está perdido. Até para sair da cama cedo, e aguentar o rojão! E ainda pôr mais crianças no mundo, é prova de coragem: porque não há nenhuma perspectiva.

(Sai o rapaz do caixão e surge outro segurando um capacete de motoboy, trocando de lugar.)

CORO DOS MANIFESTANTES- *(O coro dos manifestantes repete em jogral)* -E ainda pôr mais crianças no mundo, é prova de coragem: porque não há nenhuma perspectiva.

MÃE CORAGEM- O meu nome é coragem sim senhor, mas coragem não é a ausência do medo, é o enfrentamento dele. E essa guerra já está indo longe demais. Nenhuma mãe está preparada para perder um filho. Meu nome coragem, porque encaro todos os dias o medo da fome, e agora, o medo de mais uma criança deitar nesse caixão. É Mãe Coragem o meu nome, porque preciso viver nessa carnificina por causa de decisões egoístas de homens grandes que não estão nem aí para as mães perdendo seus filhos. Ninguém há de olhar para o povo, muito menos para essas pobres mulheres que têm enterrado seus filhos nessa grande guerra.

BRECHT- Mas como pode haver guerra sem soldados? E como podem viver os soldados no meio da guerra?

(Sai o rapaz do caixão e surge outro com um chapéu de formatura, trocando de lugar.)

MÃE PEIXEIRA- Disso eu entendo. A guerra que acontece na esquina de casa. A guerra que assola o coração das mães e dos pais. Mais das mães, pois este país ainda é uma Mátia, terra de mãe solo e com filhos para cuidar.

(Sai o rapaz do caixão e surge outro com um headphone, trocando de lugar.)

CORO DOS MANIFESTANTES- *(Os da esquerda repetem em jogral)* -Este país ainda é uma Mátia, terra de mãe solo e com filhos para cuidar.

MÃE PEIXEIRA- Mães como eu. Mães que repetem sempre a mesma fala, todos os dias, na porta de casa, antes dos filhos saírem. A gente nunca sabe se o filho ganha a rua ou se é a rua que ganha o nosso filho. Por isso, a gente repete: Leva o RG, larga esse boné, não esquece o guarda-chuva, não sai de chinelo, não corre, não faz movimento brusco, obedece, me liga, não anda em má companhia, já sabe como é: se estiver junto com quem errou, você paga o pato. Eu trabalho na feira, vendendo peixe, multiplicando dinheiro para alimentar a minha família. Eu trabalho na rua, como tantas outras antes de mim, fazendo revolução com tabuleiro de doce, fruta, charuto. Ali, no meio da feira, uma espada transpassa o meu peito, feito uma lança atirada por um desconhecido. Mãe sabe, mãe sente. Eu vi no olho do peixe morto, o olho do meu filho. O fio de conta se partiu no meu pescoço. Voltei para casa com o olho do peixe morto dentro do meu olho. Você está viva, eu repetia para mim. Você está viva. Bateram na minha porta, abri, aquela luz vermelha e azul invadiu a minha casa, aquela sirene desligada invadiu a minha casa, aquelas botas enlameadas invadiram a minha casa. O vento, que nunca acha espaço para passar no meio das vielas, entrou na minha casa. O vento me segurou. O vento me tomou. Eu sou tantas mulheres. Sou dessas mulheres saídas de lugares que você custa acreditar. Mulheres que giram no ônibus, sobem ladeiras, carregam crianças, tropeçam pelas calçadas e calçadões. Sou tudo isso e muito mais. Mulheres que aparecem em dias que você desconhece, mas sabe clicar em dias de votos e volteios, falando em tudo que já fizeste e entoas liberdade que nunca se sabe pra quem. Eu sou tantas mulheres, há tanto tempo. Mãe de filho crucificado com fuzil.

(Sai o rapaz do caixão e surge outro usando uniforme de escola municipal, trocando de lugar.)

SARGENTO- Mas não para de aparecer jovens nesse caixão. De onde vieram tantos assim?

CORO DOS MANIFESTANTES- *(Repete em jogral)* -Eu sou tantas mulheres, há tanto tempo. Mãe de filho crucificado com fuzil.

MÃE PEIXEIRA- Por causa do guarda-chuva, meu menino foi visto como marginal para o mundo, mergulhado em chuva de tiros. Eu queria gritar, mas a voz não vinha. E eu fiquei ali, de boca aberta, sem emitir um som, esticando o pescoço, como se me faltasse o ar e acharam que eu estava morrendo, mas eu estava viva. Você está viva. E o RG e o ténis, sujo, sujo de vermelho escuro. E eu devia ter dito para ele não levar o guarda-chuva. Como uma mãe, sabendo que vai chover, não diz pro filho levar seu guarda-chuva? Então, escreveram que o meu filho era uma margem de erro. Meu filho, uma margem de erro. “A boca que tudo come tem fome”, dizia a mulher mais velha da casa. Eu não queria ir para a guerra, mas ela enfiou o pé na porta e não pediu licença.

SARGENTO- *(Ele pega seu fuzil e manipula como se fosse um guarda-chuva)* - Por causa de um guarda-chuva, assim como o meu, seu menino foi visto como marginal e levou tiros? Que piada, minha senhora!!

(Sai o outro rapaz do caixão e surge o último com um guarda-chuva trocando de lugar.)

CORO DOS MANIFESTANTES- *(Repete)* - Eu não queria ir para a guerra, mas ela enfiou o pé na porta e não pediu licença.

MÃE CORAGEM- Se nós ainda pudéssemos encontrar um lugar onde não houvesse tiroteios, bem que gostaríamos de viver uns poucos anos de sossego.

BRECHT- Que se registre que as mães deste país estão no campo de batalha há muito tempo.

MÃE PEIXEIRA- Pois eu vos digo: sou Etelvina, Luiza, Amara e Leonor. Saída de ventre preto, cafuzo, retinto, que a todo instante você tenta matar. Não, senhores, e algumas senhoras, trago na língua, travado, o que vocês no alvoroço tentam incriminar. Venho dizer: Parem de nos matar.

(Ouvem-se o coro dos manifestantes ao fundo)

CORO DOS MANIFESTANTES-

Com seus trancos e barrancos,

A guerra vai se arrastando:

Já está fazendo 500 anos,

E só eles saem ganhando.

FIM.

APÊNDICE B

Dramaturgia finalizada para o memorial no ano de 2025.

MÃE GUERRA

Personagens:

Brecht/ Narrador

Coro dos Manifestantes: 3 pessoas + os fregueses.

Mãe Peixeira

Mãe Coragem

Katarina

Sargento

Freguês 1

Freguês 2

Seu Firmino

Padre Pastor

Filhos: 5 pessoas

Alves

1

O MUNDO É UM JARDIM

(No espaço, há um caixão ao centro com um homem deitado. O caixão divide toda a cenografia de rua em dois lados: no esquerdo, está presente Mãe Peixeira nos tempos atuais em uma periferia brasileira; ela está vendendo seus peixes na sua barraca de feira e, no lado direito, está presente Mãe Coragem que viaja com sua carroça cheia de mercadoria pela Europa central durante a Guerra dos 30 Anos. Junto dela está sua filha Katarina. De início, está em cena todo um coro de manifestantes ao fundo, as duas mães que não interagem uma com a outra, Katarina, o narrador, Bertolt Brecht, que caminha pelo espaço livremente e o Sargento ao lado direito. Escutamos o Sargento narrar em jogral o nascer de mais um dia na capital, e o coro dos manifestantes repetem para que todo o povo acorde.)

SARGENTO JOGRAL!

CORO DOS MANIFESTANTES- JOGRAL!

SARGENTO- JÁ ESTÁ INICIANDO MAIS UM FORMOSO DIA NA GRANDE CAPITAL!

CORO DOS MANIFESTANTES- JÁ ESTÁ INICIANDO MAIS UM FORMOSO DIA NA GRANDE CAPITAL!

SARGENTO- COM TODO O POVO ACORDANDO E ABRINDO A CIDADE SEM ESFORÇO.

CORO DOS MANIFESTANTES- COM TODO O POVO ACORDANDO E ABRINDO A CIDADE SEM ESFORÇO.

SARGENTO- POVO NOSSO QUE GANHA A BATALHA TODOS OS DIAS.

CORO DOS MANIFESTANTES- POVO NOSSO QUE GANHA A BATALHA TODOS OS DIAS.

SARGENTO- AS FEIRAS INICIAM A TODO VAPOR E AS CARROÇAS PESADAS DE MERCADORIAS PRONTAS PARA VENDER.

CORO DOS MANIFESTANTES- AS FEIRAS INICIAM A TODO VAPOR E AS CARROÇAS PESADAS DE MERCADORIAS PRONTAS PARA VENDER.

SARGENTO- NAS REGIÕES DE TODA A CIDADE CAMPEIA A BELEZA.

CORO DOS MANIFESTANTES- NAS REGIÕES DE TODA CIDADE CAMPEIA A BELEZA.

SARGENTO- E AS MAIS EXUBERANTES MULHERES NOS TRAZENDO ALEGRIA.

CORO DOS MANIFESTANTES- E AS MAIS EXUBERANTES MULHERES NOS TRAZENDO ALEGRIA.

SARGENTO- ANDORINHAS VOAM PELA CIDADE REVELANDO SUA GRANDEZA.

CORO DOS MANIFESTANTES- ANDORINHAS VOAM PELA CIDADE REVELANDO SUA GRANDEZA.

SARGENTO- NO JARDIM DO MUNDO, ENCONTRA-SE MÃE CORAGEM E MÃE PEIXEIRA COMEÇANDO MAIS UM DIA REGANDO OS SEUS BELOS FRUTOS.

CORO DOS MANIFESTANTES- NO JARDIM DO MUNDO, ENCONTRA-SE MÃE CORAGEM E MÃE PEIXEIRA COMEÇANDO MAIS UM DIA REGANDO OS SEUS BELOS FRUTOS.

2

“A BARRIGA TEM FOME TODO DIA”

(O narrador, Bertolt Brecht, vai até a Mãe Peixeira.)

BRECHT- Bom dia!

MÃE PEIXEIRA- Aqui, é só dia. Só mais um dia. O que vai querer?

(Surge Seu Firmino se levantando do chão capengando.)

SEU FIRMINO- Vish Maria, tem alguém de mau humor.

BRECHT- *(Aponta para uma Tilápia)* -Ta quanto essa tilápia?

MÃE PEIXEIRA- 50 mulas.

BRECHT- Tá caro demais minha senhora!

MÃE PEIXEIRA- Você não faz ideia do que tá caro, doutô. Aqui eu pago com a vida e você?

BRECHT- Vou levar! *(Dirige-se a plateia)* -Não se pechinha o valor de uma vida. *(Volta a falar com Mãe Peixeira)* -Me diz uma coisa, por que a feira tá tão vazia hoje?

MÃE PEIXEIRA- Fica assim mesmo quando os homi aparece. Demora pro pessoal retomar as atividades. Só Seu Firmino mesmo que todo dia tá na atividade. *(Faz um gesto de bebida com a mão)* -Não falta nunca ao serviço.

SEU FIRMINO- *(Faz o gesto de continência)* -A suas ordi, Mãe Peixeira!

BRECHT- *(Se direciona a plateia)* -Esse aí assinou contrato com a cachaça! *(Volta-se para Mãe Peixeira)* -A senhora também tá sempre por aqui, não?

MÃE PEIXEIRA- E eu vou pra onde? Se tá com saúde, não pode parar. Assim foi como meu pai me ensinou! As pessoas ficam com medo dos homi tirarem as barracas e levarem as mercadorias. Mas não tenho o luxo de ter esse tipo de medo não. *(Pausa longa)* -Mesmo que levem outras coisas, o dia seguinte só vem para provar que a barriga tem fome todo dia.

(O narrador Brecht dá algumas moedas a Mãe Peixeira, pega o peixe e sai caminhando da barraca. Entre as pessoas do Coro dos manifestantes, um rapaz vai até a barraca da Mãe Peixeira.)

FREGUÊS 1- Deveriam tirar esse bebum de vez daqui. Só atrapalha a vida da gente. Um homem velho assim já desistiu da vida.

MÃE PEIXEIRA- Também não é pra tanto. O homi não faz nada demais. Sempre quieto na dele. Não ofende ninguém!

SEU FIRMINO- *(Diz como se estivesse ouvindo de dentro do casaco)* -Cala a boca, véia faladeira. Não tá vendo que eu to tentando ouvir, não?... *(Faz um gesto de silêncio).*

FREGUÊS 1- *(Fala para Mãe Peixeira)* -Não ofende ninguém, né? *(Se dirigindo ao bêbado)* -Tá ouvindo o que aí, doido?

SEU FIRMINO- Um anúncio muito importante! Eu sempre digo que essa guerra há de durar muito mais que 500 anos...

FREGUÊS 1- Xiii... enlouqueceu de vez!

3

“TOME AQUI SEU CAPACETE.”

(Do coro dos manifestantes sai um homem do lado direito que se coloca ao lado de Mãe Coragem e sua carroça.)

FREGUÊS 2- *(Se dirige à Mãe Coragem)* -Pra quem dizia que eu tinha enlouquecido de vez, essa guerra está durando mais do que a gente esperava, né não?

MÃE CORAGEM- Eu já não espero mais nada, meu jovem. O que vai querer?

(Sai da carroça Katarina, a filha de Mãe Coragem)

FREGUÊS 2- Uau, eu ia pedir um capacete de batalha, mas pode ser a mão dessa bela moça?
(O rapaz beija a mão de Katarina. Ela fica sem graça e sorri)

MÃE CORAGEM- Que isso rapaz? Que abusado! Não vê que a menina tá toda vermelha?

FREGUÊS 2- Não vê que ela gostou? *(Se dirige a Katarina)* -Qual seu nome?

(Katarina não responde.)

FREGUÊS 2- Tá vendo? Ficou até sem palavras!

MÃE CORAGEM- Quanta besteira sai da tua boca, minha filha é muda, seu nome é Katarina. Não fala desde que o pai morreu.

FREGUÊS 2- *(Diz sem graça)* -Me desculpa, não tinha como eu saber, fiquei muito encantado por Katarina. Já está comprometida?

MÃE CORAGEM- Comprometida em empurrar esta carroça. E outra, minha filha só ficará com pessoas de alto escalão.

FREGUÊS 2- Alto escalão? Sei! Com essa carroça aí? Olha minha senhora, eu poderia até ajudar a carregar porque eu sou um menino muito bom, de família boa, mas também tenho potencial para crescer algum dia. Serei de alto escalão, Mãe Coragem, você vai ver. Não sou qualquer moleque que não sabe se defender. Sou esperto, estudado. Um dia vou ser doutor, mas antes serei sargento, porque a pátria e a fé me chamam.

MÃE CORAGEM- Você tem muitos sonhos isso sim. Cuidado com isso. Eles se alimentam das nossas ilusões, rapaz. Quando menos espera, está abandonado sem ter para onde ir.

FREGUÊS 2- Qual o problema em sonhar? Não é porque estamos em tempos de guerra que não podemos sonhar e acreditar que um dia tudo vai melhorar. Afinal a guerra é pra isso, para que tudo melhore no final. *(Se dirige a Katarina)* -Posso sonhar com você, minha flor, posso?

(Katarina afirma rapidamente com a cabeça e volta correndo para dentro da carroça.)

FREGUÊS 2- Katarina será minha um dia.

MÃE CORAGEM- Olhe pra você rapaz, você é apenas mais um soldado comprando um capacete. Nem se quer sabe sobre seu amanhã.

FREGUÊS 2- Você vai ver, eu ainda peço a mão da sua filha. Eu ando cheio de oportunidades porque estudei, sou um dos poucos. *(Pequena pausa)* -Falando em poucos, não tá faltando uma segunda mão para empurrar essa carroça, não? Cadê seus meninos?

MÃE CORAGEM- Você fala demais! Tome aqui seu capacete. *(O entrega o capacete de guerra)*

FREGUÊS 2- Eita que mal humor. *(Olha para a plateia)* - Alguém tá precisando relaxar um pouco! *(Se volta para Mãe Coragem)*- Eu sei que eu não vou ficar aqui empurrando carroça. Mas eu volto pra buscar Katarina!

(Ele entrega umas moedas para Mãe Coragem e sai com o capacete sem olhar para trás.)

MÃE CORAGEM- Vá em paz, rapaz. Vá em paz.

4

MORRE UM GRANDE CONSTRUTOR

(O coro dos manifestantes canta o hino da independência do Brasil, enquanto envolve o caixão com a bandeira do Brasil. A notícia não é a mais triste desta peça, mas essa pátria tão imaginada sofre com a morte de mais um construtor.)

CORO DOS MANIFESTANTES- *(Canta refrão do “Hino da Independência do Brasil”)*

Brava Gente Brasileira
Longe vá, temor servil;
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil.
Ou ficar a Pátria livre,
Ou morrer pelo Brasil.

(Seu Firmino com o rádio na orelha aparece chocado com a notícia que escuta.)

SEU FIRMINO- Alves faleceu!

FREGUÊS 1- Não é possível uma coisa dessas! *(Ele pega o rádio escondido do Seu Firmino e aumenta o volume)*

CORO DOS MANIFESTANTES: Morre hoje o ex-governador Alves aos 79 anos. O estado anuncia 3 dias de luto.

FREGUÊS 1- Alves foi um grande homem! Que tristeza. Fez muito para nosso povo.

BRECHT- Três dias de luto para poucos! Nada mudou.

FREGUÊS 1- Quem ama a cidade, expande a cidade! O homem ajudou o comércio local! Quem atravessa a ponte hoje, não atravessava de barco antes! Um iluminado!

BRECHT- *(corrigindo)* -UM SALAFRÁRIO!

MÃE PEIXEIRA- *(Faz o gesto de dinheiro com a mão)* -Comércio local né? Para o bolso dele.

BRECHT- *(Para a plateia)* -Tem gente que se confunde sobre qual povo faz parte. Não basta ser, tem que saber que é!

MÃE PEIXEIRA- Vão me pagar quanto pra ficar de luto por esse construtor?

SEU FIRMINO- É! Vão me pagar quanto? Quero dinheiro ou pode ser cachaça também! *(Diz com ironia fingindo uma tristeza)* -Tem que beber para lidar com esse luto todo.

BRECHT- *(Fala para a plateia)* -O povo não vê a cara da política, porque a política não chega com a cara do povo. *(Se direciona para Mãe Peixeira)* -Quanto vale o luto deste homem?

MÃE PEIXEIRA- O valor? Não viu que eles mesmos colocaram? Três dias de luto! Quem é que pode parar a vida pra ficar 3 dias luto? Não posso ficar nem metade de um dia. Pra mim é todo dia a mesma coisa. *(Embala um peixe numa sacola e entrega ao Freguês 1)* -Ai de mim parar de embalar. Eu durmo e acordo de barriga vazia, e de vazio já basta meu ventre e meu coração. *(Embala um peixe numa sacola)* -Esses homi não quer que nenhum trabalhador tire 3 dias de luto de verdade. Se nós parar de trabalhar, a cidade não acorda, não funciona e nem sequer dorme. Agora, ninguém me perguntou quanto vale o luto de uma mãe.

BRECHT - Durante estas guerras, as mães de todas as nações, com seus filhos enterrados ou em caixões, vociferam suas angústias horrorizadas contra os céus, enquanto os homens apenas abaixam seus chapéus.

(Ao centro, aparece o Padre Pastor que fica próximo ao caixão, proferindo seu discurso.)

PADRE PASTOR- Um homem tem que buscar o bem, assim como as pessoas de bem são os grandes benfeitores deste país. Alves foi uma pessoa com quem mantive vínculo espiritual e junto a ele travei batalhas contra o mal. Um homem inabalável, firme e sempre abundante, sabendo que para o Senhor, o trabalho duro nunca é em vão. Hoje morreu um homem de caráter ilibado.

BRECHT- Ilibado? *(Para a plateia)* - Alves agora foi um não tocado, sem mancha, puro, livre de culpa ou de suspeita, reabilitado, justificado? Tudo isso? O céu o merece!

PADRE PASTOR- *(Olhando para o caixão)* - Uma pena estarmos vivendo uma morte tão dolorosa como esta.

SEU FIRMINO- Tá doendo tanto assim no senhor?

PADRE PASTOR- O Senhor está no céu!

SEU FIRMINO- Sim, seu Padre Pastor, está doendo tanto assim? O homem já estava tão velho, estava com mais dificuldade de andar do que eu, e esse bem todo que ele fez? Tenho muitas dúvidas.

BRECHT- *(Diz contando várias moedas e colocando no bolso da calça)* -Ele fez muito bem! Para o povo eu tenho minhas dúvidas, mas com certeza fez bem sim! *(Faz o gesto do dinheiro)* -Aliás, muitos bens!

SEU FIRMINO- Bem faz eu para o povo que tô aqui divertindo essa gente todo dia. Eu tenho muito Deus no coração, sabe Padre Pastor? Por isso que eu sou lindo assim. *(Dá um sorriso amarelo para a plateia).*

PADRE PASTOR- Com certeza você é lindo aos olhos de Deus.

SEU FIRMINO- Me chamando de feio, Padre Pastor? Deus tá vendo você mentir! Isso é pecado, viu?

PADRE PASTOR- Tá me chamando de pecador?

SEU FIRMINO- Eu disse que é pecado mentir! Pecador você é porque só pensa em dinheiro.

PADRE PASTOR- É pecado não cuidar do corpo que o Senhor te deu também!

SEU FIRMINO- Então você confessa?

PADRE PASTOR- Confesso o que?

SEU FIRMINO- Que só pensa em dinheiro.

(O Padre Pastor fica em silêncio e sai de cena)

BRECHT- *(Se dirige à plateia)* -Dizem que ficar em silêncio é melhor que mentir.

5

UM ESPELHO PARA O SARGENTO

(Do lado direito, o Sargento diz aparecendo em cena.)

SARGENTO- Ó feliz guerreiro, um homem como ele participou de algo heróico, ele serviu ao Senhor e à pátria. Quase como o capitão. Injustiçado.

MÃE CORAGEM- Lá se vai mais um grande herói, Sargento? Dó eu tenho de quem liga.

SARGENTO- Grandes homens precisam de grandes homenagens. Vou prestar minhas condolências, já que todos me esperam.

BRECHT- “O alferes eliminou o homem”, nesse caso, o sargento.

MÃE CORAGEM- *(Diz para a plateia)* -Por acaso, não tenho aqui um espelho. Se tivesse, o pobre Sargento não se reconheceria.

MÃE CORAGEM- *(Volta-se para Sargento)* - Grandes homenagens precisam de grandes arranjos de flores. Para a sua sorte, eu tenho uma bela coroa de flores aqui. Sabe como é né? Em tempos como este é importante estar preparado.

SARGENTO- Você não perde tempo, Mãe Coragem...

MÃE CORAGEM- Espera um segundo. *(Entra na carroça)* - Katarina, me ajude aqui. *(Mãe Coragem, com ajuda de Katarina, pega a coroa de flores de dentro da carroça e pulam para fora.)*

MÃE CORAGEM- A verdade, Sargento, é que a guerra nos obriga a agir com urgência. Não vê o tanto de gente passando fome?

BRECHT- *(Para a plateia)* -Esse pobre Sargento só considera gente de verdade quem é capitão para cima, até se perdeu na hierarquia. Mãe Coragem está certa. Não se reconheceria nem mesmo olhando para seu próprio reflexo no espelho. Só enxerga seu uniforme militar, o homem se foi.

MÃE CORAGEM- Vai querer levar para prestar sua homenagem à altura do grande homem?

SARGENTO- Eu vou levar!

(Katarina reluta contra a mãe para dar a coroa, como se não quisesse a entregar. Mãe Coragem conversa com a filha)

MÃE CORAGEM- *(Sussurrando)* -E eu vou fazer o que com isso, agora? Já usamos, seu irmão já foi e ainda está inteira. Não entende que vai apodrecer igual nossos estômagos?

(Katarina desiste e entrega a coroa ao Sargento.)

SARGENTO- Parece que alguém tem algum apego por flores. *(Se direciona para Katarina)* -Em tempos como estes as flores são apenas para os mortos, minha cara. Mas como é uma jovem muito bonita, te darei uma linda rosa para alegrar seu dia. *(Ele entrega uma rosa branca para a jovem).*

(Katarina agradece pegando a flor e dando um sorriso. O Sargento entrega algumas moedas para Mãe Coragem e vai embora)

BRECHT- Este pequeno homem nem sequer notou que as duas também estão de luto, assim como ninguém notará a sua homenagem ao grande homem, porque ele não percebe o seu próprio tamanho. Tão pequeno... tão pequeno.

(Ao centro o Freguês 1, com uma flor branca, vai até o caixão.)

FREGUÊS 1- *(Diz para a plateia)* -Um homem que é responsável pela sua própria riqueza, merece uma vida digna, assim como uma morte honrosa. Trabalho muito todos os dias porque sei que com muita força, foco e fé, vou conseguir alcançar a minha vida digna.

MÃES- *(As duas mães falam juntas respondendo o freguês)* -Tá dizendo que sou pobre porque trabalho pouco?

(Freguês 1 ignora as mães e continua seu discurso.)

FREGUÊS 1- Quem dedica a sua vida de domingo a domingo, quem tem um objetivo claro, acorda antes do sol nascer, tem amor pela vida e quer um dia ter algo para além do básico.

MÃES- Vai morrer trabalhando como nós e egocêntrico como o morto!

(Ao centro o Sargento aparece com uma coroa de flores e vai até o caixão.)

SARGENTO- Sonho com o dia que serei como este homem! E morrerei sim feliz e orgulhoso da força do meu trabalho.

(O narrador, Brecht, surge ao centro observando todo o movimento.)

BRECHT- Em tempos de guerra, muitos não sabem o que dizem, é como se saísse pólvora da própria boca, enquanto a bala mira no próprio peito!

MÃE PEIXEIRA- *(Diz embalando peixe um atrás do outro)* -Acordo todos os dias antes do sol nascer, dedico a vida ao trabalho de domingo a domingo e tenho um objetivo muito claro, que é encher minha barriga. Mas não vem me falar de amor à vida... meu amor à vida foi morto.

MÃE CORAGEM- Meu amor à vida foi morto numa batalha contra o bem e o bem. Eles não separam de verdade quem realmente faz mal a nós, senão, saberiam para onde apontar a arma.

(O freguês 1 e o Sargento saem de cena.)

7

AS OVELHAS DESGARRADAS

(O Padre Pastor retorna se colocando de frente para o caixão.)

PADRE PASTOR- O Senhor hoje há de preparar o reino dos céus para receber um homem que precisa de um olhar especial. Irás receber um homem de bom coração, que defende os bons costumes.

(Surge um rapaz com uma bola que se deita no caixão vazio.)

SEU FIRMINO- Esse Padre Pastor eu não sei não! Caiu na tentação do mundo, mente pra se

dar bem. Onde já se viu?

PADRE PASTOR- (Olhando para o garoto no caixão) - Em guerras, sacrifícios são importantes, resta para alguns de pouca fé. Os que crêem de verdade não morrem eternamente. O sacrifício de um membro do rebanho pode significar a busca do bem maior, ou a falta de fé na família. Por isso, em alguns casos é necessário usar o cajado, o instrumento que guia e disciplina o rebanho, e se precisamos de um cajado maior, é para alcançar ovelhas desgarradas.

MÃE PEIXEIRA- *(Para o Padre Pastor)*- Ovelha desgarrada? Que tipo de sacrifício é esse que o Senhor prepara? Quer dizer então que a falta de fé no Senhor causa uma desgraça como esta? A morte de uma criança?

PADRE PASTOR- Não questione os planos de Deus. E criança não, ovelha, Mãe Peixeira, ovelha!

MÃE PEIXEIRA- Olhe Padre Pastor, não venha me corrigir não! Porque o meu filho não era uma ovelha! Tá ouvindo? Como pode dizer para uma mãe que o filho era uma ovelha desgarrada? Você acredita que o meu filho é um membro sacrificado do rebanho, Padre Pastor? Que tipo de sacrifício foi a morte do meu filho?

BRECHT- Que ninguém silencie Mãe Peixeira. Deixem-na falar o quanto quiser e que escutem o quanto precisar.

MÃE PEIXEIRA- Eu posso gritar todos os dias da minha vida, vão me ignorar. Capaz de me chutarem por estar fazendo barulho demais!

(Do lado direito, aparece o Sargento.)

SARGENTO- Me diga então, como pode haver guerra sem soldados?

(Mãe Coragem está em sua carroça embalando alguns produtos. Ela embala um capacete numa bandeira do Brasil.)

MÃE CORAGEM- Ele era apenas uma criança. Vocês tiraram ele de mim, para o matadouro. Os soldados não precisam ser meus filhos.

SARGENTO- Você, que tem nome de Coragem, está com medo da guerra, que é o seu ganha-pão?

(O rapaz morto no caixão se levanta e a partir desse momento surge outro com um pão na mão que troca de lugar se deitando no caixão.)

MÃE CORAGEM- Sargento, o meu maior medo era que meus filhos não voltassem da guerra. Não tenho mesmo reclamado dela, mas porque não tenho outra alternativa. Não reclamo, mas não concordo com nada disso.

SARGENTO- Não concorda, mas é você que teme o fim dela mais que nós mesmos.

BRECHT- *(Diz para a plateia)* - Já pararam para pensar como seria a vida dessas mulheres se

todos aqui se preocupassem com os medos delas e como elas fazem pra sobreviver?

MÃE CORAGEM- Pra quem mais venderia meus produtos se não para os sargentos e senhores que são os únicos que ganham alguma coisa com todo o caos? Eu, assim como outras várias, precisamos comer e dar de comer para nossos filhos. Quem é pobre, precisa ter coragem, senão está perdido. Até para sair da cama cedo, e aguentar o rojão! E ainda pôr mais crianças no mundo, é prova de coragem: porque não há nenhuma perspectiva.

CORO DOS MANIFESTANTES- *(repete em jogral)* -E ainda pôr mais crianças no mundo, é prova de coragem: porque não há nenhuma perspectiva.

SARGENTO- Você é uma hipócrita! De coragem não tem nada!

MÃE CORAGEM- O que você tem a perder, Sargento? Não é você que cria seus filhos. Já nasceu com um objetivo: “Salvar a nação!” Não é como eu que nasci perdida no mundo, tendo que casar pra me salvar da guerra. Mas ela sempre dá um jeito de se enfiar na vida da gente. O senhor conheceu meu marido, respeitava muito ele, e veja só, morreu igual morre qualquer protestante que ele mesmo perseguia. Você tem essa ideia de que é um herói porque colocaram isso na sua cabeça, mas pra mim Sargento, você é só mais um que vai ser moído nessa carnificina. E ainda pior! Você é o responsável pelos meus filhos terem ido pelo mesmo caminho que o pai. Não foi quem soltou o gatilho, mas foi quem colocou na cabeça de galinha deles essas ideias de heroísmo. Eles morreram, Sargento, e a guerra continua. Não me julgue por tentar sobreviver a ela. Foi ela que entrou na minha vida, não sou eu que fui atrás. E o meu nome é coragem sim senhor, mas coragem não é a ausência do medo, é o enfrentamento dele. E essa guerra já está indo longe demais. Nenhuma mãe está preparada para perder um filho. Meu nome é Coragem, porque encaro a fome de frente todos os dias, e agora, o medo de mais uma criança minha deitar nesse caixão. É Mãe Coragem o meu nome, porque preciso viver nessa carnificina por causa de decisões egoístas desses heróis que não estão nem aí para as mães perdendo seus filhos. Hipócrita é você Sargento! Ninguém há de olhar para o povo, muito menos para essas pobres mulheres que têm enterrado seus filhos.

SARGENTO- Nada de sentimentalismos! Morrer na guerra é uma glória, e não é nenhum azar. Por quê? Esta é uma guerra santa. Não é uma guerra qualquer: é uma guerra muito especial, em que se luta pela defesa da fé. É uma guerra que Deus vê com agrado!

BRECHT- Certo. Por um lado é uma guerra em que se incendeia, se chacina, se saqueia, sem esquecer as mulheres violentadas; mas, por outro lado, é diferente de todas as outras, pois é uma guerra santa, é claro. E ela também deixa a gente com sede, com isso o senhor há de concordar...

(Sai o rapaz do caixão e surge o Freguês 2 segurando um capacete de combate, trocando de lugar.)

MÃE PEIXEIRA- Disso eu entendo. Essa tal de guerra! Acontece todos os dias nas esquinas de casa e nas margens que ninguém olha. Nós, mulheres, cuidando dos nossos filhos sozinhas e ainda temos que trabalhar! Bastava isso para ser uma guerra, mas este país odeia seu povo, e a pátria chora enquanto a pátria canta.

CORO DOS MANIFESTANTES- *(Canta refrão do “Hino da Independência do Brasil”)* - Brava Gente Brasileira

Longe vá, temor servil;
 Ou ficar a Pátria livre,
 Ou morrer pelo Brasil.
 Ou ficar a Pátria livre,
 Ou morrer pelo Brasil.

(Sai o Freguês 2 do caixão e surge um menino com um uniforme de escola municipal, trocando de lugar.)

MÃE PEIXEIRA- *(Diz para a plateia)* - Mataram o Mineirinho! Ele era assim, preto como eu, como minha mãe, meu vizinho, como Seu Firmino e como meu filho. Mataram ele porque era bandido, enquanto apenas prender bastava. Mas, mataram, como se estivessem chutando um cachorro por mexer no lixo. Coisa corriqueira. Mataram o Mineirinho com treze balas enquanto uma só bastava. Ele era devoto de São Jorge, como eu! Me atingiu logo que soube, parece que os tiros foram em mim.

SEU FIRMINO- *(Diz para a plateia)*- Massacrado pela polícia!

BRECHT- Uma só bala bastava, o resto foi vontade de matar!

MÃE PEIXEIRA- *(Diz para a plateia)* -Olhei nos olhos da Mãe Parteira e soube ali a verdadeira guerra que estávamos enfrentando. “Meu filho foi morto! Mineirinho partiu” ela gritava. Então sim, não tem como uma mulher como eu, que vive como eu vivo, não conhecer a guerra. Não tem como uma mãe como eu não acordar sem repetir sempre a mesma fala, todos os dias, na porta de casa, antes dos filhos saírem. A gente sabe que quando nosso filho pisa o pé pra fora de casa, ele já tem a chance de não voltar. Parece até que o asfalto ganha mais um. Por isso, a gente repete: “Leva o documento menino, não coloca esse boné, não sai assim de chinelo, não corre, vá com sua guia, não faz movimento brusco, obedece, me liga, manda mensagem, não anda em má companhia, leva o guarda o chuva.” Eu trabalho muito, e sempre vem aquela culpa de não ter ficado tempo o suficiente com os filhos, mas é a vida né? Precisamos trabalhar! No meio do caminho a gente sempre olha no olho de outra mãe e reconhece o cansaço, a culpa e o medo. Trabalhar em feira como eu trabalho, vendendo peixe, tirando dinheiro da onde não tem, pegando ônibus tarde da noite torcendo pra pegar um banco e descansar as pernas, não é saber, mas sentir na pele a batalha que enfrenta. Semana passada mesmo, falava com a Mãe Piedade. Peguei o pouco tempo que tinha e fui lá dar um abraço. Ela é outra que no fim do dia também sente culpa. Sente culpa de não ter repetido a fala com mais força pela manhã. Não sei o que é, mas tem dia que mãe sente. Tem dia que a gente acorda, olha com mais cuidado pro filho, quer fazer carinho, dizer que ama e repete a mesma fala com mais força ainda: “Por favor meu filho, ouça sua mãe, esse mundo não está para brincadeira”. Mãe Piedade disse que sentiu quando seu filho morreu.

(Com o rádio na mão, Seu Firmino diz em voz alta para a plateia como se repetisse a notícia dada.)

SEU FIRMINO- Um rapaz que sofria de esquizofrenia, precisava do remédio e foi com uma moto emprestada buscar. Foi pra não voltar. A polícia parou ele, derrubou ele no chão, algemou as mãos e os pés, os homi amarraram com fita. Xingaram como se fosse bandido, chutaram como se fosse cachorro. Vocês sabem o final da história, vocês sabem porque a gente vê como a polícia aborda um homem preto. E eu falo que a gente vê porque todo mundo percebe, mas não é todo mundo que se importa. Filmaram os assassinos colocando o rapaz

naquele porta malas com gás.

(Sai o rapaz do caixão e surge outro usando um capacete de motoboy, trocando de lugar.)

MÃE PEIXEIRA- *(Diz para a plateia)* - Mãe Piedade disse pra mim “Por que eu não disse pra ele colocar a mão na cabeça independente de qualquer injustiça? Por que não disse pra ele pra colocar o capacete?” Eu disse pra ela que a gente sempre carrega um pouco de culpa.

SEU FIRMINO- *(Diz para a plateia)* -No boletim de ocorrência, os três agentes da polícia chegaram a admitir o uso de gás, mas atribuíram a morte a um suposto mal súbito.

CORO DOS MANIFESTANTES- *(Trazem para a plateia a resposta de defesa dos policiais sobre a morte do homem.)* “Por todas as circunstâncias, diante dos delitos de desobediência e resistência, após ter sido empregado legitimamente o uso diferenciado da força, tem-se por ocorrida uma fatalidade, desvinculada da ação policial legítima”, afirmam os policiais.

BRECHT- Qualquer fatalidade foi desvinculada da ação policial. É legítimo então colocar um cidadão dentro de uma câmera de gás?

SARGENTO- Ele foi desrespeitoso, desobediente e foi resistente à abordagem policial! Isso vocês não falam?

CORO DOS MANIFESTANTES- *(Repete a fala de Brecht)* -Qualquer fatalidade foi desvinculada da ação policial. É legítimo então colocar um cidadão dentro de uma câmera de gás?

MÃE PEIXEIRA- *(Diz para a plateia)* - A gente se compadece, a gente sente medo, a gente até imagina, mas a gente não espera. Até que chegou o dia. Eu ali, no meio da feira, sinto uma peixeira transpassando o meu peito. Não sei o que é, mas mãe sabe, mãe sente. Só escutei um grito vindo de longe: “PEIXEIRA!!!! MÃE PEIXEIRA! É SEU FILHO! VENHA LOGO” foi ali que eu soube que iria me despedir do meu peixinho! Os olhos do meu filho igual ao de peixe morto. Eu sou uma daquelas mães que costumava sentir pena. Agora sou mais uma mãe que enterra o filho.

SARGENTO- *(Pergunta para a plateia)* -Mas não para de aparecer jovens nesse caixão. De onde vieram tantos assim?

MÃE PEIXEIRA- *(Diz para a plateia)* -Por causa do guarda-chuva, meu menino foi visto como marginal pro mundo, mergulhado em chuva de tiros. E o último conselho que eu dei foi pra ele levar aquele guarda-chuva porque ia chover. Como uma mãe, sabendo que vai chover, não diz pro filho levar seu guarda-chuva? Eu não pedi essa guerra, mas ela enfiou o pé na porta e não pediu licença.

SARGENTO- *(Ele pega seu fuzil e manipula como se fosse um guarda-chuva)* - Por causa de um guarda-chuva, assim como o meu, seu menino foi visto como marginal e levou tiros? Que piada, minha senhora!!

(Sai o rapaz do caixão e surge o último garoto, filho de Mãe Peixeira, que pega o guarda-chuva do Sargento e se deita no caixão trocando de lugar.)

MÃE CORAGEM- *(Para a plateia)* -Eu não pedi essa guerra, mas ela enfiou o pé na porta e não pediu licença. *(Volta para sua carroça e começa a guardar suas mercadorias)* -Não há lugares onde não exista tiroteios para nós, porque as armas nos perseguem. Assim como a miséria.

BRECHT- Que se registre que as mães deste país estão no campo de batalha há muito tempo. (BRECHT, 19, p.)

8

QUEM SE SENTA, NÃO SE REVOLTA!

Ouve-se o coro dos manifestantes ao fundo.

CORO DOS MANIFESTANTES: Com seus trancos e barrancos,
A guerra vai se arrastando.
O jeito é seguir tentando,
Sobreviver mesmo que lamentando.
Afinal, mesmo confrontando,
E só um lado sai ganhando.

(Mãe Coragem e Mãe Peixeira vão para o caixão ao centro, deixam uma flor branca e vão para seus lugares iniciais, vendendo suas mercadorias e seus peixes voltando para o dia a dia. O Padre Pastor sai de cena e o narrador, Brecht, tira a bandeira do Brasil do caixão e entrega para Katarina que se coloca de pé em cima de um banco)

SARGENTO- Ei menina! Desça daí agora! Senta!

KATARINA- Não me sento, não!

BRECHT- Quem se senta, não se revolta!

(Katarina com gritos de manifestação revela a verdade.)

KATARINA- JOGRAL!

CORO DOS MANIFESTANTES- JOGRAL!

KATARINA- JÁ ESTÁ DURANDO MAIS DE TREZENTOS ANOS A GRANDE GUERRA.

CORO DOS MANIFESTANTES- JÁ ESTÁ DURANDO MAIS DE TREZENTOS ANOS A GRANDE GUERRA.

KATARINA- O POVO PERDE PESSOAS TODOS OS DIAS.

CORO DOS MANIFESTANTES- O POVO PERDE PESSOAS TODOS OS DIAS.

KATARINA- VIOLENTAS EPIDEMIAS EXTERMINARAM OS QUE SOBREVIVEM À MORTE NAS BATALHAS.

CORO DOS MANIFESTANTES- VIOLENTAS EPIDEMIAS EXTERMINARAM OS QUE SOBREVIVEM À MORTE NAS BATALHAS.

KATARINA- NAS REGIÕES MAIS POBRES CAMPEIA A FOME.

CORO DOS MANIFESTANTES- NAS REGIÕES MAIS POBRES CAMPEIA A FOME.

KATARINA- E NAS MAIS EXUBERANTES O LUXO É PARA OS POUCOS QUE COM A GUERRA GANHA.

KATARINA- E NAS MAIS EXUBERANTES O LUXO É PARA OS POUCOS QUE COM A GUERRA GANHAM.

KATARINA- LOBOS PERCORREM AS CIDADES REDUZIDAS A ESCOMBROS.

CORO DOS MANIFESTANTES- LOBOS PERCORREM AS CIDADES REDUZIDAS A ESCOMBROS.

KATARINA- NAS MARGENS DO MUNDO, ENCONTRA-SE MÃE CORAGEM E MÃE PEIXEIRA SENDO EMPURRADAS AOS POUCOS AO PRECÍPIO.

CORO DOS MANIFESTANTES- NAS MARGENS DO MUNDO, ENCONTRA-SE MÃE CORAGEM E MÃE PEIXEIRA SENDO EMPURRADAS AOS POUCOS AO PRECÍPIO.

KATARINA- A ECONOMIA VAI MAL E A CAPITAL IGNORA A PERDA DE MAIS UM JOVEM PARA A GRANDE GUERRA.

CORO DOS MANIFESTANTES- A ECONOMIA VAI MAL E A CAPITAL IGNORA A PERDA DE MAIS UM JOVEM PARA A GRANDE GUERRA.

FIM.